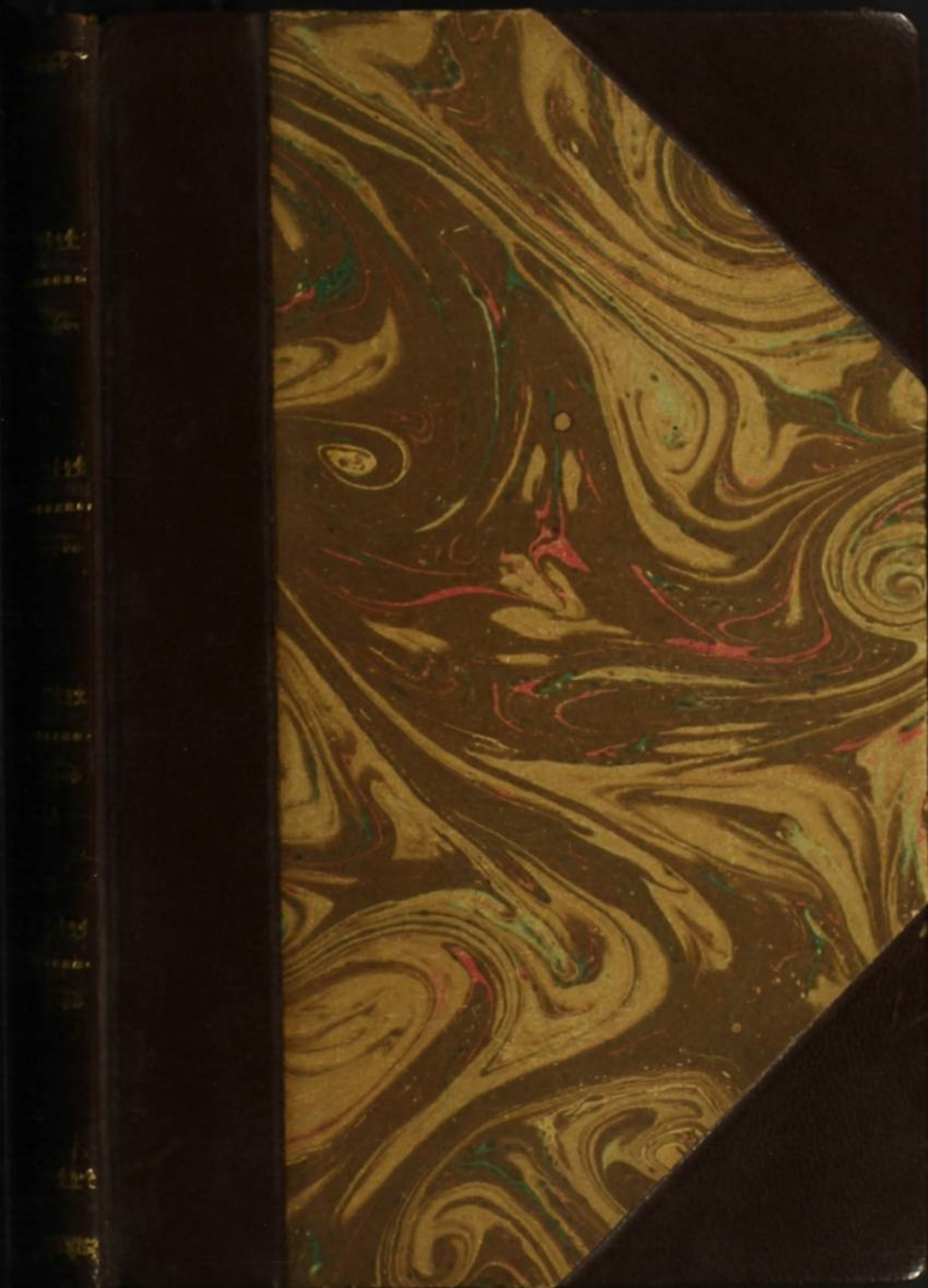
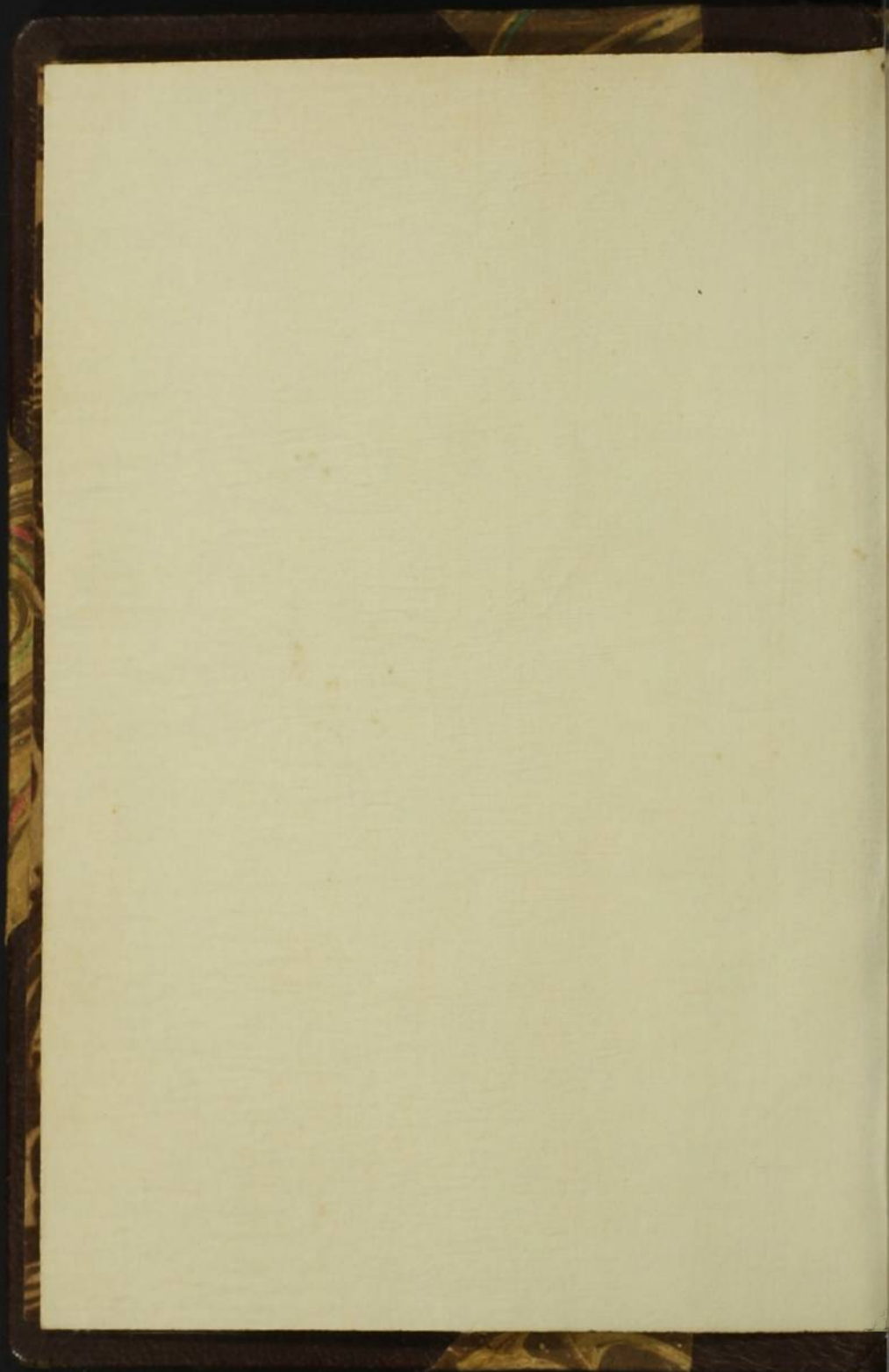
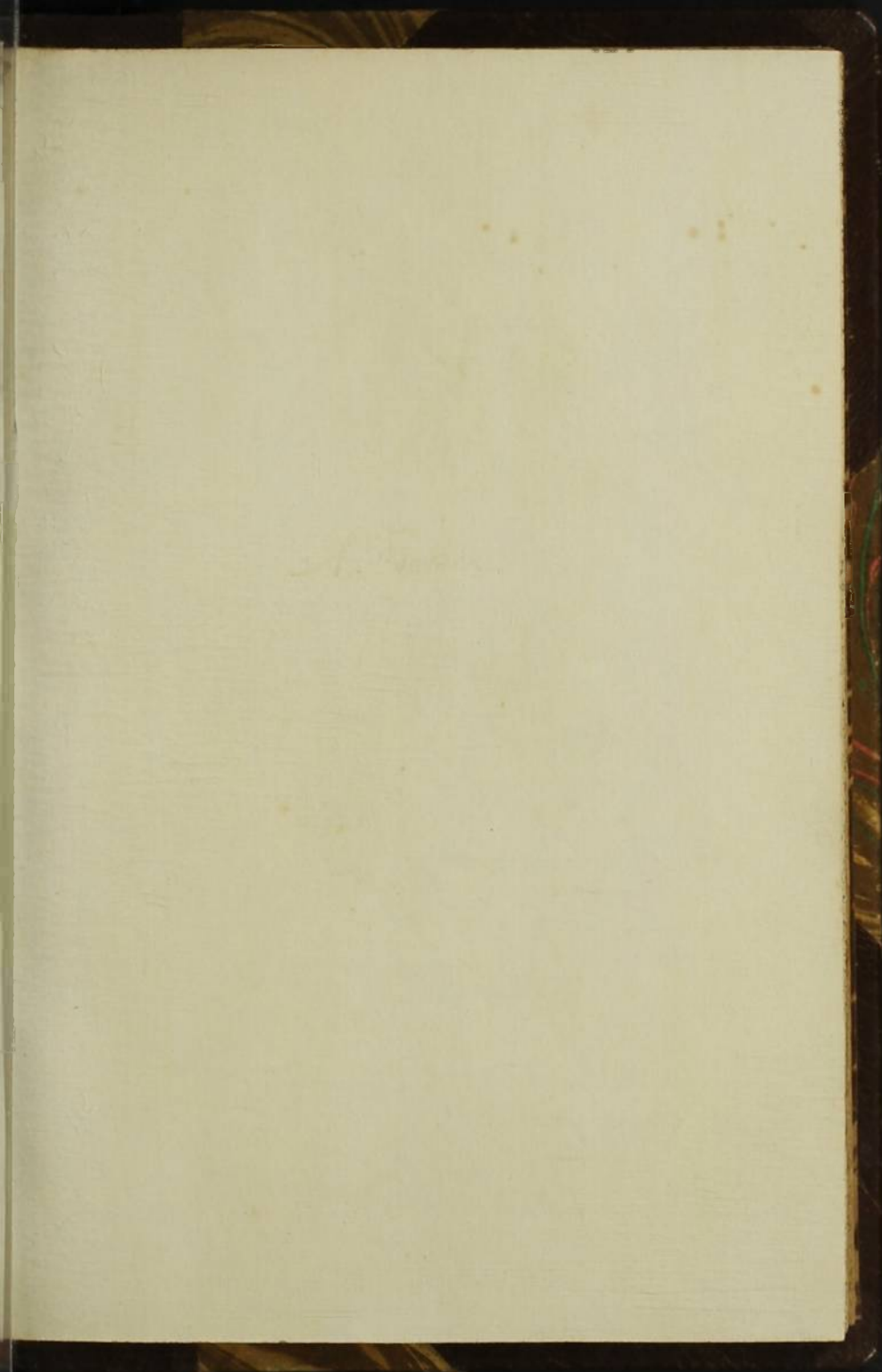


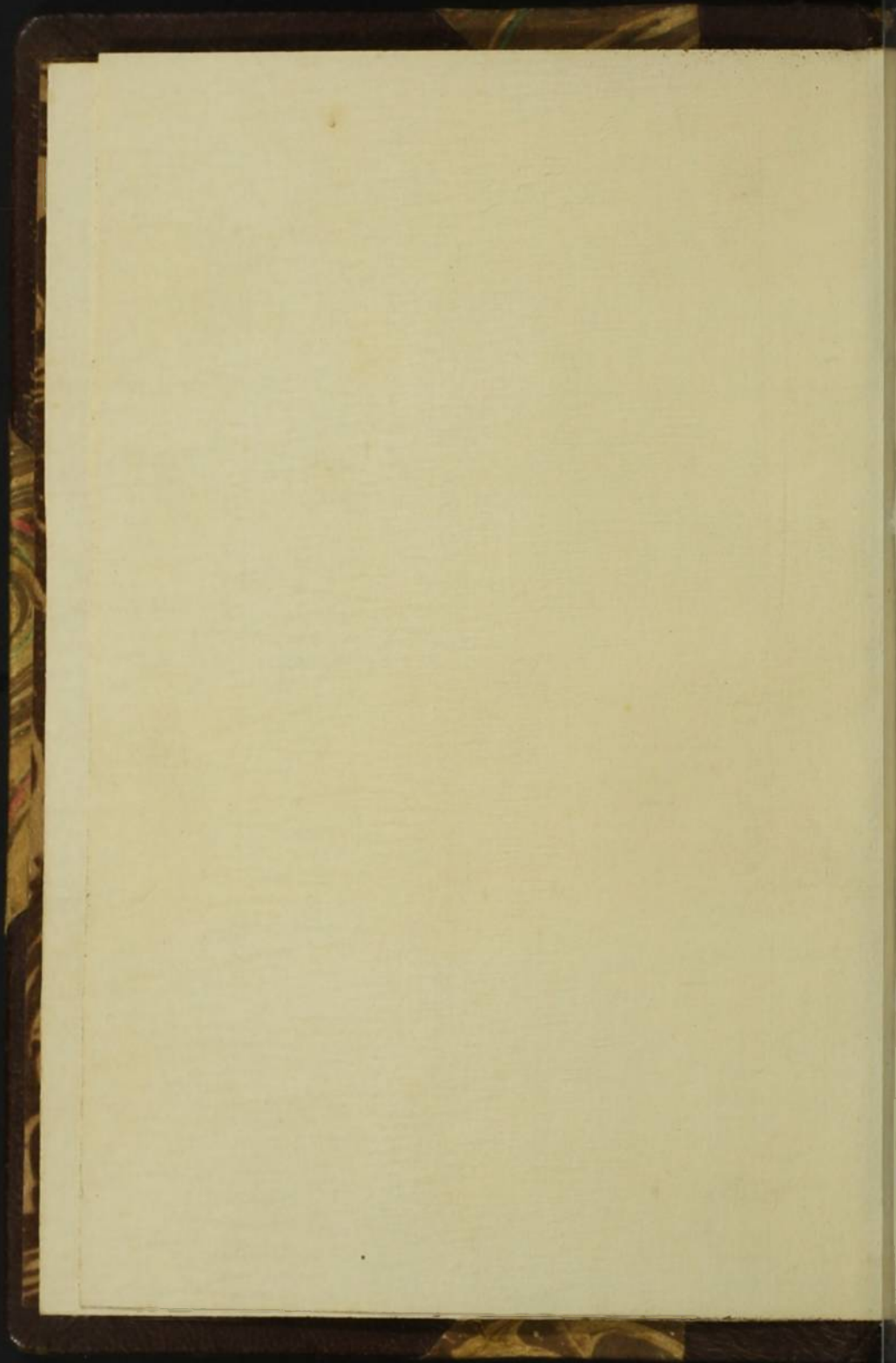


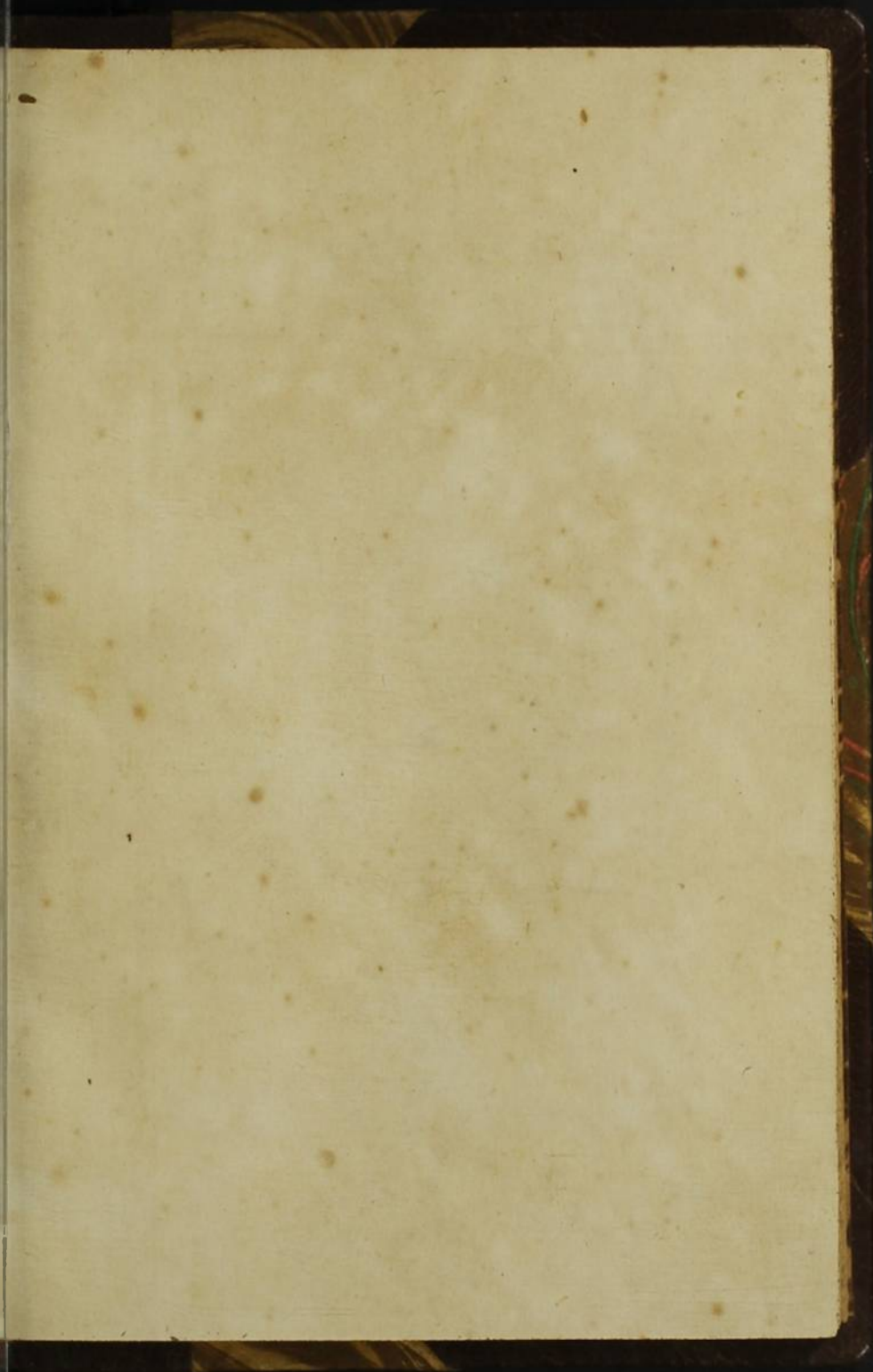


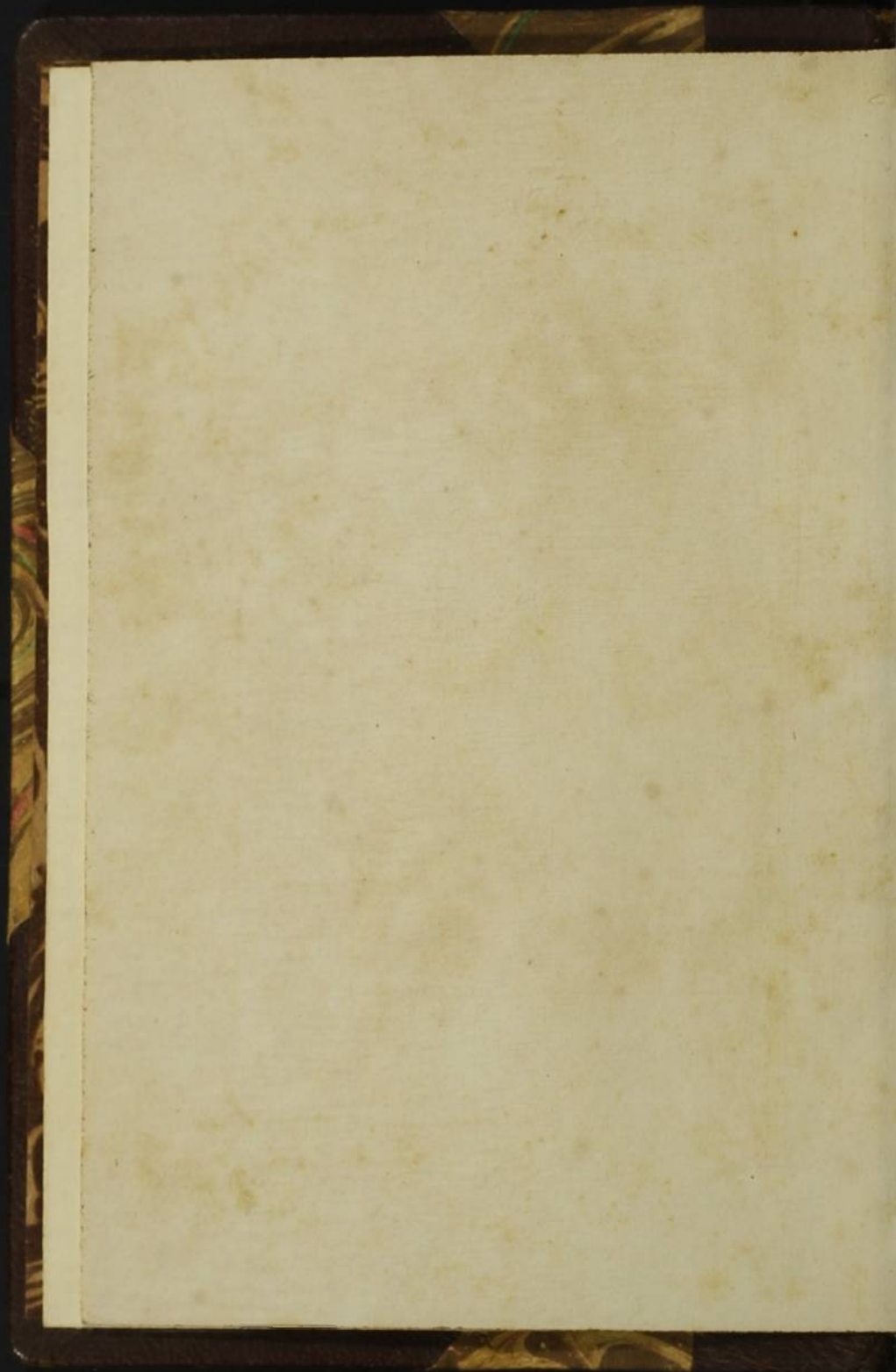








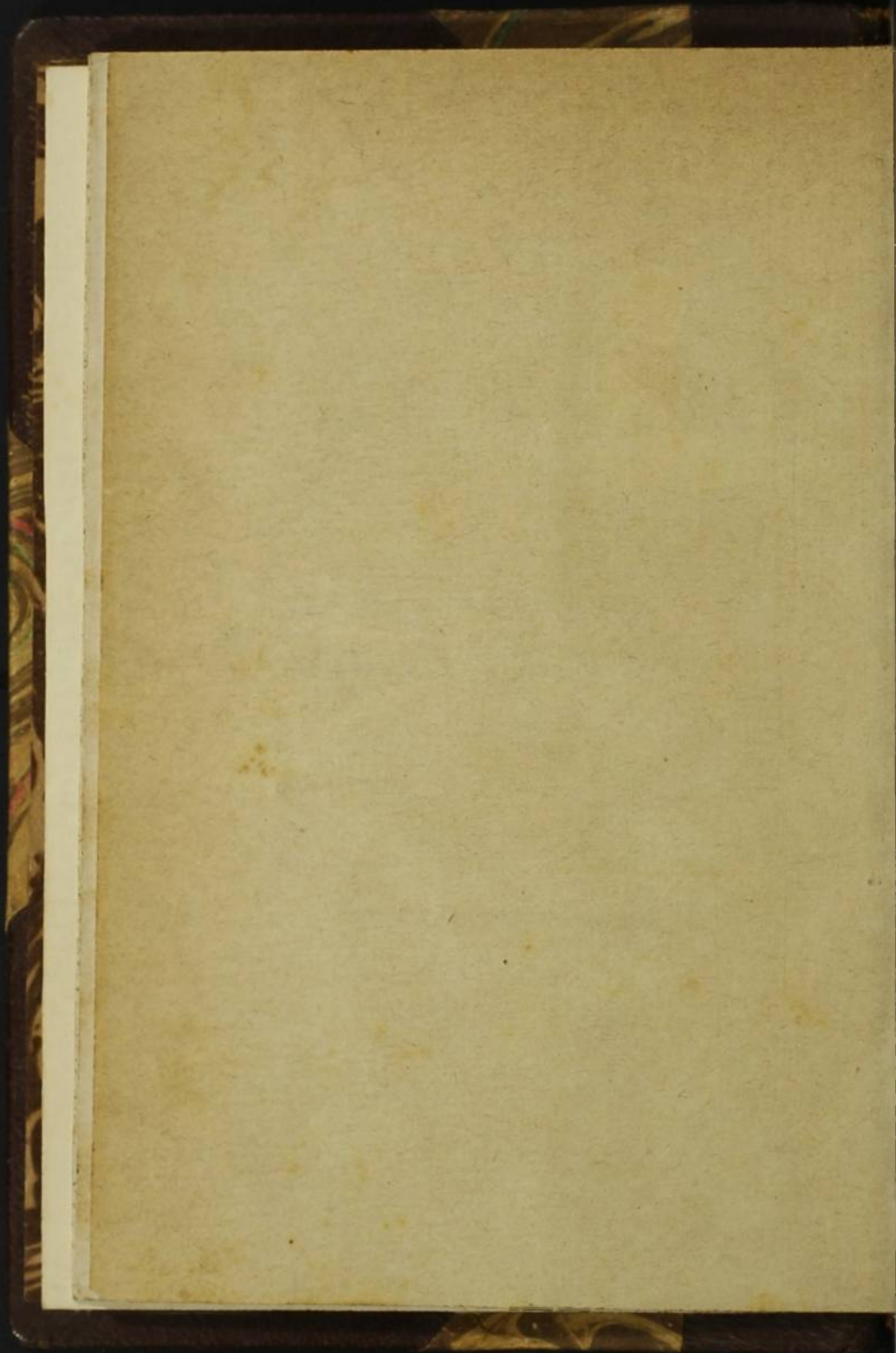








A HONRA DO BARÃO



A

HONRA DO BARÃO

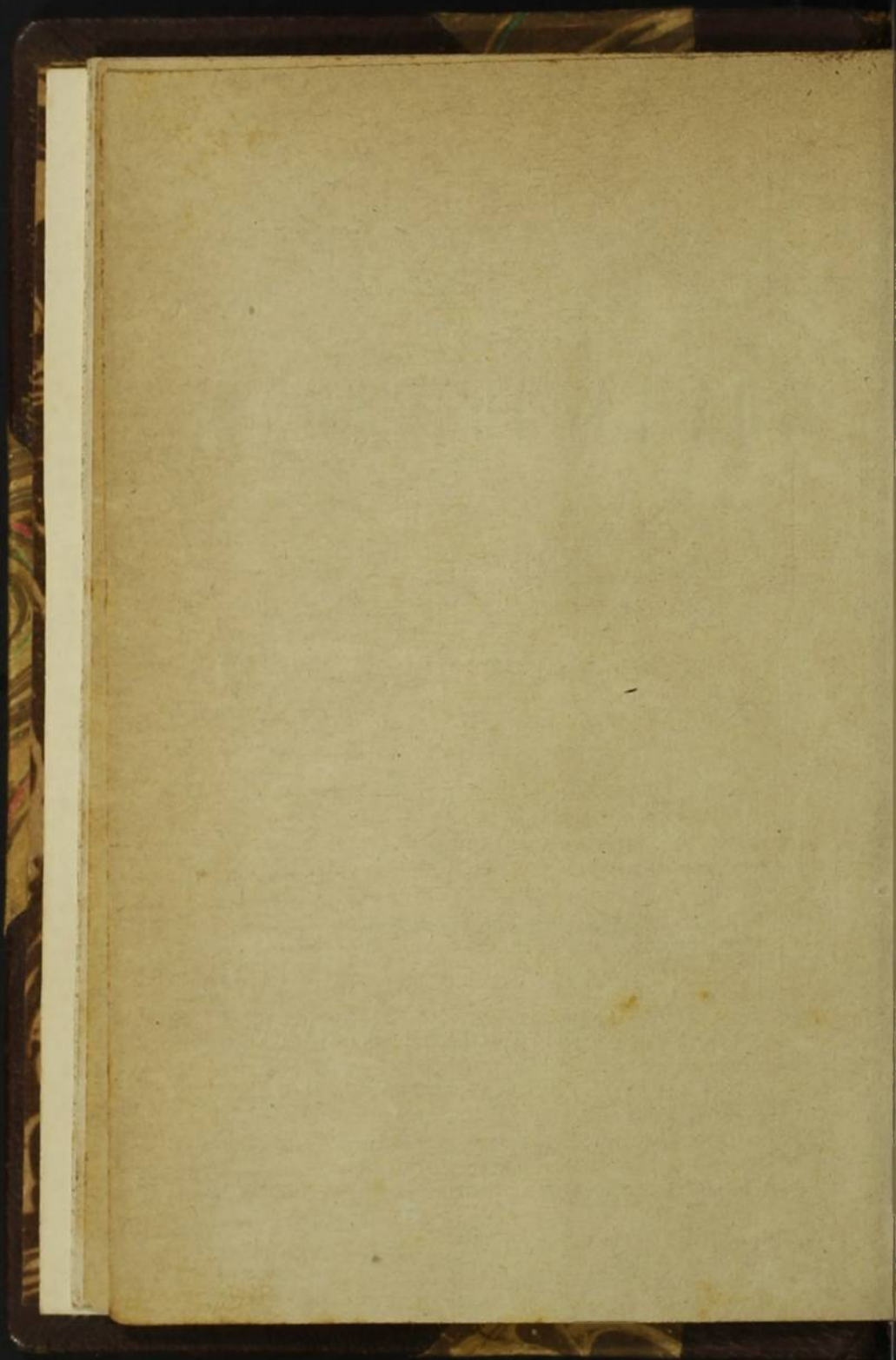
por

José Francisco da Rocha Pombe.

1881

CURITYBA PROVINCIA DO PARANA'

TYP. DA VERDADE—1881,



MORRETES, 1. DE JANEIRO DE 1881.

ROCHA POMBO.

Desde que me foi presente o teu trabalho litterario—*A honra do barão*— para dar sobre elle a minha opinião, como me pediste, debalde tenho procurado um modo airoso de livrar-me d'essa incumbencia, sem offender o teu melindre de autor, e a nossa amizade de sempre.

E isso porque tenho certeza de não sahir bem do labyrintho em que me obrigas a entrar, sem o auxilio de um fio conductor, que me preste uma qualquer Ariadne de chapéu alto e pince-nez...

Vontade de dizer verdades agradaveis sobre o teu trabalho, de ferir rudemente a tua modestia, de apresentar-te ás turbas como um moço estudioso, intelligente e trabalhador, de atirar-te á frente de adolescente a coroa que tu mereces—isto é o que eu sinto, e que me sobra.

Mas falta-me aptidão para tanto, falta-me o

que eu desejava possuir em alto grau para bem e utilidade do que me pedes, e que eu não quizera negar-te.

Falta-me a *rea* da critica, a fita metrica com que os mestres medem a intelligencia, e as suas arrojadas e sublimes concepções.

Dizer que um romance é bom ou mau, que este estylo é *empolado* ou *chato*, que aquelle trabalho é bem acabado, ou *pessimo*, que este discurso é frio, elegante ou vigoroso, que uma frase é expressiva, árdida ou obscura, tudo isso é facil, corrigueiro até, e está ao alcance de todos. Mas compenetrar-se da belleza de cada discurso, de cada frase, de cada palavra de um livro, pezar-lhe os pensamentos, medir-lhe os conceitos, apontar-lhe as imagens, d'onde transluz ao primor da forma, o conciso da expressão, e a verdade da similitude, colher n'esse vasto campo a messe abundante e fecunda, joeirando as sementes promettedoras de futuras e copiosas colheitas, isso é o que toca a poucos, o que eu não posso conseguir embora tenha a maior vontade.

E' diminuto o numero dos que sabem fazer uma critica seria e judiciosa, e são muitos os que vociferão contra uma producção qualquer, muito embora sejam destituídos de competencia.

Alem da falta absoluta de habilitações, temo que me aconteça o que aconteceu áquelle fabricante de louça, de que falla Horacio, que queria fazer amphoras, e sabião-lhe marmitas :

Currit rota, urceus exit.

Quem te viu maneando a penna acanhada e tremula de escriptor novêl (perdoa-me a franqueza) e hoje ve os traços firmes e vigorosos com que embellezas os teus escriptos, ha de, como eu, sustentar que a vontade é poderosa quando a ella se allia o estudo e a intelligencia.

De feito, eu te vi na imprensa dar os primeiros passos, balbuciar as primeiras palavras, não como a criança enfermiga e fraca, mas como o menino rosado, forte e travesso, e não podia crer que tão precocemente possesses empunhar a penna habil, que só compete aos que tem um longo tirocinio nas letras, ou um espirito profundo e predestinado para as lides da intelligencia.

Muito embora nas nossas palestras litterarias eu tivesse visto—apesar da minha myopia physica e intellectual—transluzir em tua frente de jovem a scintilla perecursora das chaminas de hoje, julgava, na minha teimosia de descrente, que só os annos te darião a coroa que já mereces, e que eu quizeria ser o primeiro a offerlar-te.

Mal sabia eu então que cada anno que passa é-te um longo estadio vencido na carreira das letras, cada dia mais um degrau que galgas na interminavel escada do saber, escada ingreme e perigosa, mas que se torna sob teus pés suavemente inclinada, como querendo facilitar-te a ascensão.

Não é de hoje que a nossa sociedade te conhece, e te dá um justo e merecido valor: é desde os bancos escolares, é desde que tomaste sobre ti a gloriosa missão de ensinar as crianças—os futuros cidadãos da nossa patria — é desde que tua mão traçou leve e intelligentemente esses tantos artigos que, de par com outros de muito merecimento, e assignados por vultos proeminentes na politica e nas letras, illustrarão as paginas da—*Escola*—jornal do Rio de Janeiro (cujo programma synthetizou no titulo) artigos esses que tiverão invejaveis transcripções, entre outras a que fez a «*REVISTA DEL PLATA*». periodico de Buenos-Ayres; dessa jóia de subido quilate sob a epigraphie de—*Doas palavras sobre a instrucção publica*—, enfim é desde que com inextinguivel patriotismo creaste o jornal *O Para*.

onde a tua habilissima penna lavrou a sentença condemnatoria dos que nos inebriantes de um dia malbarateão todo o grandioso futuro da patria.

Isso tudo não chama-se—milagre ou gymnastica—porque não és thaumaturgo ou volatim, mas chama-se—vontade e intelligencia—duas cousas que, quando reunidas, podem mover a terra, como o ponto de apoio de que fallou Archimedes.

Quem desconhece na natureza a força phyzica ou moral de dous agentes, actuando uniformemente, e tendendo para um mesmo fim?

Devo perguntar ainda quem com essa tua pouca idade (tens 23 annos apenas) pode contar tantas victorias ganhas, sem mostrar ao menos uma insignificante, mas honrosa cicatriz?

Perdoa-me estas divagações em que me perdia, attrahido sympathicamente pelo teu todo modo e intelligente, sem um vislumbre de pedantismo, pois não trazes um lapis átraz da orelha, um rolo de papel na mão e uma luneta de tartaruga pendurada ao pescoço, nem os teus trabalhos teem titulos pomposos, onde predomina a terminação em—ia—, verdadeira onomatopêa de pedantaria, que nos faz mal aos nervos, e nos obriga a dormir um somno reparador das fadigas de tal leitura.

Reservo algumas palavras para a tua producção, não palavras de critico, porque não posso ser, mas de admiração—que ella bem merece, e de animação—que tu não precisas.

Com licença.

Disse Chateaubriand: «Ce que décide du ton et des égards que l'on doit employer dans l'examen d'un ouvrage, c'est le plus ou moins de renommée, le plus ou moins d'estime qui s'attache au nom

de l'écrivain, et jusqu'à un certain degré, le plus ou moins de temps, de veilles, d'étude, de travaux que cet écrivain a consacrés aux lettres.»

De nada mais precisava eu para glorificar a tua obra litteraria, do que essas palavras de um mestre!

De feito, o tempo, as vigílias, os estudos e trabalhos que tens dedicado ás letras patrias, os dissabores que isso tem te acarretado, o sorriso da cara vilã dos invejosos, são-nos um seguro penhor da excellencia dos teus escriptos, do bem acabado das tuas composições.

Esta de que me occupo prima pela pureza de estylo, pela amenidade dos dialogos, pela justeza da phrase, e para mim, que não a olho com a severidade do critico, prima duplamente pela forma excepcional que deste ao desenvolvimento de um problema social de muita transcendencia, e pela phantasia com que o delineaste.

Se outros meritos lhe faltassem bastava para seu elogio o facto altamente significativo de ser o advogado convicto desta grande parte da humanidade—a mulher. Que bonitas frases lhe dedicas, que pensamentos profundos applica-lhe a tua imaginação fecunda e vigorosa, deslumbrada e seduzida pela cauza que defende!

Com propagandistas como tu, a cauza da mulher, é uma cauza ganha.

Adiante, e releva-me a prolixidade, porque eu não tenho a rara habilidade de dizer muito em poucas palavras.

Fizeste muito bem em não escrever um drama: não quiseste começar a serie dos teus trabalhos de mais folego pelo theatro, cujas exigencias fortemente accentuadas pelos dramaturgos da actuali-

da de, não se amoldassem talvez ao teu genio, que não quer girar em um circulo acanhado e limitado pelas regras da arte.

A tua producção é um romance para a leitura severa do gabinete, para a critica judiciosa dos salões, para a palestra seria dos clubs, e para os serões dos estudiosos.

É grandioso o thema que' escolheste, e amplo o molde em que' vasaste esse trabalho, que seria superior a tuas forças, se te não sobrasse muita vontade, muito estudo, muita intelligencia, o necessario para levar a effeito tão; louvavel e digno empenho.

Nada mais posso dizer sobre o teu livro, contentando-me em admirar-o, e recommendar-o aos homens de boa vontade, que ainda olhão as cousas deste mundo pelo variadissimo prisma da utilidade agradável ou da agradável utilidade, que eu não sei como exprimir-me quando se trata de lettras, tão devotado sea por ellas, embora nada te- nha podido produzir de bom.

A verdade, porem, é que elle é uma novidade que nos trazes, uma verdadeira gemma que engastas no corôa humilde da nossa muito humilde litteratura provinciana, pobre e engeitada crenga no convivio das lettras, onde se banquetêa a mãe—patria, que furta dos redditos de nossa desgraçada provincia, e dá-lhe apenas o estritamente necessario, para não vê-la morrer de fome.

La se mehia a penna desgeitosa escorregando sorrateira para um abysmo, cuja profundiza causa vertigem ao cerebro melhor organizado!

Última verba:

O teu trabalho não está isento de defeitos.

Seja-me permittida esta franqueza: tenho todo o direito a ella, e não preciso de pol-a em acção contra ti, porque ainda assim me serás agradecido.

Não devo, porém, nem quero tornar salientes esses defeitos; não faltará quem o faça com mais proficiência, e também quem o faça com inveja ou odio.

Eu conheço muito esta sociedade em que vivemos, e que mereceu de um celebre escriptor portuguez o epitheto de «parva.»

Não serei eu quem lhe varra a testada

Amanhã será o teu romance lido, commentado, e quiçá ridicularisado por dez ou vinte sábios, futuros membros de algum instituto, que na faina de fazerem figura, esquecer-se-hão de que se deve animar o genio, e recompensar o trabalho.

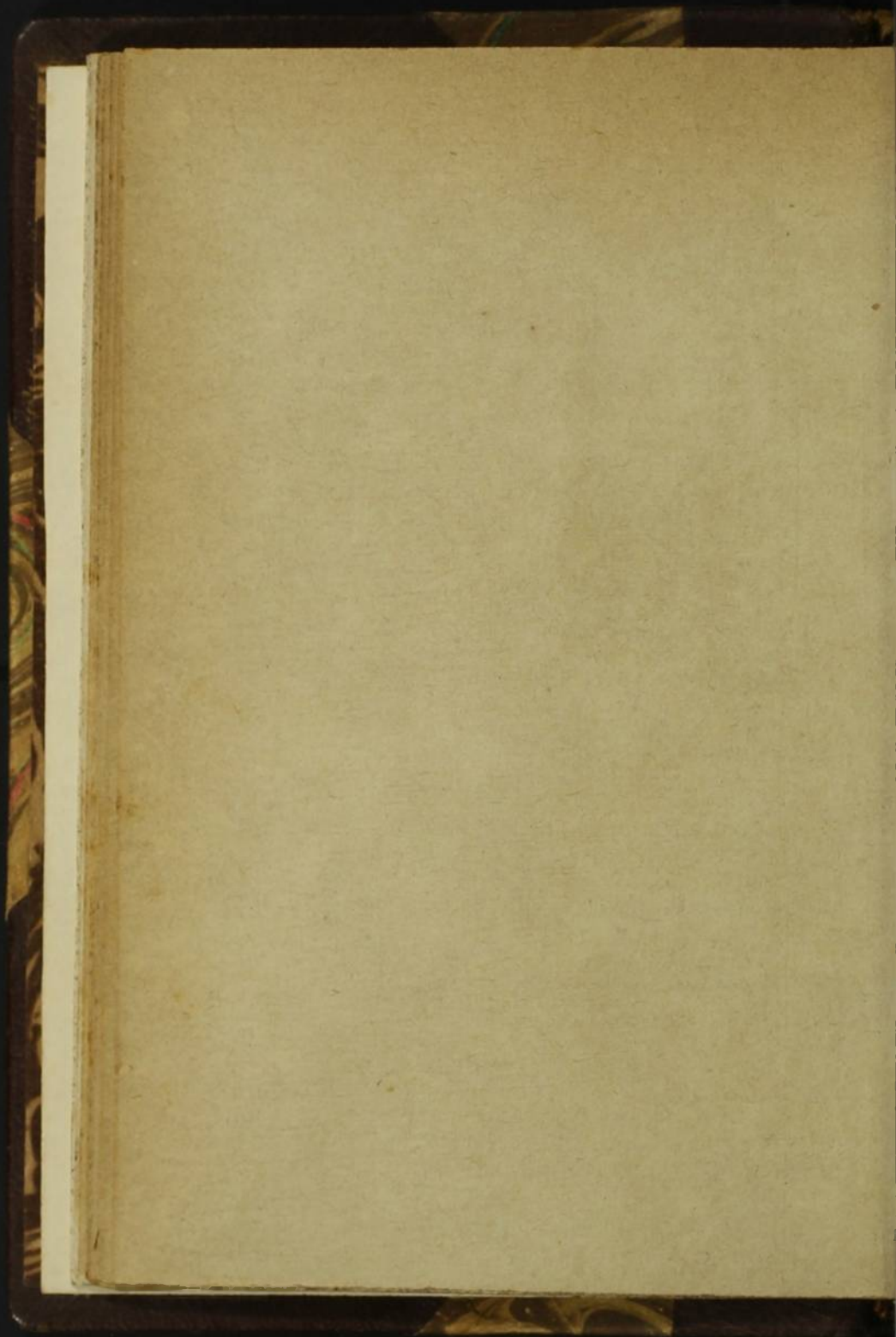
O que nos vale, é que tu estás muito moço, estudas, trabalhas, e o que é mais digno de admiração, progrides.

Termino pedindo-te que não digas a nossa sociedade que eu servi-me do epitheto, com que o escriptor portuguez brinda-a.

Tenho razoes para isso

Faze de conta que dou-te o mais fraterno e amistoso abraço, que é o melhor modo de saudar-te pelo teu romance.

J. MORRIS.



Ao leitor

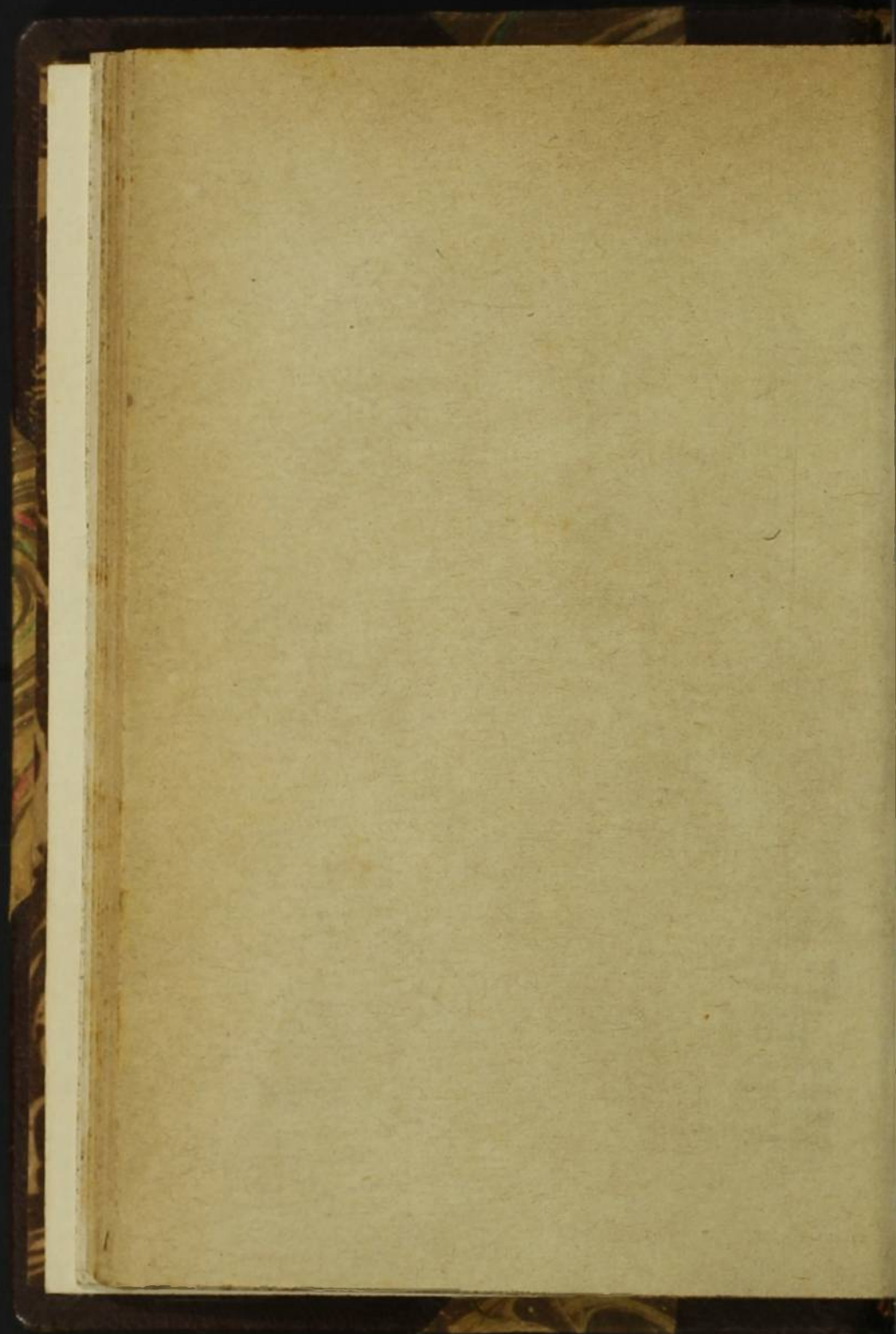
Ha mais de um anno que escrevi este pequeno romance. Na carencia absoluta de recursos proprios para publical-o, tive a imprudencia de dirigir-me á algumas pessoas endinheiradas. Nem me responderão ao pedido...

Perdida a esperança de fazer-me ler, só restou-me a esperança de não aborrecer a mais ninguém. E hoje cheguei a convencer-me de que me estava reservada uma gloria: a de eu mesmo imprimir aquillo que escrevi.

E assim vingou-me do desdém d'aquelles meus patricios: obrigo-os a lerem o meu romance.

Curityba, Julho de 1881.

ROCHA POMBO.



A HONRA DO BARÃO

I

A entrevista

Corria o anno de 18⁸⁸. A estação um pouco calorosa, mas o céu limpo. Alfredo de Sá aborreceu nos ultimos dias a officina.

Alfredo é um rapaz de 20 annos, esbelto e sympathico. É typographo e pensador. Gosta muito de politica. Estuda e discute, aprende e trabalha.

É o homem contemporaneo. Nemo amar lhe falta. Despretencioso, destituido de certos prejuizos que é facil notar em muita gente ainda, recommenda-se elle em particular por seus costumes lhanos, pelo tracto ameno e lealdade sincera de seu caracter.

Pensa muito em reformas sociaes. Pensa em reformas e ama; e chegou a reformar-se até no modo de amar.

Expirava o mez de agosto.

Debruçado sobre uma meza, onde estavam em desordem livros, papel, tinta etc., Alfredo parecia lutar com uma impressão dolorosa. Regumavão em seu rosto moreno os symptomas de uma indisposição prostradora.

Bem perto d'alli estavam no mais completo desarranjo os seus instrumentos de trabalho, e o pavimento coberto de fragmentos de papel, de calçados, caixões dispersos etc. .

—Terriveis transes!—disse consigo, levantando-se e passeiando machinalmente ao redor da meza. Ter amor e ter crenças!

Soffria de *actualidade* sem duvida. E quem dirá que ser *actual* não é uma grande desgraça para os espiritos valentes?

Lança os olhos na balburdia em que vai a officina e sacode a cabeça:

—Ê estar n'um *paraíso infernal*!

Distingue em uma tosca estante o livro portentoso de Eugenio Sue—*Os mysterios do povo*—. Toma-o e senta-se. Abre-o por acaso...e depois de ler algumas paginas...fecha-o subitamente, exclamando em tom phrenetico:

—Oh Jorge Duchêne!

Atira o livro na estante.

—Ê impossivel continuar assim—pensou o moço. Sinto...entusiasmo, horror...ou desprezo...

E levando as mãos aos cabellos desgrenhados, murmura penalizado:

—Grande confusão vai por este cerebro!.; Infames! Cynicos!.. Faccinoras!...

E, fingindo socegar-se, põe as mãos nos bolsos das calças, sentenciando emphaticamente:

—Ha de haver vingança...

O que se passava n'aquella mente encandecida pela crença? O que sentia aquelle coração, violentado pelo poder de uma paixão excelsa?

Cidadão, artista e amante—a praça publica, a officina e a noite de luar! O delirio supremo da paixão a affrontar a suprema coragem da crença!

Os epicos assomos do amor e a perspectiva contristadora dos males crescentes da patria—não tem

poder ainda para subjugar a robustez d'aquelle gigante!

Soffria e soffria só no trabalho e na lucta!

Talvez que n'essa mesma hora os moços felizes da sociedade elegante gargalhassem nos lupanares.

*

Alfredo é *pobre* e quer ser *homem* já na sociedade dos tempos.

É dos *infermos*, tem fome e quer pedir para os *pequenos*! Tem necessidade de pão e ao mesmo tempo de justiça...

É' louco.

Não lhe calleja as mãos o *componidor*. Mas ha para elle alguma cousa que pode mais do que o amor da arte, mais do que a fome até, tanto como Julia...

*

O veu funereo da noute se desdobrava sobre a terra. Soprava um vento tepido e ligeiro. Negros e sinistros bulcões começavão a sordir do horizonte.

Alfredo sente uma soffreguidão indizível.

Deseja muito, mas não sabe o que desejar primeiro.

Descerrou um pouco a porta e olhou vagamente para os lados da rua. Pouca gente. A noute inapreciavel. Um turbilhão de ideas cega o espirito do rapaz. Não ha que parafusar mais: accende o cigarro e toma a bengala.

Sae.

Passou trez vezes pela casa do barão de S. Gil. E não poudo ver Julia.

Que tormento!

Como supplicião o pobre filho das ruas!

O barão de S. Gil é o *primeiro cidadão* do logar, por sua influencia politica e titulos nobiliarchicos. O que é um *barão* ou um *tenente-coronel* dispensamo-

nos de dizer.....tão conhecidos e vulgares são esses tipos gothicos que embellezão ainda a moderna sociedade.

O barão de S. Gil odiou mortalmente o typographo, desde que soube das temerarias pretensões d'este sobre a filha de um *nobre*.

Começou a desenvolver todos os esforços para espezinhar o infeliz moço e não poupava dissabores á menina, tractando-a com rigor excessivo e brutal.

Mas Julia ama aquelle artista. A innocencia da filha contrasta sublimemente com a maldade do pai.

Ella ama por nobreza.....e que culpa tem que o pai não seja nobre pelo amor?

E a desgraçada deve obdiencia passiva á autoridade paterna! Nem lhe permittem ir á janella sem ser acompanhada de pessoa da familia!

Como se trucidava uma criança!

Não podendo ter a felicidade de lobrigar ao menos, por entre as cortinas do aristocratico salão do Sr. de S. Gil, a estrella que lhe fascinava o espirito, Alfredo julgou dever ir á palestra com os seus amigos do *Club do povo*.

Adiante explicaremos o que é o *Club do povo*.

Proximo ao entrar, elle percebeu um tanto baixo:

—Sr. Alfredo.....

Elle virou-se para traz.

—Eis o que estou incumbida de lhe entregar.

E Alfredo desdobra um pequeno bilhete:

«Hoje, as 11 da noute, na janella da salinha, sem falta. - J.»

—Procurei o Sr. Alfredo pela manhã e não pude encontrar-o: não sei se ainda é tempo de cumprir o meu dever—disse a portadora do bilhete.

—Muito boa. Obrigado.

Vacillou Alfredo por algum tempo em resolver si deveria ou não faltar a noite com os amigos.

São 8 e meia. E' muito cedo pois.

Ouvia elle a conversa animada dos companheiros.

Alguns indagavão os motivos da demora do typographo e impacientes já começavão a increpal-o da falta.

O moço subio.

—Oh! —exclamaram todos.

Formavão o club Ricardo Dias, André de Souza, Sylvio de Moraes, Luiz da Rocha e Antonio Guimaraes.

—Já notavamos a tua demora, Alfredo — disse-lhe André de Souza, levantando-se com certa satisfação.

A' isto o artista respondeo com um suspiro.

A familiaridade desculpava sem duvida a incivil inadvertencia.

—Pareces tão preocupado, meditabundo....o que tens?—perguntou-lhe Sylvio.

—Pouca cousa, ou antes, nada....—respondeo Alfredo.

—Nunca te vi assim.....

—Ora, devo ficar aborrecido um dia...si vivo n'um inferno.....

—Já te comprehendo —pronunciou Sylvio. Viste o barão hoje?

—Não; nem jamais procurei vel-o. Essa pergunta eu não esperava, com tanto desprendimento e simplicia; vês que estou seriamente constrangido....

—Mas explica-te, homem.....

—Ora.....

—Fui pouco avisado sem duvida.

—Sinto-me ensandecer de dia para dia.

—Não viste Julia?

—Não.

—Foi hoje visitar minha familia. Porque não vi-

pareceste? Não sabias?

—Sabia, sim.

—É porque deixaste de ir vel-a?

—Pois me julgas capaz de abusar....?

—Como?

—Cres que eu deva prevalescer-me da tua amizade para trahir os cuidados do Sr. barão de S. Gil?

—Não te conheço hoje.

O moço ficou pensativo.

E Sylvio continuou:

—Pois hoje todos notarão que lá não fosses quando és íntimo de minha família....

—Nada importa essa circumstancia.

—Julia passou a tarde impressionada, triste, chorosa....

—Aquelle desgraçado..... E'muito opprobrio!... Maldicto!....

—Mas, Alfredo, Julia pensa contigo. O que tem ella com que o pai seja um parvalhão cheio de preconceitos? Porque te não has de condoer d'ella?

—As tuas palavras cruciã-me.... De certo desajas ver-me *lamber as patas* de um javardo? Meu amigo, na officina—trabalha-se, geme-se, tem-se fome, é verdade, mas uma fome hourada; na praça publica—é-se livre; mas nos corredores de um palacio—um homem avilta-se, perde o brio e a honra!

Calarão-se.

Sylvio passeia distrahidamente de uma á outra extremidade da sala e Alfredo toma agua de uma bilha que está sobre a mesa.

Os mais discutem assumptos politicos e sociaes

—Sabes já que *os homens* preparão-se para festejar o imperio no 7 de Setembro?—tornou Sylvio sentando-se juncto de Alfredo.

—Agora sei.

—O mais *acceso* é o jesuita...

—Pudera não !...pois elle quer ser bispo...

—E tu crês?

—Que elle chegue a ser bispo?

—Sim...?

—Pois não? Eu creio tudo...

—Eu tambem nao duvido.

—Mas a *festança* em que se resumirá, não sabes?

—Em banquete e passeiata.

—Estamos na epoca dos banquetes...

—É mau signal.

—Isso não. Eu penso pelo contrario; enquanto elles derem de comer....serão tudo....

Sylvio rio-se ligeiramente.

—Banquetes perigosos forão apuelles prohibidos por Guizot e que derribarão o throno de Luiz Fellipe, em 48..... —acrescentou Alfredo.

N'esta occasião são attrahidos pela conversação dos outros amigos, que se exaltavão gradualmente.

—« Attila! Calígula! Nero! Cromwell! Os Borgias! Os *Cruzados*! Dyonisio! Os Medicis! Os Napoleões!..... etc... »

Estas palavras vagas se destacavão da animadissima discussão.

—Ah! tractão dos mestres da humanidade —disse Alfredo levantando-se desaperebidamente.

—O que dizes? —perguntou Andre de Souza. Mestres da humanidade?

—Sim — respondeo Alfredo.

—Estamos applicados á um thema muito importante —redarguiu aquelle.

—Não sei qual é o thema; digo apenas que fallarão nos mestres da humanidade.....

—Não convem que cassoes agora — advertio Ricardo Dias.

—E eu observo outro tanto aos amigos. Estou fallando muito serio —retrucou Alfredo, accentuando as ultimas palavras.

—Mas como vens com *mestres da humanidade*?—

arguiu de novo André de Souza.

—Pois não nomearão Calligula, Nero, Napoleões, Borgias etc. ?

—E são esses os *mestres da humanidade* ? —interrogou Ricardo em voz alta .

—Si esses homens soubessem ser reis e papas sem serem monstros, a humanidade teria o estímulo da justiça para chegar á civilisação de hoje ?

—Muito bem ! —disse Sylvio batendo palmas .

—Lograste-nos com muita argucia — confessarão os outros disputantes .

—Mas, qual é o thema sobre que versava a discussão ? —perguntou Alfredo .

—E' da mais alta transcendencia: « Qual a origem da civilisação actual ? »

—A origem da civilisação ? Onde a acharão ?

—Estavamos ainda investigando — respondeo Andre. —E agora contamos mais com o teu auxilio.

—Hão de encontral-a em si proprios . Seguindo o *methodo synthetico*, remontar-se-ão ás eras mais remotas e d'ahi começarão um grande gyro, uma longa excursão pelas edades, pelos diversos povos e nações que tem existido e chegarão por fim a convencer-se de que a origem da civilisação é o—homem—.

—Logo o facto da civilisação moderna é muito natural ? —perguntou immediatamente Andre de Souza, revirando os olhos e fazendo uma horrenda careta.

—Sim senhor ! —disse com voz firme Alfredo de Sûz: o principio, a origem dessa civilisação é a perfectibilidade, que constitue o distinctivo caracteristico, essencial do homem.

—Gostamos muito de ouvir-te — atalhou André de Souza; e desta vez eu tenho particular interesse em apanhar-te n'um paradoxo tremendo .

—Ora, bem; n'esse caso entremos seriamente na questão . En digo que a civilisação actual e ainda

outra civilisação mais deslumbrante á que chegue amanhã a humanidade, é o resultado natural do homem. Essa civilisação é o homem, em *summa*, em *synthese*, é o producto da perfectibilidade humana; e essa perfectibilidade é que destingue o homem dos outros animaes.

—Até ahí —bem —intercallou Sylvio.

—O progresso na ordem social —continuou a expender Alfredo, se faz por meio de *acções e reacções*.

—Mas a influencia dessas *acções e reacções* sempre se pronuncia na ordem social? —inquirio André de Souza.

—Agora te deixaste amalhar, Alfredo —disse Ricardo Dias apresentando-se ao typographo.

—Sempre —afirmou este. Á essas *acções e reacções* eu chamarei simplesmente —*revolução*. A revolução sempre deixa alguma cousa, algum beneficio.

—E muitos males as veses —acrescentou André.

—Sim senhor —accudio Ricardo Dias.

—Para mim, sempre ella deixa algum beneficio.

Destrúa embora alguma cousa na ordem economica ou politica: o resultado não se manifesta ahí, mas no *predicamento moral*, na *capacidade social* do povo. A *revolução* accende os espiritos, desenvolve no homem a consciencia do proprio valor, na consciencia o valor da independencia e liberdade moral.

—Mas como se explica então a queda das *civilisações pagãs*? —arguiu André de Souza.

—Da mesma forma porque se explica a decadencia do imperio romano.

—Mas os povos da Grecia e de Roma, por exemplo, valião-se muitas veses da *revolução*?

—Mas faltava-lhes a liberdade moral, a consciencia da acção. Erão povos —não revolucionarios mas que tresvariavão nos grandes enthusiasmos.

Querião e se interessavão muito com effeito pela republica, mas não conhecião nem estudavão o meio deste interesse. Juravão na *consciencia* do momento, mas não *contractarão*. Faltava-lhes finalmente a *razão*, a *luz da revolução*: a *intenção da justiça*. E porisso mesmo é que as *civilisações pagãs* desapparecerão como o florsecimento das ideas christãs. Estas ideas annunciavão *justiça* e a aspiração da *justiça* creava a liberdade moral. Assim pois as *civilisações pagãs* tinham em si mesmas o germen da destruição: a falta de *consciencia* e de *justiça escripta*. Ainda assim, todo o brilho d'aquellas civilisações proveio da *revolução*. Em toda a grande e variada lauda da historia encontramos exemplos em favor do que acabo de dizer e que no teu entender, Andre, parece um paradoxo.

—Mas eu ainda não estou satisfeito—obtemperou Andre de Souza.

—Eu vou continuar a explanar o meu argumento. Os *pagãos* se achavão embotados por um *myzticismo* horroroso. O *mosaismo*, o código do Sinay, estava desprestigiado. Moysés e Jehovah nada mais significavão. Um barbaro *mythologismo* obcecava os espiritos. Os *deuses* da fabula não promettião *justiça* nem fazião códigos: erão enfarruscados, terriveis, formidandos. Jesus Christo apresentou um só *deus*, um deus melhor, isto é, um ideal de *justiça* e os meios de realisar esse ideal. A humanidade aproveitou esses meios, não somente para chegar ao ceu, mas tambem para chegar á uma sociedade mais feliz; e assim o Christo compatibilisou o CEU com a SOCIEDADE, a SALVAÇÃO com o PROGRESSO. Foi uma revolução enorme, porque o paganismo reagio. Dos fins do seculo XIV ao XVI operou-se outra grande revolução. As doutrinas do *petroleiro* nazareno estavam sendo exploradas em proveito das paixões: surgiu a reforma, resuscitarão os apostoios nos espiritos po-

tentes de Wicleff, de J. Huss, de Erasmo, de Zwingli, de Calvino e de Luthero ! Foi uma epoca de revivescencia universal. Nas primeiras officinas de Moguncia começou a rebrilhar a luz que se sumira em Jerusalem, havia quinze seculos ; e outros grandes inventos e descobertas parecião acompanhar o enxame de ideas que se soltavão triumphantes. No ultimo quartel do seculo XV, Colombo descobria o Novo Mundo; e temos ali os trez factos mais gloriosos da civilisação : O ESTABELECIMENTO DO CHRISTIANISMO, A REFORMA E O DESCOBRIMENTO DA AMERICA ! O christianismo trucidou a religião pagã, cruel e enervante; a reforma confundio a *religião adulterina* dos papas; e o descobrimento da America rasgou novos e vastos horizontes às ideas que alvorecião esplendorosas. Este ultimo facto é sem daviada o mais importante. Teve elle lugar : uma epoca em que o genero humano espernegava debaixo do azorrague do despotismo e da tyrannia. Conhecido um novo continente, rico e virgem, os povos da Europa, sem liberdade, sem justiça e sem bem-estar, emigrarão para esta terra do *El-Dorado*. Na America os servos do mundo antigo acharão não só liberdade e paz, mas ainda abundancia, vasto ambiente onde expandir sua actividade. Reflectindo então e comparando a felicidade que gozavão na nova patria com as misérias e exacções de que erão victimas sob o dominio dos suzeranos, os colonos forão tomando repugnancia pelo paiz natal, onde tanto já haviam provado. E assim tiveram rapido incremento as ideas de independencia e liberdade. De seu lado a reforma minava os baluartes do despotismo europeu. Da *religião* passava-se á *sociedade civil*, e do *dogma* ao *privilegio*. Ambos tinham de ir por terra. Já não se aspirava só a liberdade de consciencia, mas a democratica igualdade dos direitos civis. Divulgadas as grandiosas ideas do EVANGELHO, tombava o intolerante *theocra-*

tismo de Roma, para resurgirem a caridade e a tolerancia christãs. A emancipação dos Estados-Unidos apressou o enormissimo cataclysmo de 89, em França, isto é, na Europa. Aquelle pavoroso incendio social refundio o *servo* e o *senhor*, formando d'elles a grande individualidade moderna-o *cidadão*-. Era um prenuncio da futura concordia humanal. O 89 fol assim a mais violenta crise, a phase mais saliente e notavel d'essa immensa revolução de quatro seculos, que decorre desde os primeiros annos da reforma até o presente. É verdade que o despotismo napoleonico tentou neutralisar os effeitos da catástrophe; mas não conseguiu-o de todo: o privilegio, a tyrannia e o dogma resuscitarão para de novo cruciar a França, mas grandes bedefícios restavão aos povos. As nações se animarão a reclamar e a fazer decretar constituições e outras instituições liberaes, como o *jury*, com sentenças motivadas, o *poder judicial* forte, independente, inamovivel, com graus de *appellação*; e muitas outras. Napoleão, procurando conciliar o antigo estado de cousas com as ideas e conquistas da revolução, fez o seu *Codigo*, o qual foi invejado e imitado por muitos povos. A maior parte das colonias da America se sublevarão e proclamarão sua independencia, adoptando as formas mais democraticas.

—E' verdade —interronpeo Sylvio suspirando; todas as nações da America se fizerão republicas: só no solo do Cruzeiro germinou a arvore exotica da monarchia! Como se explica este *democratismo americano*? E Como

—Muito bem: pelo odio ao absolutismo despotico, ao dominio terrível das metropoles....

—Só o nosso infeliz Brazil é que ficou excentrico neste livre continente! —exclamou Sylvio.

—E' porque admittio, na sua independencia, uma transacção vergonhosa. Si o povo, em vez de acci-

tar essa independência como um favor, em vez del se ter deixado vender, luctasse, conquistasse sua autonomia politica a custa de sangue e de grandes esforços e sacrificios patrioticos, como fizeram gloriosamente o Chili, o Peru, a Bolivia, a União Americana, a antiga Confederação Colombiana, etc., não seríamos hoje um povo fraco, atrozado e inepto. Em vez de um Bolivar, de um S. Martin, tivemos os servis Andradas, um D. Pedro I, cujo unico fito foi degradar este innocente Brazil. Mas iamoz perdendo o fio da discussão primitiva: fallavamos da revolução de quatro seculos e da mortífera explosão de 89. Nos paizes, onde até essa epoca imperava o regimen feudal, começou a estabelecer-se a *monarchia constitucional*, que não é mais do que uma transacção entre o passado e o presente, admissivel por certo para os que sahião dos ferros do despotismo. E a grande revolução continúa, meus amigos, porque hoje conquista-se ainda e conquista-se sem treguas, não com espadas e arcabuzes, mas com a penna e a palavra, armas sem duvida mais nobres. A consciencia, caminhando a par do progresso social, liberta-se completamente do *ascetismo* enervante dos conventos e dos oratorios. A razão derribou o dogma, como o direito derribára o privilegio; e em vez do *dogmatismo*, em vez do *myxtilico theologismo*, tivemos o *racionalismo*; em vez da realza absoluta, tivemos o conluio da monarchia constitucional. Ora digão, meus amigos, as conquistas da sciencia não são *revoluções*? E hoje o espirito humano solta novos vãos. O *racionalismo* valia-se da *metaphisica* e era preciso bater a *theoria* e a *doutrina especulativas* e apparecerão os *systemas* de philosophia moderna, que se assentão na *experiencia* e na *observação*: só procede a *verdade positiva*. Não é uma revolução gigantesca na sciencia e na sociedade? Não vemos o combate estridente e glorioso dos grandes

homens contra o erro? Büchner, o grande e sabio autor da *Force et Matière*; Auguste Comte, da *Philosophie Positive*; Emilio Littré, Spencer, Lamarck, Darwin, não estão sendo odiados e perseguidos por meio mundo de ignorantes e fanaticos? E' que o *experimentalismo* acabou com o *direito divino* e com a *infalibilidade*....

---É com a razão....--disse Sylvio.

---Isso não; a *philosophia experimental* quer que a verdade proceda da *razão* e da *observação*, de uma consulta mutua, de uma combinação destas duas forças. Nunca a sciencia poderá prescindir da *razão*; deixa o *racionalismo*, porque este se subordina á *metaphizica*....

---Concordo, sim, senhor--disse André de Souza.

---Mas então --continuou Alfredo, depois de uma curta pausa; a civilização actual é ou não resultado da *revolução*? A *revolução* é ou não natural para o homem?

---Eu aceito que a *revolução* seja o homem --confirmou Sylvio.

---E, meus amigos, Cuvier, Cousin, Reid etc., cairão diante de Comte e de Darwin. O mesmo *eclectismo* é nullo para a sciencia moderna.

---A *sociologia* --disse André, uma das sciencias mais complexas, é que tem feito menos progressos....

---Pelo contrario; desde o principio deste seculo ella se tem desenvolvido maravilhosamente --opoz Alfredo.

---Mas quasi que permanece o estado de cousas do seculo passado --tornou André.

---Ora, não cassoes.....--observou Alfredo.

---A monarchia hoje vae-se constringindo n'm circulo de ferro --disse Sylvio.

---O André quer-nos ouvir fallar.... Si elle olhasse, da Europa onde se acha confundido, para a

America, não diria aquillo.

---E' verdade; bastava isso --acudio Sylvio.

---O que eu acho exquisito, em politica, é o *proselytismo* de Benjamin Constant, e em religião, a *atitude reformadora* de Leão XIII. O *juste milieu* perdeu-se e o *syncretismo* Leão XIII deve estar convencido que é impossivel hoje. Em que deo o *juste milieu* de Luiz XIV? O que fez a *philosophia religiosa* dos primeiros seculos do christianismo? Hoje, é preciso confessar, é inadmissivel o *meio termo*: ou Gambetta ou Cassagnac. Sahir d'aqui é ser especulador como Jeronymo Napoleão. Nada de posições indefinidas; nada de *meio termo*.

--Pois eu penso que, diante da patria não deve haver nem *baixo termo*, nem *alto termo*, nem tambem *meio termo*; mas o *termo geral* de Laffayette --disse André.

---Não: para mim é de muito bom senso a indiferença em assumptos de religião e de consciencia, a indiferença, a impassibilidade livre, tolerante na extensão da palavra. Em politica, não aceito *meio termo*, porque o *meio termo não se equilibra*. Como já disse: Gambetta ou Cassagnac.

—E Thiers então?—perguntou Andre.

—Não; não admitto a politica das occasiões, politica das necessidades, dos paroxismos... Não sou dos Girardin, nem dos Broglie.....

—Apoiado-interveio tambem Luiz da Rocha. Me fazes lembrar o que se deo com dcis senadores francezes, quando votou-se a rejeição da lei do Sr. Ferry, que prohibia o ensino jesuitico: «--E' preciso acabar com os jesuitas».---«Mas o senhor votou contra a lei que lhes prohibe ensinar?!».....«Pois é por isso mesmo: si a influencia d'elles sobe até o senado, quanto mais entre o povo.»

--E bem interessante essa historia referio Alfredo.

E houve entre os clubistas um momento de des-

—Enzo.

—Eu gosto deveras destas discussões—recomeçou André. E entristeceu quando vejo este povo tão indifferente pelos estudos serios

—Em nosso paiz, André, é preciso que o homem não pense muito, disse Alfredo.

—Mas é também preciso que a mocidade não dê nem signal de applauso á esse desgraçado costume, retrucou André.

—Sim; desde que ha um proposito de regeneração social—acrescentou Sylvio.

—Ahi meus amigos, quanto temos que trabalhar, nós, os moços! ---exclamou Alfredo.

—Eu fico parvo e bruto, si me volto para o Brazil : chifon ! é o melhor---accudio André.

—Tens razão---applaudio Alfredo de Sá tomando a bengala e o chapéu.

Elle tinha de retirar-se.

Faltavam 3 minutos para as 11 horas.

Enquanto os amigos continuão nas diversões litterarias, Alfredo desce a escada do sobradinho. A cidade dormia já.

As ruas estavam medonhas. O systema de illuminação, sendo muito defeituoso, deixava que apenas nos extremos das ruas se pudesse bruxolear a luz bacia de um lampeão.

Poucos tem observado attentamente o quanto é lugubre e fetrica uma rua ao abandono da assistência publica ! E' um espectáculo estupendo que poucos contemplão como Alfredo !

S' havia 6 horas dava signal de vida : agora, parecia resonar descuidosa E' um cemiterio um cemiterio sem cruz talvez.

Durante quasi todo o dia o tempo foi de rosas : as 10 horas porem, quando Alfredo estava no *Club do povo*, se desprendera uma chuva torrencial, e

as ruas ficarão lamacentas.

Alfredo ia calmo, mas suspeito.

Ao approximar-se da janella em que Julia devia esperal-o, parou um pouco, accendeo o cigarro, procurando disfarçar-se, quando poudo perceber que na janella do barão estava alguem. Não era prudente porem chegar de prompto. Simulou ir passando, quando um *psiu* sublime, divino, um *psiu* inconcebivel o capacitou de que era Julia quem alli estava.

Chegou timidamente.

— Parece tão receioso e desconfiado? . . . — perguntou-lhe Julia a meia voz.

— Demorei muito, não ?

— Espero-o ha 15 minutos pelo menos.

Depois de todos os cumprimentos, deliciados na effusão intima de um amor nascente, entrarão em conversações mais *extranhas*.

Alfredo, sempre respeitoso, amavel e delicado.

E' preciso tambem saber amar.

Luctar e amar — é o destino do homem. Luctar — é a vida; amar — é mais que a vida, é o applauso da vida, é a bem-aventurança, o resplendor, a gloria da lucta.

Alfredo sabe amar.

Da discussão passára á entrevista: da linguagem dos homens tinha de passar á linguagem do amor, que é a linguagem dos anjos. E como a palavra lhe foi rapida do cerebro ao coração !

— Vem do *Club* ?

— Estive la com os meus rapazes. . .

— Mas retirarão-se hoje cedo. . .

— Não; eu retirei-me antes da hora habitual: elles ficarão ainda.

— E a causa fui eu, não ? — interrogou-lhe Julia com uns ares crúeis de arrependida.

— De que ?

—De deixar os seus amigos tão cedo?...
Os seus amigos.....

Que subtilidade nessa pergunta. Julia, si não fosse a modestia que a innobrecce, sem duvida já teria imposto á Alfredo não ir mais ao *Club do povo*. Por que? Vejão só: —porque lá, diz ella, se tracta de politica...

O que é ser filha de barão—digamos baixinho sem intenção de offendel-a. Pois porque a mulher ha de aborrecer assim a politica? Porque a mulher não ha de ajudar o homem a pensar? Accaso a mulher não tem patria? E a mulher não é a metade do homem? Porque não há de ser tambem a metade do cidadão?

Mas é que a unica patria de Julia hoje é o typographo.

Alfredo comprehendeu bem a tirada, mas dissimulou:

--Quer sem duvida castigar a minha falta de pontualidade, não é?

--Ora!...tanta prevenção.....

—Oh!...Julia...

—Você parece que me entende tão pouco, Alfredo!—disse a menina mostrando affligir-se.

—E você me perdôa?

—O que?

—Sentí-a zangadinha...—disse Alfredo tomando-lhe as mãos alabastrinas.

—Ah...cassôa co'migo, heim!...

Aperta a dextra de Alfredo.

Que affabilidade!

—Você não teme esfriar as tuas mãosinhas de velludo?

—São de neve....não se lembra?

—Ah....guardou? E essa neve não se rarefará ao calor de um beijinho?

Ella pejou-se ligeiramente. Ficou rubicunda e

baixou os olhos. Um sorrisosinho de eloquência inexprimível se lhe inflorou nos lábios carmezins. Alfredo percebeu o enleio d'ella e procurou disfarçar delicadamente

—Mas que contraste!—exclamou elle deixando escapar um suspiro.

Julia encarou-o obstinadamente como que perdendo a definição da exclamativa.

—Alfredo!...

Omego calou-se. Rapido silencio.

—Alfredo... — continuou Julia impaciente; teu nho-te achado completamente mudado, sempre triste, arredio de mim, indifferente... e... pareceo mesmo... apprehensivo... serio... arrufado...

—So vejo n'isso um desejo de affligir-me...

—Nao; voce ha de jurar aqui em minhas mãos, ha de jurar que eu sou tua...;

—Que voce é minha?

Que expressão melliflua e feiticeira para um namorado....,

—Sim....jure....

E esta teima de innocente...

—Mas teu pai...?

Ella entristeceu.

Como a mortifica essa adversativa fatal!

Alfredo encommodou-se.

—Bem: eu juro...

Julia largou as mãos do artista, recolhendo-se um pouco, parecendo ter-se assustado.

—O que foi?

—Olhe lá para a esquina...

—O que?

—Não, vê uma luz quasi ao rez do chão?

—Será alguém?

—Parece...

—Mas não percebo.

—Lá está—disse ella apontando para o lado op-

posto da rua.

—Socegue.

E durante alguns minutos não disserão palavra. Contemplão apenas o soturno silencio da meia noite.

Desfez-se logo a illusão optica. A luz do lampeão da esquina de frente, refrangendo-se n'uma porção d'agua da chuva estagnada na valleta, simulava aos olhos dos dous jovens uma luz pensada....

—Porque você não foi hoje á casa de Sylvip? —perguntou a menina, tomando de novo as mãos de Alfredo. Estive lá de proposito para te ver.

—Foi-me absolutamente impossivel.

—Muito lidou, não é assim?

—Não; hoje até não trabalhei.

—Então escreveu?

—Não tambem.

—Andou a passeio?

Innocente curiosidade de quem ama,

—Não —ainda.....—teimou Alfredo com um movimento de cabeça....gracejando descuidosamente.

—Então não acerto —disse ella com um desdém.... amoroso, exímio, inimitavel, matador....

—Estive a pensar na minha vida desenxabida.

—Não: o que eu creio muito —oppoz a menina tímida e hesitante, é que você....se preocupa somente com...com negocios...de politica... Nem tanto se requer....

—Engano. Tenho apenas em vista o dever de cidadão. Quando tiver o meu *evangelho*, hei de trabalhar mais....

—Qual é o *evangelho* que você quer?

—E' preciso que seja você....

Ella impressionou-se. Muito distrahida e absorpta, brincava com os dedos de Alfredo, quando este reflexionou gravemente:

—Devemos vencer, Julia.....

Ella suspirou.

— Até que ponto, Alfredo, você julga que pode ir a minha dedicação por um homem ?

— Como a pergunta é um pouco vaga, eu devo responder...

— Com franqueza...

— Reconheço as virtudes de teu coração de anjo: poderá ir até o sacrificio...

— Não me fez justiça ainda : poderá ir até o crime...

Alfredo estremeceu.

— E esse homem só pode ser você — acrescentou ella n'um arroubo supremo de paixão.

O moço, commovido e extático, não disse uma palavra.

Julia fitou-lhe um olhar interrogativo . E elle, sempre receioso e muito apercebido da occasião, e mesmo confundido pelo transporte d'aquella alma de virgem, pouco attentava para o desprendimento innocente de quem o ama tanto...

— Meia noite — disse Alfredo distrahidamente a mostrando o relógio a luz da lamparina que ardia sobre um aparador juncto a janella .

— Ainda é cedo . Espero que tenho um pedido a fazer-te .

— Parece que teremos mais chuva.

E enquanto elle abotó a *sobretudo*, ella esconde castamente o decotado do vestido .

— Ainda tem gente no *Club* ---disse Julia indrindo com a cabeça o sobradinho, onde estavam os moços .

---Aquelles rapazes não cansão .

— Mas que viver assim, meu Deus.....

---E' um viver moderno... O homem deste século não dorme

Estava já a calir no seu elemento.

— Mas, qual é a ordem que você me quer dar ?

Ella embarcou-se .

— Ah....o pedido...

— Sim...?

— Voce me ouvirá?

— Sempre...

Aia-la assim ella trepidou um pouco.

— Pois...o que eu te peço é....

— O que?

— Está bem, nada...—disse ella erguendo-se do peitoril da janella.

— Então me posso ir...?—perguntou Alfredo, querendo vingar-se da hesitação da travessinha Julia.

— Não... eu digo—acudiu ella tremulando.

Oh...o Alfredo agora é para Julia um *mestre* e um *medico* habilissimos... Não ha *dôr de dente* que a encommode na presença do seu *doutor*... Ella não tem *habitos* nem *manhas* diante de tão amoravel *mestre*. A unica *enfermidade* por ora incuravel para a menina é o *delirio erotico*... E para isso o *medico* é o barão de certo...

Julia já devêra ter observado a Alfredo que amouros só servem para amores pouco serios...

— O que eu te peço...é que voce ...não goste tanto de... politica...

— Que pedido!—exclamou Alfredo rindo. Porque então?

Ella acanhou-se.

— Ora...é motivo de barulhos, de inimizades, vanganças etc. .

— Então não devo ser cidadão?

— Longe d'isso... Eu so quero que voce não se comprometta...

— É quem ha de lidar então?

— Nós....—disse ella inconscientemente.

— Logo....

— Mas era meu desejo apenas que voce...não....

— Não brigasse com os grandes?

—Ora...

—Mas, Julia, eu fico insoffrido vendo o mundo todo trabalhar...

Elle fingia não poder decifrar aquellas reticências...

—Si eu pudesse trabalhar com voce...teria tambem o teu enthusiasmo...

—Quem sabe si o sr. de S. Gil me persegue porque eu trabalho?

—Não sei; nada o tenho ouvido dizer n'esse sentido.

—Pois, si assim fór, eu consolo-me...

—Porque eu serei tua, não é?—perguntou Julia, castigando com uma risota delicada a sua...toleima, a sua...venturosa immodestia.

—Porque voce é...—affirmou Alfredo apertando-lhe levemente um dos delgados dedinhos.

—Porque eu sou tua?—tornou ella enrolando distrahidamente um pedaço de papel de côr que tomára de cima do aparador,

—Parece...

—Conclua...

—Sim...não te parece tão difficil...para crermos tanto...já?

—Não, porque eu te amo—respondeu ella: disto virá sem duvida a minha tola e leviana credulidade...

—Si attendermos á isso, o que voce julga que eu responda tambem? O que voce pensa de mim?

—Ja o tenho dito muitas vezes... E é por essa razão que eu me considero feliz...feliz quanto desejava.

—E porque não sel-o-emos ambos?

—Sim; seremos...digo - somos já...

—Somos já?

—Sim...

—Mas so temos soffrido tanto...

—E não é felicidade soffrer pela pessoa adorada?

—Ah... astutasinha...espirituosa...—disse Alfredo batendo-lhe de vagar nas mãos.

Ella sorriu n'um impeto de doçura e de amabilidade.

Depois de alguns momentos, o moço moveu-se soffregamente.

---E' tarde, Julia, e temo te cansar...

---Deve ter achado longa a estafa, não?

---Voce quer vencer-me sempre...

E' meia da madrugada....

---A noite está tão feia....

---Não tenho medo, não.

---Não tem?

---Não; levo você commigo. E você é uma santa, capaz de energizar o espirito mais fraco...

Ella sorriu meigamente-

---Muito bem: eu vou com vocee voce fica commigo: serve?

---Sem duvida .

Apertão-se as mãos com certa expressão indescriptivel de intimidade e de amor .

O final de uma entrevista amorosa é sempre triste. Um adeus entre duas crianças que se endoçoão é sempredoloroso.....

---Julia....

---Espere....

E ella tira do seio um pequeno emburulho e o põe no bolso do collete de Alfredo, advertindo-lhe:

---So em casa, em teu quarto poderá voce ver o que é.

---Está presa a minha curiosidade .

---Vá depois de amanhã á casa de Sylvio, sim?

---Depois de amanhã?

---Sim . Passe sempre por aqui.....

---Vou sonhar muito esta noite .

Dá-lhe um beijo nas mãos .

Alfredo retira-se. Tinha de andar pouco felizmente. A casa em que residia era na extremidade da mesma rua.

Julia arria a vidraça com muito cuidado. Grande silencio reina em casa. Todos dormem.

Ella é uma criança tímida e medrosa, mas com a phlegma e coragem de uma sancta, toma a lamparina e vai accommodar-se imperceptivelmente.

O que faz o amor?

Julia conta apenas 15 annos de idade. É uma linda menina de olhos pretos, tez morena e macia, um tanto pallida, d'essa pallidez divina que deslumbra e prosterna; as sobrancelhas um tanto cerradas e negras, rosto oval, nariz bem feito; uns labios rosalinos orlão-lhe a boquinha; enfim é um typo perfeito de brasileira, de seductora moreninha desta terra de palmeiras. Moralmente é docil com ternura, lhana, amavel, sem vislumbre de vaidade aristocratica, meiga e desejavelmente prendada.

O barão, façamos-lhe justiça, foi um verdadeiro pai na educação da filha. Tambem nestes tempos o dinheiro e os *crachats* não lhe poderiam ser escapatorio para um proceder diverso.

Em casa, Julia traça ordinariamente um *baton* escuro, com decote acairellado de roxo.

Não uza espartilho.

Faz muito bem. Esse meio de compostura é selvatico. E Julia não carece de reboço, não é hypocrita.

Acompanhemos Alfredo ao seu dormitorio.

O rapaz chega á officina evidentemente satisfeito e crente. O seu primeiro cuidado foi ver o que Julia lhe havia posto no bolso.

Tira-me pagueno enlelado de papel, contendo dois anneis de *allura* e um bilhoteinho.

«*S.* — Sabe voce para que te mando as *allura*-cas? Enja as tronce em meus dedos durante alguns dias; quero que v. seja o mesmo com annos, devolvendo-me depois uma d'ellas. Desejo ter comigo um objecto que v. tanta occupado ... Mance-me sem falta no dia 6. Não va esquecer-te. — Tua J.»

—Coitadinha ... — disse Alfredo suspirando artisticamente ao terminar a leitura.

No dia seguinte o typographo não podia de modo algum deixar a officina, onde o esperavam muitos trabalhos. Passára sobredito toda a noite, sem poder conciliar o somno. Futurava as grandes venturas que poderia fruir um dia com a sua Julia, sonhava tantas glorias, exultava declamando como doudo, levantando se do travesseiro; mas afinal dava com a realidade tremenda, com esse espectro horrivel: a pobreza!

Havia momentos em que elle se efficiava de Julia, para abysmar-se no pego profundo de outros impossiveis.

Alfredo tinha escripto um livro de versos epicos o —*Poema da vida*—.

Pensou um dia em dar á publicidade essa obra. Mas como?

Foi ter com um velho e rico negociante, tporem este replicou-lhe:

—Que garantia o sr. offerece?

—A minha palavra é a unica —respondeo Alfredo modestamente.

—E qual é a garantia de sua palavra?

—O meu passado —acudiu o moço com a grave e altiva dignidade de um artista.

—Ora não devaneie, homem — tornou atrevidamente o capitalist.

Alfredo medio-o... e com brio energico profligou

o despejo e a insolência do velho ourreiro:

—O sr. não tem mais do que o direito de recusar o meu pedido.

—Como estão ficando estes meninos ! Pois você já quer emprestar dinheiro ? E para que ? Para cousas tão inúteis ...

—Senhor !... basta !...

—Pois você pensa que eu trabalho para desperdiçar ?...

—Pora d'aqui, eu lhe pegaria estes insultos com uma bofetada...

—E não respeita estes cês, creança mal-creada ?

—gritou o negociante fazendo um movimento repulsivo.

—Deves respeitá-los tu primeiro, velho infame !

—gritou mais alto o typographo retirando-se.

Esiavão a desvanecer-se todas as suas esperanças.

E quanto não lucta essa grande alma !

Toda o esplendor, toda a magnificência desse espirito insigne contrasta com essa sociedade de *catuças*, que se resume no barão e no capitalista !

Julia e o *Poema da vida* !

O amor e a glória...

Magico concerto !

Mas a perseguição e a fúria ?

E a perspectiva horrorosa da fome ?

Que tormento !

Este heroe ainda escuta os ais da patria !

Alfredo volta os olhos para a officina.

Passa-lhe tempo para seisar.

Lavor todo o dia applicado em afanosos labores... Em preciso trabalhar. Era preciso escolher entre o sacrificio de João e a miseria de amanhã...

A tarde, a ler das supremas elegias, o amor

gor lhe assonhou aos lábios, o aborrecimento, a aflicção o prostrarão !

Alfredo não sahio de casa nesse dia.

Deixemos esse desventurado artista a gemer e trabalhar delirante e sedento na officina.

~~~~~

## O caipira

A *rua do bispo* é uma das principaes da cidade de S<sup>\*\*\*</sup>, não só pela actividade commercial que entretém, como pelos edificios importantes e estabelecimentos de industria.

Quasi todos os proprietarios industriaes são estrangeiros.

E isto é geral no Brazil.

Esta observação que não passe desaperccebida ... Que os leitores reflectão muito sobre a inopia de nosso genio nacional. Si temos alguma pequena industria, devemo-la aos colonos das outras nações. As artes e os officios uteis e até o commercio vão sendo abarcados pelos estrangeiros.

Mal de nós si não fera a actividade dos outros povos.

E ainda assim não temos a lei da *grande naturalização* !

Este Brazil é um typo perfeito de ingratidão, de pequenez e de impostura ....

Seria bom que, como uma vindicta de honra, vo-  
sso da Rússia para esse melle terrível e soberano.  
—*Paris, Terra e Liberdade!*

É preciso, é muito preciso que o brio nacional  
se levante.

Mas, como dissemos, a *rua da bispa* é uma das  
principaes da cidade de S...

Vai ella ser theatro de muitas scenas tragicas e  
curiosas.

Em casas dessa rua, residem, um pouco distan-  
tes um do outro, Alise la e o barão de S. Gil. No in-  
tersticio dessas duas moradas, quasi equidistante  
dellas, ha um pequeno sobrado, que atrae a at-  
tenção do transeunte por esta taboleta um tanto  
enigmatica:

«*LABOR PRO NOVO*»

—*Labór pro Libertate.*—

No interior desta casa pouco ha a descrever.  
Uma tosca mesa no centro da salinha da frente,  
uma pequena estante com alguns livros, cinco  
cadeiras grosseiras e velhas, duas cadeiras de fer-  
ro ja um pouco desconjunctadas, e... e nada mais.

Sobre a mesa estão sempre muitos jornaes,  
phosphoros etc. Ha tambem algum *Cognac* em  
um armario, que *felizmente* se acha occulto n'uma  
canta sala do fundo.

No sobradinho mora Ricardo Dias com um pe-  
queno rapaz que o serve excellentemente. Alli cos-  
tunão reunir-se muitos moços para lerem jornaes.



A nobreza, entanto, ao grande do lugar, ha-  
via no estado de guerra, se não de guerra, e de todos mo-  
dos, não se sentia a molesta da guerra, e o ex-  
ercito de milícias, e a guarnição, que muitas vezes vi-  
via, e comia a custo de pessoas estranhas, leva-  
das pelo interesse, que despertava a applicação  
daquelles cidadãos á assumptos e mysteres que  
entravam no commercio.

Para todos os tipos de reação, alguns anti-oxidantes são extremamente eficazes e imperitáveis para a maioria dos tipos de reação.

V. todos en 4 de Septiembre.

La pelus belloras da manhiã, mais cu menos, va-  
mos encetar no Clao d'oporo Ricardo Dias, André,  
Sélio e Luiz de Paula.

Conversação sobre a politica do imperio.

Não val a pena....

Usam a casta o rei e o ministro. Sinimbu, outros  
verão com mais vigor a subserviência de Sinimbu  
como de quasi todos os estadistas brasileiros.

—Então o Sr. D. Pedro é o sábio, o democrata, o bom, o innocente desta terra?—perguntou Sybio com iracundia.

— Não me oppoz Ricardo Dias; mas bavemos de concordar que o servilismo dos ministros é que tem nos acostumado mal.

sim, senhor. Este rapaz é um grande pensador.

Neste século e antes mesmo, em todos os tempos, os maiores inimigos da monarchia tem sido os aduladores.

Quem perdeu Luiz XVI foi a nobreza e o clero, sempre dispostos a subservir descaradamente em favor da *causa catholica*.... O que levou Carlos I de Inglaterra ao cadafalso e o que fez de Cromwell

um tyranno foi a adulação.... Forão os padres ganantes e a cortezania insaciavel que derribarão em Queretaro, junto com o imperio do Mexico, a cabeça do Maximiliano I.....

Finalmente quem esboroa os thronos são os proprios amigos do poder.

A realza, si não fosse nescia e estúpida, poderia ser sempre grande.

Si os reis abrissem um dia os olhos diante dos aduladores que os sorrabão, serião mais felizes e mais uteis .

Que boa lição lhes offereceu Mahamoud !

Mas como podem os reis conhecer bem os seus inimigos ? Como elles podem servir a sua propria e a felicidade dos povos, si elles, os reis, estão sempre rodeiados de infames palacianos, que lhes exaltão o poder e as qualidades pessoases ? E' difficilissimo encontrar um *cynico* que não esteja disposto, a qualquer hora, em jejum mesmo, a dizer que o rei é um *grande sabio*, um *democrata*, um *patriota inextinguivel*, um *sancto* mesmo

Que desgraça para os privilegiados ! Enfunão-se e põe-se acima dos homens, acima da justiça, acima do mundo !

E isto é a monarchia.

Como pois a monarchia não hade viver sempre sobressaltada ?

Os principes são a gente peor cá da terra. Mas elles não tem culpa. *Todos* lhes dão os meritos mais nobres que elles não possuem, todos adulão-nos baixamente e elles são *obrigados* a convencer-se de que são mais do que homens. Não precisão de ser honestos e caridosos, não precisão de ser sensatos, não precisão de ser instruidos, porque não ha quem negue ou duvide que os principes são honestos, são caridosos, são sensatos e instruidos !

Para que trabalhar, para que estudar ? Para

que ser bons e activos, si elles não de ser reis, isto é, OMNISCIENTES, INIMITAVEIS ?

A missão de um principe neste mundo é ainda a mais triste, a mais vil, a mais indigna: *é nascer...*

Depois...dormir sobre o throno...E alguns são tão hediondos que até deixão cahir-lhes das mãos o sceptro....

Um throno para um homem de juizo equivaleria bem um altar.

O rei é senhor de tudo: das graças, dos titulos, dos empregos. Poder perpetuo, tem todos os poderes temporarios á seu lado. O que mais para ser endoado ?

Deixar de ser parvo.

Ver ao menos os adulaadores, que são os inimigos mais temiveis do throno.

Ricardo Dias comprehende perfeitamente isto. Sylvio é que ainda tem pena do desgraçado Sinimbá.

—Eu convenho com isso, Ricardo; mas has de confessar tambem que do paço tem sahido muitos homens sem poderem realisar as ideas que a nação toda aceita e ate reclama.

—Porque ? —acudiu Ricardo.

—Porque o rei não consente—disse Luiz da Rocha.

—Muito bem —approvou Sylvio.

—E si todos os politicos que fossem ao poder tivessem dignidade para sustentar essas ideias, o rei não havia de ceder por fim ?—perguntou Ricardo Dias.

—Esta!—exclamou Sylvio. O que é então o rei ? Um monstro, uma feral ? Devemos agradecer ainda que não nos faça mal ? Os homens publicos, alem do dever de serem patriotas, tem o de fazerem com que o rei o seja ?

—E' verdade: querendo as boas ideias, tem ainda



de forçar ou de pedir que o rei as quizesse! — acrescentou Luiz da Rocha.

— Bem; mas então concordemos que o rei e os maldictos cortezaos são os nossos verdadeiros inimigos... — concluía Ricardo.

— Para mim é o sr. D. Pedro um grande inimigo de nossa pátria. Contraímo-los os mais ardentes entusiastas desse príncipe.

— Como?

— Da me a colla! — continuou S. Cirio. O imperador é um patriota extremo e um sábio defama; e, si consultarmos sobre elle só um peder da mago, como ninguém ousará negar, está entendido tambem que é o único *responsável* pelos nossos males... Nada mais claro. Si posses todos esses excellentes predicados que lhe saíram os seus apologistas, si intellectualmente scientíficamente está superior a todas as illustrações do paiz, não he negar que ao imperador, mais do que a outro qualquer brasileiro, cumpre promover a prosperidade nacional... Mas tu dizes, Ricardo, que o imperador não faz isso, porque não o obrigas os estadistas? — Responde....

— Mas os estadistas devião ao menos collaborar com elles...

— Já vais fugindo... e eu aproveito a tua irreflexão. Devião collaborar, sim, senhor; e estou certo que o fariam... si o sr. D. Pedro o quizesse... Mas como não de collaborar elles, os estadistas, si o imperador tem vontade absoluta?

— Si os estadistas nada valem....? — acrescentou Luiz da Rocha.

Ricardo Dias parecia se deixar vencer, e afinal:

— Querem saber o que nos falta? — Ilhomens de vergonha....

— Com homens de vergonha bem poderíamos prescindir do rei. — disse Andre de Souza.

—Logo o rei por enquanto é imprescindivel? — perguntou Ricardo.

—Eu não sei, meu amigo...—responden. Andre. As cousas de nosso paiz vão tão tristes e vergonhosas....é tanta desgraça.....não sei....

—O Ricardo pensa ainda que os estadistas devem collaborar com o rei --reflexionou Sylvio; os *grandes homens*, pelo contrario, pensão que o rei não tem nem o dever de collaborar com os estadistas.....

--Digão o que quizerem; os amigos hão de ver como vai abater-se a actual situação liberal.

—Se D. Pedro soubesse dar character aos seus ministros, assim como sabe estragal-os !....considerou Luiz da Rocha..

—Fallo da situação liberal!....o rei é a *mão de gato* de tudo quanto temos visto.....

—Isso é que eu não posso ouvir, porque os *liberaes* não se entendão, com tantos annos de experiencia; porque não se convergão ? Na minha opinião, o *partido liberal*, como o vemos, não tem razão de existir; é um partido inutil, sem tramontana.

—Não fallemos de partidos: para mim *liberaes e conservadores são farinha do mesmo sacco* —avançou Sylvio.

—Os *conservadores* são mais serios -- observou Ricardo.

—Concordo tambem-- disse Sylvio; mas o meu partido é o do povo...

—O meu é o dos amigos, é o do interesse...--gracejou André.

—Ah !...es discipulo de Bentham, heim.....—accediu Luiz da Rocha.

—E' o que val, meu amigo — tornou Andre.

—Homem....é verdade !....

—E's então do partido do povo, Sylvio; logo és contra a monarchia -- raciocinou Luiz da Rocha..



—O que hei de fazer? E' bom que se desabusem assim os *tartufos*... Então so porque almejo reformas, porque peço o que todos os brasileiros devem pedir, devo ser estigmatizado como inimigo do rei? Eu hei de sustentar o meu character de cidadão americano, embora incorra na suspeição, no odio mesmo da monarchia. Só quero o bem de meu paiz sem me importar com formas de governo, com tanto porem que a forma que nos reger não seja essencialmente a negação desse bem.

—Eu ja pensei assim —obtemperou André: hoje descreio da forma monarchica, tenho observado que ella se incompatibilisa com os nossos interesses de nação livre.... Não tenho aversão absoluta á verdadeira monarchia constitucional; sinto apenas o dever de guerrear as instituições politicas que presentemente nos regem.... e si é impossivel reformal-as, melhora-l-as, porque o rei é obstaculo invencivel, -- combate ao rei, combate sem tréguas!...

—Não pode haver brasileiro de consciencia que não pense assim—disse Luiz da Rocha.

—Sim; nós nos declaramos pela nossa patria: si ha um meio mais razoavel de bem servir-a, si outras ideas ha que sejam mais aceitaveis, apresentem-nos esse meio ou essas ideas, e estamos promptos a offerecer a nossa adhesão inteira, porque o unico movel de nossas lides é sermos uteis ao Brazil.

—Muito bem! —applaudio Sylvio: pudessem todos os brasileiros ter a responsabilidade d'essa nobre franqueza.....

—E pouco nos incommodão as appapadas dos homens que não supportão o dever de pensar....

Heroica attitudo destes meninos em frente de tanta prostração que asseberba o paiz....

Em que terra querem elles viver! —no Brazil



onde o homem deve trocar o sacrificio da humilhação pelo sacrificio de uma subsistencia sordida e indigna !

Deve aceitar tudo !

Deve crer tudo !

Deve esperar sempre !

Sempre e sem palavra !

O mais é ser *louco*.....como si o servilismo e a infamia indicassem juizo.

Ah Brazil !... Quando terás um Molière para carar-te á fulminantes cachinadas!....

Os moços silenciarão um pouco, uns passeando na sala, outros sentados abstrahindo-se em profundas meditaçãoes....

—Mas que desgraça !—rompeu Sylvio levantando-se e atirando um jornal sobre a mesa; este povo é o mais enervado e imbecil de todo o mundo..... Decididamente nos devemos resignar á sorte de immundos *lesghis* ...

—E o que mais, meu amigo ?....—intercalou Andre.

—Quem seria capaz de suppor que uma camara liberal regeitaria o projecto de Joaquim Nabuco sobre o elemento servil?...

—Prova o que affirmei dos conservadores....—concluiu Ricardo Dias.

—Em que outro paiz do mundo vive um partido incongruente, incomprehensivel como o *partido liberal* do Brazil ?...—perguntou Luiz da Rocha com displicencia.

—E' um dos maiores destampatorios sociaes deste pobre paiz...—acrescentou Andre.

—E o que mais me afflige é o somno profundo deste povo !—exclamou Sylvio de Moraes. Sinto que se allua o meu brio de brasileiro ao olhar para outras nações da America... E desgraçadamente não posso ser ouvido por todos....

E interrompen-se nas patrióticas lamentações do descabro nacional.

—A velha Europa—prosegue;o mundo classico do despotismo e da tyrannia, sobrepuja o regimen feudal, e nas grandes praças a democracia rasga, á plena luz do dia, os *ukases* dos czares, promulgando aos mundos a uniformisação dos *trez estados*; na propria Turquia o povo levanta a fronte altiva e amedronta o poderoso sultão no harem : e....o Brazil!.... como se rende e degrada... Os *donos* destas *cousas* deverião mandar por á porta de nossos mares o seu moço de vida :

*a .....descansa.....sonna.....e só.... »*

—E, meus amigos....os que quizem pensar e trabalhar serão ainda inculcados de *petroleiros*, *insensatos* etc. ...—ajuntou Andre.

E continuarão a commentar, cada qual com mais energia, a politica do imperio.

Quem pouco conversa é Luiz da Rocha : casuisticamente dá o seu aparte....

Este moço é pharmaceutico e é um dos vencedores do quatriennio actual.

Enquanto os outros discutem, elle esmerilha os ultimos jornaes da corte.

De vez em quando cerra os dentes e sacode a cabeça ironicamente.

Encontra alguma coisa que lhe repugna a alma, cheia de vigor juvenil.

O que quer que seja é desbaratado pela avidez amargurada que sentê elle pelo saber de tudo.

—Infim, meu amigo, trabalhemos....que só o trabalho nos pode consolar —diase Andre de Souza tomando o chapen.

—Já nos deixas? perguntou Sylvio.

—Não devo tardar o matte. espere---acudiu Ricardo saluando á janella.

—Vou á agencia do correio—replicou Andre se-

solitamente.

E retirou-se.

Os companheiros ficam todos a ler.

Só se ouve o farfalhar do papel das gazetas.

Têm elles jornaes de quasi todos os paizes da Europa e da America: o *Times*, o *Caulois*, *Roma*, *Figaro*, o *New-York-Herald* etc. etc

—Oh!... Esta França augusta é o paiz das maravilhas... Cmo sinto chispar o craneo ao pensar nesta nação de heroes.... Que enthusiasmo, que delirio, que inveja, mas que inveja nobre e sublime!...

---La isso tambem é de rapaz...--aventurou Ricardo Dias com certa graça.

---As festas da tomada da Bastilha---continua Sylvio: que imponentes, que magestosas! Como sabem electrizar o coração de um cosmopolita! O 18 de Maio, o 1º de Dezembro, maldictos, perderão-se no desprezo do povo, ao passo que o 14 de Julho resurge fulgurante as alegrias de todo o mundo!

—Estás fanatico ... Vira-te para o Brazil...—disse Ricardo.

—Ora que inferno...

E fez uma curia pausa...

—Mas que grandioso, meu Deus! —continua. Mesm o em S. Petersburgo, onde as grandes almas succumbem sob o riço tagante de Alexandre, os innoces se comprimentão risonhos e a formula — *está tomada a Bastilha* — consagra um abraço fraternal!

—Que eloquencia democratica! ... Mas isso já passou... Olha o Sr. Greyy que vai á Cherburgo...

—Olha a politica de Inglaterra que se modifica sob o dominio dos *Whigs* —disse tambem Luiz da Rocha.

—Na verdade, é preciso que a Inglaterra tenha



menos-filauia e egoismo — considerou Sylvio. Que olhe para a França e que saiba ser generosa e verdadeiramente livre. Até hoje as instituições britannicas teem gosado de uma fama e classicismo a que não teem direito.

—Gladstone ha de reformal-as convenientemente — tornou Luiz da Rocha.

—Eu tenho mais fé n'aquelle celebre e popular Bradlaugh — avançou Sylvio.

—Si elle só podesse fazer um proselytismo numeroso e forte .....observou Ricardo.

---Conheces o programma desse eminente democrata ?

—Pouco...

---E' magnifico--proseguio Sylvio. E Bradlaugh é o idolo das praças. Em quasi todas as cidades da Inglaterra elle tem feito *meetings* e algumas vezes o seu auditorio se compoz de mais de 20 mil pessoas ! E' um homem de ferro. Elle se empenha, em primeiro logar, em combater a grande propriedade, que é o flagello dos pequenos lavradores inglezes. Quer por isso a suppressão do direito de primogenitura e do *Entail*, ou poder de constituir *bens incediveis e insequestraveis*...

--- Muitos proprietarios teem *fallido*, guardando seus haveres e deixando arruinados seus credores--disse Andre.

---Como o duque de Newcastle...--acrescentou Luiz da Rocha.

---E' verdade. Bradlaugh levanta ainda a *landlaw reform league*..... Consiste em estabelecer uma taxa crescente e accumulativa sobre as propriedades.... e obrigar o proprietario a por em cultura todas as suas terras..... Bradlaugh quer mais dar aos irlandezes direitos e leitoaes iguaes aos dos inglezes e proteger os

rendeiros com o *tenant right*.....

---E um paiz que tem tudo isso por fazer serve de modelo para regimens politicos adiantados! -- replicou Luiz da Rocha.

---E si fosse só isso....

---Oh! -- exclamou Ricardo, lendo com grande attenção e interesse: «O dr. Tanner completou hoje o seu jejum de 40 dias.....!!

---Sabes agora.....? ---perguntou Luiz da Rocha.

---Não sabia ainda que tinha completado os 40 dias.

---E ha de ser muito importante a descripção dessa experiencia, com as precisas conclusões scientificas.

Acaba de chegar Honorio Prates. E' um moço de barbas loiras e cabelleira espessa. E' tambem membro da edilidade.

---Como passa o nosso amigo? -perguntou-lhe Ricardo Dias.

---Sempre bem, obrigado.

Comquanto não professe as mesmas idéias dos Clubistas, o recém-chegado comtudo não é adhezo á causa do barão.

E' um caracter que custa definir. E' porem um bom moço, e basta... Os successos da politica que tanto revoltão aos revolucionarios, são, sabidos pelo distincto Honorio Prates, com uma philosophia socratica, com uma e quinhidade imperturbavel e heroica. Tante profliga a ardidez e prepotencia dos mandões como as facilidades e arrojos levianos de certos utopistas.

Nada o incommoda. Sentença com ar de soberano e sempre inexoravelmente severo e decisivo.

E' um homem circumspecto, um cidadão honrado, um cavalheiro perfeito. Brilha mais pelo caracão do que pela intelligencia.

Serve muito.



E' rico, mas não amarra as bolsas diante do infortunio e da pobreza.

Uma occasião o governo concederou-o. Não aceitou o mimo.... Já dissemos que elle é um homem serio....

Quer ter distincção e respeito no coração do povo.... E tem mais do que isso: tem a justiça que o povo jamais nega ás boas almas....

Entrou Honorio Prates com a sua natural gravidade, fumando e offerecendo bons *haranos* aos amigos.

—E' só aqui que posso saber das novidades da corte....—disse elle sentando-se.

—Muito poucas tronce-nos o ultimo paquete — annunciou-lhe Ricardo.

Honorio ferio um phosphoro e chegou ao charuto. Recostou-se indolentemente na cadeira.

—Estivemos agora sabendo que forão responsabilisados --disse Sylvio de Moraes levantando-se e largando o jornal que lia.

Acontece que Honorio Prates, Luiz da Rocha e mais um seu collega de vereança, não querendo pactuar com certos abusos e tranquiernas da maioria dos edis, á cuja frente se acha o barão de S. Gil, resolverão abandonar as sessões; e disso se prevaletem os *ladões do povo* para exercerem torpes vinganças contra os trez moços briosos e independentes.

—E' muito preciso acabar com essa escandalosa *Tammany* —satyrisou finalmente Ricardo Dias.

Honorio encarou-o amistosamente e parecendo preoccupar-se com o chasque frisante.

—Não poderão dizer que o Twed sou eu —oppoz desdenhosamente e tomando a gazeta que Sylvio acabava de ler.

Os amigos sorrirão, admirando a alseridade do digno eleito do povo.



—Ora—tornou Honório abandonando a gazeta na mão esquerda e assoando-se com a outra: conhecem o meu gosto pelas cousas praticas e positivas: hoje li algures um jornal estrangeiro que traz um artigo sobre o tunnel submarino que se projecta fazer entre a França e a Inglaterra... Fiquei sobre-modo impressionado de tanta audacia humana!

—Falla-se muito dessa empreza gigantesca; mas o que diz o jornal que leste? —inquirio curiosamente Ricardo Dias.

—Ha cinco annos que comcearão os estudos preliminares da obra e agora indaga-se activamente a possibilidade de levar a effeito esse plano maravilhoso.... e diz o citado artigo que d'aqui á dous annos poder-se-á saber alguma cousa de definitivo. Parece impossivel, meu Deus!

—O mesmo dizia-se do Ceniz, do S. Gothardo, do canal de Suez etc. —contestou Ricardo.

—Mas o S. Gothardo não é comparavel ao estreito de Calais que mede 7 leguas e tanto, ao passo que aquelle monte conta apenas umas duas.... —disse Honório.

—A differença ha de ser de tempo para a pertinacia do genio inglez....

—Para a pertinacia da arte moderna, digas—observou Luiz da Rocha. Apparecerão os Sommellier, os Favres e Lesseps, ante os quaes os continentes se dividem, os mares se estreitam e as montanhas se abalão.

—Assim acontece. Será mais um prodigio do homem moderno.

—Veem assim os amigos—discorreo Luiz da Rocha sem muita attenção nem empenho—que o elemento scientifico ja intervem na *evolução geologica*....

—Como a *evolução geologica* influe na *evolução biologica*—completou Honório ao pé da lettra.

—E na sociologia também—aventurou a'seu turno Ricardo Dias.

—Sim, senhor,—confirmou o pharmaceutico.

—O nosso Luiz da Rocha é entusiasta fanatico de Huxley—significou Honorio.

—Cumpro apenas o dever de glorificar a sciencia.

—Fazes bem: honra também Agassiz—ponderou Ricardo com algum calculo.

—Sim; mas eu aceito em primeiro logar o meu Darwin, o meu Lamarek ou o meu Huxley, como disse Honorio.

—Eu também—declarou este; sou sectario da doutrina evolutiva. E ella triumphá por toda parte.

—Excepto em nosso paiz—oppoz Luiz da Rocha.

—Pelo contrario—atallhou Honorio;—fazes muita injustiça á esses moços estudiosos que se chamão Tobias de Menezes, Sylvio Romero, Pereira Barreto, Miranda de Azevedo etc. O que é deploravel no Brazil é esse *impossivel* atrophizador que poucos veem e que ninguem ou quasi ninguem procura remover. . . .

—Não vás já resvalar no abysmo da nossa primitiva discussão—disse Ricardo erguendo as mãos como quem se affasta de um perigo.

Chega o rapazinho trazendo uma bandeja com algumas canecas de matte.

O sol está ardente e o calor é excessivo, no mez de Setembro. Felizmente começa a bafejar o vento freseo da tarde. São trez e meia. E' a hora mais aprazivel de nossos dias invernuaes, porque a natureza descansa e se mostra nitida em todo o seu esplendor. A terra opulenta recreia-se em face de um ceu sereno e pulchro.

Ouve-se estrupido na escada.

E' Lucio Calhândra.

Faz parte do *Club do poro*. Até os 19 annos foi estudante. Abandonou a carreira pela namorada.



O facto é que completamente illudido por uma linda menina, sua prima, aborreceu os estudos methodicos e atirou-se aos interesses praticos e materiaes da vida. Hoje está casado e é negociante.

Si tivesse continuado os estudos seria melhor ao povo: reuniria a aspiração, a vontade de ser útil á capacidade.

Erron desgraçadamente como muitos moços desatinados que nos devaneios de um dia perfumado, compromettem muitas vezes um bello futuro.

Enganão-se esses rapazes insensatos que querem tudo na mocidade sem preocupação alguma pelo amanhã incerto; quando é justamente a mocidade a epoca da vida mais propria para edificar-se a pessoa.

Não: Calhandra devêra ter comprehendido que um moço antes de tudo tem que conquistar, tem de firmar uma posição honrosa na sociedade em que vive. O homem naturalmente precisa de tomar uma boa consorte, tanto quanto precisa de ser digno della. E que immensa responsabilidade não acarreta um chefe de familia? E sem o necessario valimento e prestigio de um homem ja reputado e conhecido, o que pode ser o intimo convívio do lar domestico?

E' este um poncto importantissimo dos estudos sociologicos.

O homem tem o dever de merecer a mulher. Partamos sempre do individuo, deste á familia, e da familia á sociedade. Vejamos bem o laço que prende estes trez estudos da vida humana.

Mas agora, que remedio, senhor Lucio?

Trabalhar...trabalhar muito....

Em todo o caso elle não se pode arrepender de ter casado, porque realmente é feliz com a sua jovem esposa, que é uma esposa perfeita.

Só não são ricos; mas enquanto o mortal tem



uma lagrima ou um sorriso, não deve tremer... E Calhandra sorri por muitas lagrimas: vive até pelo sorriso....

---E' um destes cidadãos de superlativa energia patriotica; é um destes espiritos grandes, acerrados pelas vicissitudes do mundo, e que diante das fraquezas e redicularias dos homens se erguem repletos de nobreza e suplantão com uma gargalhada aristophanica o que não pode vencer um sacrificio de seculos.

---Os amigos de Calhandra ficão satisfeitos sempre que se encontrão com o moço distincto e infatigavel.

---Esperão-no anciosamente agora.

---Calhandra, a actividade personificada, irrequieto e pujante, entra muito alegre e risinho; e erguendo os braços entusiasticamente, exclama a porta da sala:

---Pensei que no nosso *Ruetli* ja retumbassem os canticos de Rouget de Lisle!

---Porque?----acodem os *Clubistas* cortejando-o.

---Pois o anniversario da terceira republica não merecerá isso?

---Quatro de Setembro....----considerou Sylvio.

---E' verdade!... gritão todos ao mesmo tempo.

---E houve uma explosão de enthusiasmo.

---Que grande dia! Que grande dia passava despercebido! Sabem de quem me lembro agora? perguntou H. Prates.

---De Gambetta.... do balão.... da *communa*.... disse Honorio.

---Não: do grande Thiers!----retrucou Honorio com emphase.

---E eu so me lembro da França e extremecê!.... bradou Sylvio com effusão.

---A *franco-mania* deste rapaz é delirante. Devaneia como doido quando se refere a patria de

Voltaire e de Victor Hugo.

Mas Calhandra, o terrível Boileau do *Club*, não perde ensejo para botes aproveitáveis.

—Ora, Sylvio, eu condemno até o fanatismo pela liberdade....

Ninguém protestou.

Sylvio assomou-se.

—Porque não havemos de condoer-nos da imperatriz .....?—continuou Calhandra, com alegre chiste.

—Por ter ella ficado viuva? Ah, meu amigo! quantos desgraçados obscuros morrem por ahi sem terem, como ella, a contemplação do mundo!

—Mas, Sylvio; ter sido grande, ter sido cortejada por uma nação inteira e depois....

—Depois....ter tomado as melhores lições....

.....E depois passar desapercibida pelas ruas da capital do seu antigo imperio....é bem triste e digno de commiseração...

---Sim, era preciso que ella sempre mandasse para ser feliz....

Alguns gritos de baixe surpreendem aos *Clubistas*.

E' Alfredo de Sá.

---Covardes! Infames!

Estas palavras amotinão subitamente os *revolucionarios*. Vão ás janellas, ao corredor: indagação.

Subio Alfredo, acompanhado de um homem maltrapilho, pallido, magro e offegante.

---O que acontece?---perguntão os moços.

---Cães! —continuou Alfredo a exclamar raivoso e desmaiado.

—Alfredol —grita Honório agarrando-lhe o braço. O que acontece?

---Vede este cidadão —diz o moço indignado. Acaba de sahir da cadeia aonde se achava ha



uma semana !

El todos ficão estupefactos diante do velho, abafado e soluçando como criança...

—Escandalo ! Malvadeza ! Ignominia ! Quando virá a justiça a este mundo, meu Deus ! Os grandes do imperio arrancam este cidadão pacifico de sua casa e atiram-no á um quarto inundo ! Como vamos ! Amanhã os homens do rei nos hão de perseguir a chicote, hão de resuscitar a banca e o ferro quente.... e tudo havemos de supportar !....

Os Clubistas guardão silencio profundo; tremulão diante da scena commovedora.

O velho tem um lenço sobre os olhos.

Talvez essas lagrimas amarguradas sirvão ainda para deluir as reputações favorecidas do imperio.

No rosto macilento do pobre homem se delineão visivelmente os symptomas da fome e da dor. Instado para sentar-se, agradeceu com uma ligeira inclinação da cabeça. Está recolhido humildemente á um lado, tendo o chapeo n'uma das mãos e os braços cruzados. Os moços conservão-se tambem de pé.

Inquirido sobre o motivo de tanta perseguição, o velho começa a fallar entre soluços :

—Eu ando soffrendo, sem culpa nenhuma, meus senhores. Sou uma misera creatura que vivo só para minha familia. Tenho uma pequena habitação não longe d'aqui: trabalho quanto posso para ganhar honestamente o pão para meus filhos. Não posso ser politico, porque não tenho instrução para conhecer o que me deve ser conveniente e digno. Mas estes homens tentarão sempre me escravizar a mim e aos meus parentes do bairro: ordenarão-nos que viéssemos votar com o governo ha talvez 3 mezes: porque como nós não poderemos vir, porque não era possivel deixar os trabalhos de



rossa! lavoura, elles poem toda a culpa sobre mim e mandão-me buscar, amarrado, como disserão os soldados.

—Que iniquidade! Que infâmia! —intercalarão os moços.

—Eu estava na minha roca com minha mulher, quando fomos surpreendidos por um bando de soldados insolentes e barbaros que me troucerão á impurções, sem me darem ao menos, tempo para abençoar os meus filhinhos que estavam em casa...

—Bandidos!

Os moços, immoveis como estatuas, empallidecidos, afflictos horriavelmente.

—Minha pobre mulher —continuou o velho— ficou em gritos e os soldados á nada attenderão.

E a afflicção, aqui, estanca a palavra tormentada do infeliz!

Os revolucionarios, constrangidos e horrorisados, apenas trocão entre si olhares de lastima e de indignação.

Alfredo, soberanamente revoltado, vagueia pela sala.

—Eu sou tão pobre, meu Deus! .... Na dias, nada tendo para comer, vierão os meus filhinhos pedir-me pão ás grades da cadeia....

—Isto quebranta as pedras!

—Eu nem lhes respondi: me tinham arrancado o coração.

—Oh! que baixeza! que opprobrio! —disse a parte Honorio.

E durante alguns minutos a scena foi carregada de angustia muda e passiva.

Afinal o velho deu a entender que desejava retirar-se.

Os nobres moços poem-lhe nas mãos algumas moedas. Elle inclina-se com embaraço, em signal de gratidão.

—Faça todo o sacrificio pela educação de seus filhos, para que um dia possam vingal-o, senhor!!  
—disse Alfredo apertando, cheio de pezar e commoção, as mãos tremulas do velho.

E a victima da insanía dos *grauzes* despede-se delicadamente dos generosos filhos do povo.

—Viste, Calhandra? —perguntou Honório Prates. E' isto a *Marseilha* de nossa patria.

Calhandra, depois de reflectir amarguradamente, respondeo agitado e enrubecido.

—Ouçaõ-me bem: —só os *Lopez Jourdan* poderão endireitar este paiz!

E' impossivel descrever a consternação que dos *Clubistas* veio trazer o desditoso lavrador.

Enão se supponha que inventamos. O que ali fica narrado não é mais do que um acontecimento ordinario da nossa politica. A *prisão* é o meio mais expedito e efficaz da *cabala*. E' pela *prisão* que *sua magestade* o delegado de policia allicia adeptos, suborna adversarios, para as campanhas eleitoraes da aldeia.

Aos *caipiras*, dizem os senhores da *politica* feudal, vencem-se, ou com dinheiro, ou com chicote.

Peste!

Como si elles, os *lobos* da patria, pudessem ser *caipiras*!

Como si os *caipiras* vivessem para o crime, como a corja dos palacios!

Entretanto, os *cues* prosperão e mandão, e a gente melhor e mais innocente da nação, os *caipiras*, são perseguidos, hamilhados até o sacrificio! Nullos, na partilha dos direitos e das garantias; mas nos momentos supremos de provança, os *bastardos* estão ao lado da bandeira nacional! Isolados da sociedade, sem indulgencia e sem lei, re-

baixados no gozo das vantagens sociaes, os *pariás* nunca se queixão e teem sempre para a ardida insolencia dos *carrascos* um sorriso, não de vileza, mas de perdão e de complacencia !

—Oh ! meu Deus ! quando haverá a sancta revolução dos pequenos contra os grandes !?

★

Por mais meia hora, pelo menos, continuarão os *Clubistas* a commentar o despejo dos *magnates*.

A's 5 da tarde dispersão-se. E' bello e interessante apreciar a convicção e a esperanza com que estes moços luctão por um ideal. Parece-lhes que cedo deve raiar para o Brazil uma aurora fulgurante de redempção social.

---



### FII

#### Os planos

O barão de S. Gil, desde que soube do namoro de Julia com Alfredo ficou exasperadissimo. Não descansava um momento de procurar dissuadir a filha desse cañamitoso proposito.

Mostrando-se enfurecido e ultrajado, observa sem cessar á Julia as desgraças e vergonhas que devem provir de seu mau pensar, e chega as vezes a tractal-a com certa severidade e rigor, que por fim se vão tornando ardidez e brutalidade.

Ella, em sua meiga innocencia, extremeece de não poder ouvir as palavras dogmaticas do velho aristocrata.

Ella ama o typographo. . . . .

E é o amor que vence tudo, que consegue apagar até as formas da educação: é o amor que completa a grandura e sublimidade da mulher.

Estas verdades tem sido tão duramente provadas no mundo!

—Quem negará um premio de respeito e compaixão pelo sacrificio de Julia?

Ella quer o artista. . . . .

Mas o barão quer a filha. . . . .

—Que não traia o amante e que obdeça ao pai.... Quanto se exige da mulher!

O martyrio de Julia começou n'uma occasião de jantar. O barão havia sabido do segredo na manhã. Não poudo ficar em casa.

Estudava endoudecido o meio de exordiar o combate.

No momento de ir para a mesa o homem desata os impetos de colera.

A menina tremeo e logo as lagrimas lhe borbulharão nos olhos.

Pudesse esse orvalho da paixão evitar o estiamento de tão mimosa flôr!

—Nunca pensei que te chegasse a faltar o riso... —disse grave e tremulamente o Sr. de S. Gil.

Julia pediu licença aos pais, levantou-se respeitosa e delicadamente e foi para a sala de visitas.

O barão ficou incommodadissimo. Depois de jantarem, elle e a baroneza, e de terem conversado algum tempo sobre o terrivel assumpto, dirigirão-se para junto da filha.

Estava ella no sofá, com a cabeça reclinada sobre o braço direito.

O barão insistia em increpal-a desapiadadamente. Recordava-se elle de seus antepassados e os apresentava á Julia, fazendo timbre de pertencer a uma familia de alta nobroza. Os seus parentes forão todos *capitães*, *commendadores*, *tenentes coronéis*, *barões* etc. etc. Depois de agigantar as suas tradições genealogicas, o Sr. de S. Gil perguntou gravemente á filha:

—E tu, Julia, te quererás misturar com essa plebe nojenta e hedionda?

As lagrimas, como gottas do fel quente, escaldão as palpebras tremulantes da menina.

—Tu és muito criança ainda—continuou o barão mais moderadamente. Zangas-te quando te dou um conselho sabio. Em vez de chorar, devias reflectir que eu não te posso querer mal e que os cuidados de pai é que me inspirão. Si tu pudesses conhecer o que te fica bem . . . eu não me incomodaria. Vai antes ao piano e deixa de chorar . . .

Tentou debalde acalmar-se e depois de um instante de serenidade recobrou a irritação.

—Olha: si te queres casar já, acho muito bom, mas procura um moço digno de ser teu consorte. O que é um typographo? Quem é esse petulante, a quem chamas orgulhosamente *senhor Alfredo de Sá*? Um *pobre diabo*, sem familia, sem nome, sem cousa alguma. . . E não comprehendes que para mim e para tua mãe, para todos os nossos parentes e amigos, seria uma vergonha eterna o ver-te casada com um artista, com um homem do povo?

E ao passo que o barão levantava a voz como que applaudindo a força irresistivel de sua logica, que elle antevia triumphar, Julia chorava mais clamorosamente.

—Digo-te mais—gritou o furibando titular:—o barão de S. Gil não perdoaria que sua filha o deshonrasse!

Que fulminante violencia!

Julia soluça dolorosamente e seus pais se olhão penalizados e enraivecidos.

—Ha na corte tantos moços fidalgos, tantos filhos de homens grandes do imperio: por que não has de escolher um moço d'estes?—perguntou o



severo nobre um pouco mais manso.

Nova tentativa de triumpho pela via da persuasão.

—Meu pai descanse—proferio ternamente a menina enxugando os olhos; eu não quero casar-me...

—E então? O que queres?

—Soffrer só...—respondeo ella sublimemente, divinamente docil.

Este epiphonema tremendo rasgou as entranhas do barão. O calor e a iracundia carregão-lhe a fronte annosa.

Pricipita-se. . . . .

—Comprehendo-te, filha ruim—gritou encarando vorazmente a victima. Vai ser desgracada fora de minha casa!—avançou mais alto, apontando a porta que dá ao corredor—

Jesus! . . . . .

Hão de concordar que é um pai estúpido e indigno. Não pondera que o amor, quanto mais aventureiro e martyr, tanto mais firme, tanto mais constante e inextinguível!

Demais—porque um pai não ha de ter muita paciencia, não hade ser amorosamente delicado com sua filha?

Só porque deva ser bruto. . . .

Julia horrorizou-se diante da colera infrene do velho. Olhou-o n'um sabito extremecimento e clamou:

—Meu pai! . . .

Elle ficou n'um extasis de raiva. A baronesa levantou-se chorando e intervindo no certame da imprudencia. Houve um momento de confusão, de ais, de plangente soluçar.

O barão sentou-se logo, e assumio selvaticamente uma posição de despota, insensível ás lagrimas da filha e aos desesperos da esposa. Os beijos do homem, descorados, convulsionão de ira.

A baronesa approxima-se mais da filha

Quem padesse ver Julia n'aquelle transe sublime, com os cabellos cahidos indolentemente sobre os hombros, palpitante, atilicta, muda e eloquente, com as faces rubreas de virtude!—men Deus!—esmoreceria diante d'esse poder magico, sobrehumano, que so pode ser o—heroismo virginal!—A formosura viridante, que lampeja por entre aquellas vastas transas, negligentes e tersas; por entre aquelles assomos de pudor---oh! aquella formosura é que encanta, que da luz ao mundo, que torna grandes o trabalho, o talento e o genio! Aquella formosura, accentuada agora pelos deliquios da paixão virgem, é o unico astro que resplende nesta noite de sonhos que chamamos vida!

Porque os Raphael e Praxiteles so sabem pintar e esculpir as suas *Virgem de Fobigno* e as suas *Venus*?

Ah! si a *Galatèa* pudesse ser mulher um instante, o que serieis vós, oh Pygmalions?!

A baronesa acaricia extremosamente a filha e já se está tambem arrufando com o marido.

O brusco velho, porem, não se arrependeo ainda da tyrannica prepotencia. Sempre rispido e arrogante teima em crucificar o coração da filha.

—Muito bem!—declama: levada por esse *maroto* já tens o atrevimento de oppor objecções ao que te digo.

E interrompeo-se sacudindo a cabeça e resmoneando.

—Deixa, ingrata, desobdiente: já que a minha autoridade de pai é inefficaz para a tua indocilidade, verci si o poder de um nobre bastará para esmagar o maltrapilho que te seduz. Eu saberei arranjar esse pretencioso. E pogo-te apenas que te livres de offender o meu orgulho:erei trael de-

pois que a severidade parecer-me inutil !

E levantou-se.

—Sempre a nobreza foi respeitada -- prosegue passeiando pela sala: antigamente essa canalha sem titulo nos servia: como escravos soffrião submissos o calabrote, trabalhavão para a nobreza e não levantavão a voz diante dos senhores. E hoje o que vemos? Um rafado das ruas tem a audacia de ultrajar a um nobre!

E cerra expressivamente os dentes.

E depois de uma pequena intermissão, continuou:

—E' nossa a culpa: si tractassemos o povo, esse vilão anonymo, como se deve tractar---a chicote, com desprezo, sem compaixão---não teriamos o desgosto de ver as nossas casas desrespeitadas. Jamais essa raça vil deveria merecer a nossa indulgencia.

—Mas barão: podemos ter pena d'esses plebeus humildes que nos servem, contanto que castiguemos a ousadia d'aquelles que se quizerem igualar connosco---disse timidamente a baroneza.

—Qual—esses cães só a vergalho. .... Isto vai muito mal; e a unica causa e o nosso pouco escrupulo em zelar a honra e dignidade da aristocracia, descendo até a ralé. .... Pois até os nossos filhos são contra nós?! Querem mais essa plebe immunda do que aos proprios pais?! Não! meu Deus. .... nunca; eu não sobreviverei á vergonha de misturar-me com essa gente. ....

Ouvem palmas no corredor.

O criado vem dizer que é o sr. vigario Lourenço. Este padre, como no geral, é absolutista e ultramontano accerrimo; é muito amigo do barão de S. Gil, a quem obedece cegamente.



Julia nesta occasião retira-se para o interior da casa.

O barão procura serenar-se, e a baroneza corre logo á porta lateral da sala a receber o vigário.

Depois dos antiloquios de costume, o barão não trepidou em confiar a historia do dia ao reverendissimo jesuita.

—Acho-me seriamente impressionado, Sr. vigário. Tenho procurado dissuadir a minha menina de um proposito terrivel.

—Tanta confiança merecerei do Exm., que possa ouvil-o-respondeo o padre.

---Refiro-me áquelle *garoto*. . . . .

Tracta-se de Alfredo. O vigário indica ter comprehendido.

---Tem-me de tal modo seduzido a menina que nem lhe valem mais os meus conselhos.

O lisongeiro sacerdote fez uma cara feia.

---E o Sr. barão atura isso? Porque V. Ex. não castiga a audacia d'esse *malandro*?

---Julgo ser este o unico meio de evitar a minha deshonra. Preciso de humilhá-lo de qualquer forma.

---Necessariamente. . . . .

---Tenho cogitado muito n'um pretexto. . . .

—Mas V. Ex. carece de pretexto?

O barão calou-se parecendo reflectir sobre o caso.

—A um *peralvilho* tal acabrunha-se sem reserva nem dó.

A baroneza retira-se. Ella, que é mulher, tem o mais carinhoso cuidado pela filha.

Então o velho agaloado espraçou-se.

---Quando o reverendo entrou, eu fazia ver a baroneza quanto temos decahido. Nunca os braços forão tão barateados; nunca a nobreza e o clero suppozerao-se tao fracos para descerem tanto. O povo já não trepida em proclamar por

toda parte a *igualdade*. E a nobreza e o clero se deixão supplantar! E' muita desgraça. Pouco a pouco e sem sentir, temos perdido o amor de nossa superioridade. Sempre a nobreza e o clero formarão as classes destinadas ao governo do mundo: o povo só tinha o dever de obdecer e de servir. Hoje o povo se rebella e nem mais o clero tem a *excommunição* ou a *foqueira*, nem mais a nobreza tem o *azorraque* ou o *calabouço*. E como tudo não ha de ir mai assim?

—Bons tempos já passarão, Exm. — disse o padre; quando não tínhamos o telegrapho e outras invenções vindas do inferno; quando não empestavão ainda o mundo as impiedades e loucuras de Comte. Hoje o povo, a infima plebe, quer direitos também e a revolução estronda sedenta como Attila. Tudo porque? O erro vem de hontem, barão: os reis de França deixarão que vivesse um Voltaire, um Rousseau e até um C. Fourier, o utopista do *phalansterianismo*, o idiota da *ethocracia*; Catharina da Russia lisonjeava-se de ter a visita de Dantón; as monarchias da Europa inteira recuarão diante dos faccinoras de 89; o marquez de Pombal e até o hediondo e perfido Ganganelli forão tolerados.... E' porisso que hoje o povo pensa ser o que nós somos, o conspira contra a monarchia, contra a nobreza e contra o clero. Aqui mesmo, no Brazil, o que estamos vendo constantemente? O celebre *conflicto do vintem* é ainda muito recente. Porque o povo se negou a obdecer a lei? Porque teve a coragem de se reunir e fazer com que um rapaz tresloucado dissesse em plena praça que o povo tem o direito de reclamar? E' porque D. Pedro não sabe ser um bom rei.....

—E' porque D. Pedro não mandou correr a espa-



da naquella caterva de petroleiros e vagabundos.

—Vamos muito mal, barão. Não sei que sorte caberá a este Brazil, tão novo e tão viciado. Todos querem o theatro, os clubs, os bailes, as reuniões publicas; todos pedem direitos, liberdades, instrucção, progresso etc.; mas ninguém vai à igreja. É impossivel que Deus não castigue este seculo...

—Pois o reverendo não vê que os taes republicanos, esses loucos, já querem extinguir a escravatura...

—E é só por acinte, por ultraje à memoria de Las Casas...

Que ridiculo...

A baroneza voltou, acompanhada de um creado, que apresenta ao padre um prato de grandes e lustrosas jaboticabas.

—E ha, Exm. —disse ainda o vigario tomando algumas fructas — muita razão para creremos que o nosso tempo só ha de voltar a custa de enormes sacrificios.

—Eu assim penso.

—Por toda parte os reis e os padres e' ainda os nobres abandonão a propria cauza, não sei si por medo ou por clemencia...

—Por desidia e inconsideração...

—Isso é que é verdade....

A deglutição embarça o discurso do sacerdote.

—A França—desembuxou — expulsa impune-mente os jesuitas, persegue a religião; na Belgica, uns quantos sceleratos, dirigidos por Frère Urban, decretão leis contra o clero e rompem bruscamente contra o Vaticano; a Italia, a reproba, é palmejada por haver extorquido o poder temporal do chefe da christandade, e nos sola-



res do throno pontificio chega a preterir as leis divinas às leis civis : a Suissa constitue-se um azylo de bandidos ; a Inglaterra dá ouvidos às zurrarias das praças ! Decididamente, barão, estamos perdidos ! Já tivemos os Medicis, os Constantinos e esses sanctos e valorosos principes da idade media que levarão o poder do papa até Jerusalem ; já tivemos o grande Torquemada, o aujo dos fieis que engrandeceu Roma : hoje.... Leão XIII chora na cadeira de S. Pedro e os ministros da religião mendigão nas ruas !...

E fez um gesto affectado de dor.

Que hypocrisia.

—Enquanto se attende a canalha vil que quer incendiar tudo, deixa-se o clero na miseria...

E teve a coragem de passar o lenço nos olhos !...

Que descoco . Que ridicula e immunda desvergonha .

—Havemos de vencer ainda, meu reverendo, havemos de reivindicar a nossa *suzerania* e o *direito divino* . Tenhamos fê e esperança .

O padre fez-se de novo reluzente esborrachando uma jaboticaba .

E são assim na maioria : habilissimos na artimanha . Ainda bem que a marca de Polamio previne as consciencias robustas .

—Quanto não temos que trabalhar , Exm. ! Precisamos de pôr á campo as nossas armas : levantem-se forcas e pellourinhos, arranjem-se fogueiras, e resuscitem os Procidas . Algumas batalhas de S. Bartolomey nos darão a victoria .

—Tenho certeza d'isso ...

—De minha parte estou disposto á tudo . Não posso crer tambem que os *nossos*, todos, supportem a subversão dos principios de ordem e do respeito a autoridade . Já temos soffrido muito .

—Oh! eu custo a resignar-me.

—V. Ex., por exemplo, quando pensou que seria enxovalhado por um *maroto*?

—Nunca pude crer. A minha filha pretendida por um typographo! E' muito desprestigio! Vorgonha eterna! Devo cobrir o rosto para sempre!

E o barão senta-se no espaldar, pensativo e triste.

—Pois V. Ex. não deixe de punir devidamente esse biltre...

—E minha filha, reverendo,, minha filha; ingrata...

—E' menina ainda, barão. Pense antes no farroupilha que o insulta. Deve exportal-o d'aquí quanto antes.

—Eu so desejo opprimil-o, fazer que reconheça o seu lugar.

—Indispensavelmente. E eu estou sempre ao serviço de V. Ex.

—Obrigado. Tenho sempre recebido provas d'isso. Hei de sem duvida precisar de um attestado seu...

—E' uma ordem. V. Ex. sabe que quando a calúnnia ou a mentira se torna necessaria para salvar a honra de um rei ou de um nobre, a religião a considera um acto de bravura. E V. Ex. sabe mais que contra um indigno plebeu não ha calumnias nem mentiras, porque um plebeu não tem susceptibilidade.

O attestado de que fallou o barão era para provar que Alfredo é um moço de maus costumes, vagabundo etc. De igual theor ia o barão pedir attestados ás outras autoridades do lugar. Assim pretendia pôr o pobre moço fora do municipio, obrigando-o a engajar-se n'um corpo qualquer de milicia,



Desgraçada a terra, onde é costume buscar-se o soldado entre a gente libertina e perversa. Porém mais desgraçada ainda a terra, onde um amigo do rei pode tão facilmente fazer de um honrado cidadão um perverso ou um bandido!

O barão conversou por mais algum tempo com o seu amigo sobre a politica, que se toldava repentinamente na corte e nas provincias.

—As 5 horas mais ou menos retirarão-se o vigario e o barão para a casa da residencia do primeiro, tendo convencionado o plano contra o typographo.

A baroneza entristeceu e procurou a filha.

As mulheres reprimem o seu orgulho, ou antes, o orgulho que elles inoculão os homens, pela brandura, pela complacencia e docilidade angelical do coração.

E ainda se diz que a mulher é vaidosa, é mais vaidosa que o homem!

Como tem sido escarnecida a mulher! Como tem sido vilipendiados os sentimentos que perfumão o coração da mulher!

O barão tremeo de odio pela innocencia de duas crianças: a baroneza sentio profunda magua, sentio assombro pelo rancor do velho...

O homem, inflammado de orgulho, oppõe o opprobrio da justiça ao opprobrio da casaca; a mulher quer evitar o opprobrio da innocencia!

O barão morrerá amaldiçoando aquelle que o insultou: e a baroneza... a baroneza, se lembrará eternamente de homem que amou e amou muito a sua filha!

Ouçá o mundo:

O homem ha de injuriar a morte si morrer na lucta dos europeis... ; a mulher morrerá sempre amando e sorrindo.

---



A prisão

E' hoje 7 de Setembro.

E' dia de festas nacionaes.

Ainda ha de vir o tempo em que os brasileiros hão de comar de vergonha lembrando-se deste dia....

A tarde é bella e a cidade está cheia de galas. Arcos triumphaes, alamedas de palmeiras, pavilhões nos largos, bandeiras multicores e algumas duzias de felizes, estonteados de balofo enthusiasmo.... — porque ?

Tableau ....

Porque o barão está enthusiasmado, sem duvida.

Nem porisso. O gargalhar tem suas restricções: as ultimas noticias da corte são bem tristes ...

O aspecto da cidade é realmente lindissimo. Em todos os semblantes refulgem o riso e a bo-

nança....

Formosas moças que passam, louças, joviaes, saltitantes nas calçadas.....

Até os velhos escondem a flaccidez e as rugas.

Alguns rapazes faceiros trazem no peito uma *folha de independencia*.

La em certa esquina dá-se de repente com um galopim todo requebrado, trazendo no braço direito um largo fitão com a legenda: *Independencia ou morte!*

Pifia quixottada.

E' uma especie de carnaval.

Tudo está ninito bom.

Sylvio de Moraes escreve muito preocupado sobre a mesa redonda.

De quando em quando elle levanta-se atrapalhado e vai á janella.

Defronte fica a casa de André de Souza.

—Oh Olympio....

—O que quer, mano ?

Você me chama alli o André ?

E o menino sahio incontinente.

O moço lê e relê algumas tiras de papel. Accommoda-se na cadeira, medita, levanta-se, accende o cigarro, assoa-se, olha de todos os lados, guarda as tiras de papel, passeia....

Está evidentemente perturbado.

André chega á janella.

—Ja viste como está esplendidamente embandeirada a nossa rua ?

—Que desgraça ....

Aperta a mão de André e descansa o corpo sobre o peitoril da janella.

—Senhor .....estes homens....

—Bein venturosa que lhes é a vida....

Sylvio becejou de repugnancia ....

—Em occasião como esta é que eu comprehendo bem a magestade da instrucção. Si este povo soa-besse o que é o dia 7 de Setembro, meu Deus! ... limparia esse borrão da nossa historia ....

—Deixa que os homens se divirtão....

Sylvio retira-se para perto da mesa.

—Entra, Sousa....

—Espera; aqui vem o Calhandra.

Sylvio foi de novo reclinarse na janella.

—E' verdade: não sabes quaes são os convidados para o banquete?

—Quem mais, si não a gente do barão?

—O velho Guimarães seria?

—Creio que sim.

Calhandra chega.

—Ja vejo que estão admirando o patriotismo da flor do nosso povo ....

Comprimentão-se affectuosamente.

D. Laura, irmã de Sylvio, vem á sala.

Os dois moços entrão e logo em seguida Luiz da Rocha.

—Estou hoje muito alegre, e vou ja incommo-dal-os—disse Calhandra.

E senta-se ao piano.

Começa a tocar o hymno da independencia. Os outros cantão.

Ao terminar gritão comicamente:

—Viva o dia 7 de Setembro! — Viva !....

—Viva a nação brasileira! — Viva !....

—Viva D. Pedro II! — Viva !....

—Viva a familia imperial! — Viva !....

—Viva a santissima religião Catholica Apostolica Romana! — Viva !.... Viva !.... Viva !.... Vi-va !....

Puffff.....

Em seguida começa a cantar a Marselheza:



ALLONS ENFANTS DE LA PATRIE,  
LE JOUR DE GLOIRE EST ARRIVÉ,  
CONTRE NOUS DE LA TYRANNIE  
L'ÉTENDARD SANGLANTE EST LEVÉ

ENTENDEZ-VOUS DANS LES CAMPAGNES  
MUGIR DES FÉROCES SOLDATS ?  
ILS VIENNENT JUSQUE DANS VOS BRAS  
ÉGORGER VOS FILS, VOS COMPAGNES !

AUX ARMES, CITOYENS !  
FORMEZ VOS BATAILLONS !  
MARCHONS, MARCHONS,  
QU'UN SANG IMPUR  
ABREUVE NOS BAILLONS !

.....

O tenente-coronel Torres [chegando á janella :

— Isto é que é, rapaziada : viva a republica !

Os moços applaudirão com um borbotão de gargalhadas.

Calhandra , levantando-se do piano:

— Ora, tenente-coronel, veio tarde; já victoriamos a sua gente ..... Faça favor de entrar ..... venha recitar nma poesia a imperatriz.....

— Isso pertence aos moços.....

— Está enganado: poesias á imperatrizes compete aos velhos... D. Laura tenha a bondade— disse Calhandra indicando aristocraticamente o piano. Aquella mazurka..... aquella bonita de Gottschalk.....

— Não sei qual é....

Calhandra, depois de um breve esforço para amentar-se:

— *Les souvenirs de Cuba.... les souvenirs...*

—So se pedir em....francez....

—Pois não... pois não....que não seja essa a dúvida ....

Elle pouco ou nada pesca do francez.... e os outros ja estão n'uma louca galhofada ....

—Estou prompta.... Espero so o seo pedido...

—*Je vous prie....*

Descargas de riso

—*Mademoiselle ...je vous prie....*

Repetição da tormenta...

—....*Je vous prie de toucher...les Souvneirs, de Gottschalk....*

Novos destemperos de jovialidade.

—Mas eu quero um francez mais fidalgo....

—Como La Bruyere ?...

—Mais ou menos ...

—Va lá... *Faites-moi le plaisir ... mademoiselle ...de ...de faire quelque chose d'enchantereux...*

D. Laura, depois da algazarra geral, toca uma linda peça.

—Muito bem !

—Bravos !

—Agora uma marcha fanabre... um *De profundis...*

D. Laura levantou-se.

—Não tenho gosto pelas musicas tristes...

—Pois eu vou tocar o *Pie Jesu...*

E fez algumas variações sentimentaes.

Quando elle levantou-se teve uma salva de palmas:

—Bravos! o nosso Mozart!...

—O grande Thalberg brasileiro !...

Afinal deixarão o *pic-nic* as moças, que chegam, e serão para o *Club*.

La estava Alfredo, lendo.

Os queixumes do velho Malaga havião-se ja espalhado por toda a cidade e causavão uma certa

impressão muito favoravel aos revolucionarios. Especialmente um dos parentes do velho, como é natural, tomou-se de forte indignação, contra a prepotencia das autoridades.

Fallamos do Sr. Ignacio da Veiga, um homem pobre e sem mais instrução que a pratica adquirida pela idade, pelas conversações uteis e pela leitura de jornaes, a que se applicava muito.

Elle tem um pequeno negocio, onde vive a maior parte do tempo a fazer charutos.

Sem intervir effectivamente na politica do logar, o Sr. Veiga contado não emudece diante de questões de interesse publico, e manifesta com a maior franqueza e sinceridade a sua opinião, sem consultar os desejos dos regulos.

Ora, não era o Sr. Malaga a primeira victima da arbitrariedade e do absolutismo caprichoso da policia; mas era esse cidadão a primeira victima de cabellos brancos e que, so por isso, devia merecer ao menos mais algum respeito e tolerancia, quando porventura a policia obresse por amor da justiça e da ordem.

O Sr. Veiga ja havia por mais de uma vez apostrophado a conducta das autoridades que perseguia a pobreza, aggravando as condições ja penosas dos lavradores.... E agora é preciso melindrar ainda algumas susceptibilidades de parentesco, tanto mais que o velho Malaga é um infeliz sem posição, sem dinheiro e sem amigos protectores.

O Sr. Veiga assim pois não se occulta dos magnates; mantem ostentosamente a resolução firme de reagir contra um estado de cousas que conserva, com gravame para o povo, a agitação e o sobresalto geral.

Elle não está só nesse empenho. Mas o novo partido comprehendendo a necessidade de reforçar-se n'um centro commum, e qual deve ser o Club do-



povo, que conta a vantagem de estar já organizada e ser conhecido no paiz.

Ia assim tomar notavel incremento o prestigio dos moços.

Quando todos esperavão anciosamente pela *bachanal do patriotismo timocratico*, eis que pedem licença na escada.

Ricardo recebeu o negociante.

Os moços acolherão-no com extrema satisfação.

O Sr. Veiga tinha em mente, para si e para alguns outros seus amigos e adherentes, pedir ingresso no *Club*.

Tem um despacho enthusiastico.

Comearão depois a fallar nos negocios municipaes e a ventilar as razões que devem impellir todos os verdadeiros cidadãos á uma lucta decidida contra a invasão do despotismo aristocratico.

Veio a pello a questão do velho Malaga.

—Não pensem os senhores que eu vou tomar uma attitude definida por ter tido o desgosto de ver o meu parente na cadeia, não: ponhamos esse facto de parte e vejamos si as injustiças e perseguições que esses homens exercem contra os pobres não nos devem habilitar n'uma guerra de morte ... E mesmo que me dissessem que eu so me revolto por terem espesinhado o velho Malaga... eu estava respondido... Quem pode ficar callado sabendo o que esse infeliz sexagenario tem soffrido? Quem pode ver mandarem buscar um pobre homem, só por ser caipira, entre cordas, dizendo francamente que é para fazer medo aos outros? Senhores. . . . é preciso que haja vingança. . . .

—O rumor da batalha já ouvimos, Sr. Veiga—diz-se Alfredo.

—É' impossivel que um dia não tenhamos justiça. Eu tenho conversado com meus amigos e vejo que o martyrio faz grande o pequeno. La pelo matto não se crê mais que o imperador seja um sancto, que esses grandes sejam os bons . .

—A nossa infelicidade é não termos força, sr.—disse L.da Rocha apalpando a opinião do negociante.

—Havemos de ter, meus senhores. Quanto a nós, lhes declaro, embora vejamos adiante a força, não recuaremos. Preferimos mil vezes perecer n'uma guerra sancta, n'uma revolução de honras, á ver as nossas familias, os nossos irmãos, os nossos pais, os nossos semelhantes ludibriados pelo poder. Do melhor grado expiraremos aos pés de uma cruz, com ella abraçados, mas não queremos injustiça, não queremos soffrer vergonhas.

Os moços guardão silencio admirando a nobre altivez do negociante.

—A espada de um aulico poderá deixar de menos um escravo para o rei e para os barões; mas a espada de um plebeu poderá deixar de menos um tyranno para os que soffrem. . . .

Os *Confidentes* são soberanamente enlevados pelo sentimento do novo co-religionario.

—Eu não fallo por paixão. . . fallo por dor, por desespero. . . Na sociedade eu nada significo. . . Po-bre e humilde, almejo antes de tudo ganhar o pão para minha familia e obter o bem estar para ella; e é quando vejo a minha mansarda á mercê da prepotencia e do capricho dos grandes, a minha honra de pobre malbaratada que eu offereceria a minha vida por meus filhinhos. . . .

—Muito bem !—exclamou Ricardo Dias. Creia que havemos de assistir ao ultimo arranco da maldadez. . . e maldicto o que não cumprir o seu dever.

—Maldictos os que venderem silencio a submis-



são em frente do throno e dos palacios!—gritou também Alfredo.

O negociante levantou-se apoiando.

Eis que ouvem *vivas* e grande vozeria ao longe. São os homens do imperio que festejam o 7 de Setembro.

Luiz da Rocha e Sylvio vão ás janellas. Ricardo Dias renova o gaz do lampeão.

Alfredo continúa a conversar com o negociante.

—Pois o nosso dever por ora, sr. Veiga, é fazer conhecer á todos os nossos amigos o unico ramo que nos cumpre seguir.

—Tenho pensado isso, Sr. Alfredo; e posso assegurar-lhe que dispomos de muitos adeptos e o povo do sitio está todo prompto para insurgir-se ao primeiro grito. Queremos só que o *Club* nos dirija, porque temos certeza de que o triumpho será nosso.

—Não resta duvida quanto á nossa abnegação e patriotismo. Tudo se prepara bem. Deve saber, Sr. Veiga, que no seio do povo brasileiro incubase actualmente uma revolução, que esboroará o governo dos *tartufos*...

—Tenho muita esperança de viver até esse dia feliz, Sr. —disse suspirando o negociante.

—Não pode tardar. Agora deixe-me dizer-lhe tudo, sendo escusado pedir-lhe o mais scrupuloso sigillo: nós só esperamos o alarma da corte.

—Não sabe quanto me ergue essa nova! —exclamou o Sr. Veiga. Digo-lhe francamente que as minhas forças revivem.

O rumor augmentava.

—Como é feliz ainda o rei! — gritou Sylvio da janella.

—E' mais de... que um czar — retrucou L. da Rocha.

—E' um Dalai-Lama .... Si Nero desse com uma



povo como este, seria mais virtuoso do que foi ... e mais celebre ...—disse Ricardo Dias.

—De certo—concluiu Alfredo: os Neros talvez ainda venhão a ser preferidos neste século.

—E que grande massa de povo!—observou Sylvio.

—São todos bemaventurados—murmurou a meia voz o negociante.

—Vem ver, Alfredo: veem allumiados com archotes!—exclamou Sylvio.

—E você lembra-se d'aqueiles enterros de Pariz, que se fazião á luz dos archotes...em 43?—perguntou Alfredo.

---O que é verdade é que o rei é ainda omnipotente ---avançou Luiz da Rocha.

---No meio desta gente—arrazou Ricardo.

O bando se approximava. Por enquanto nada se percebia sinão a algazarra da garotagem.

—Quão poderoso é ainda o sultão da nossa grande Turquia!—insistio Sylvio.

—Isso não significa muito - respondeo Alfredo. Você não se lembra que Luiz XVI, pouco tempo antes de subir ao cadafalso jurava a constituição tão liberal na Assembléa e de lá sahia aos gritos de -- viva o rei! -- ? Não se recorda de que Napoleão, quando *percorria a Europa a cavallo*, nunca pensou que acabaria os dias no rochedo de S. Helena? Como é que aquelle grande homem, que deo leis ao mundo, que distribuio sceptros, foi arrancado do meio das acclamações fanaticas de tantos milhões de homens para ser atirado á uma ilha, incommunicavel com o resto do mundo ?

---E' verdade: quem teve hontem tantos milhões de escravos vio-se hoje até sem a propria familia! ---reflexionou L. da Rocha.

---Sim: e aqui vem tão pouca gente---balbuciou Sylvio.

— Pouca gente? — perguntou Alfredo.

As caras aparvalladas dos magnates relampagueavam á luz das lanternas. Elles vinhão na frente: logo depois a banda de musica e atraz as multidões anonymas.

Alfredo levantou-se e accendeo o cigarro. Deixava ver em suas feições os traços de um malestar indizível, de certo pezar intimo pela scena que representavão os bandorrilhas e *paspalhoes* de casaca.

Bem defronte do sobradinho retumba o hymno nacional. Vivas enthuziasticos pollulão com estrepito, no meio de palmas e gritos — *ao rei liberal! ao monarcha mais sabio do mundo! ao maior democrata da America!* etc. etc.

Os moços da janella se conservão serios e comovidos.

O negociante não se moveo da cadeira.

Alfredo que passeia irrequieto pela sala, pára de repente em frente da janella, murmurando:

— Isto na verdade é triste, meu Deus. O que é o nosso povo ainda... Pergunte-se á qualquer d'aquellas boas almas o que anda fazendo em procissão carnavalesca pelas ruas da cidade... Quem faz o papel mais bonito é sempre o *koang*..

E foi para a cadeira.

A orchestra continúa a executar o hymno, demonstrando-se acintosamente perto do sobrado.

Mas a mocidade independente e circumspecta do *Club* sabe contrapôr o mais nobre desprezo ás rodamontadas estultas dos potentados.

Todavia — que infelicidade! — Alfredo não se poudo conter. Apezar das reflexões e advertencias dos companheiros, elle transformou a sua resignação de crente na imprudencia de um desesperado. Foi á janella e pondo para fora a parte superior do corpo, gritou ao grupo:

---*Ave, Cezar! morituri te salutant.*



Os tartufos embonecados dirigem enconfronte olhares vingativos para as janellas. A orchestra interrompe-se e ouvem-se vozes:

—A policia! A policia! Insulto ao publico!

Alfredo, tremulo de indignação, continua a passeiar.

—Covardes!... Infames!...

O negociante levanta-se.

Os outros moços retirão-se das janellas. Um d'elles, precipitado, bate no lampeão....

Ouvem-se algumas batidellas na porta.

Sylvio da janella:

—Não podem entrar!

—E' a policia!—dizem de baixo.

—Não podem entrar!—o sr. Ricardo Dias não consente!

—Mas é preciso effectuar a prisão de quem offende a nós o imperador!

O povo se agglomerava rapidamente. O delegado de policia, cunhado do barão de S. Gil, continuava a insistir no plano de entrar.

—A policia não será desmoralizada!—grita o homem. Het de manter-me na altura do meu cargo!

E apita com força.

—Porta ao chão!—mandão da rua.

O negociante está furioso e os moços com dificuldade podem contel-o.

E grande massa de povo já está em frente.

Os adeptos e aduladores do barão procurão por todos os modos excitar os excessos das turbas.

E continuão os gritos de:

—A policia! Porta ao chão! Prenda-se o typhographo!

Chegão muitos policiaes.

O delegado torna a bater na porta.

—Porque havemos de dar logar à violencia mais perigosa? Vou eu para a cadeia.... ella não me



pode envergonhar... não sou um criminoso... Deixem-me levar para a cadeia...

—Nunca!— exclamão os amigos do typographo.

—Não me obriguem a uma desgraça maior: attendão ás circumstancias... nada de imprudencias agora...

—Não consentinas! É um attentado iniquo, sem qualificação!

—Pois..... não trabalharei mais com o povo... si o povo quer imitar os carrascos!....

O delegado continúa a bater em baixo.

Os moços ficão por momentos perplexos em vista da attitude de Alfredo.

—Arromba a porta! Prenda-se!—insistem de fora.

Final<sup>me</sup> os *confidentes* applaudem-se:

—Muito bem! Vamos todos! A cadeia pelo povo não pode infamar a ninguém!

—Vamos! Obdecemos a policia!—brada Ricardo Dias da janella.

Descem.

O delegado pede que o *bando* prosiga no percurso das ruas.

O negociante Veiga, exasperado e terrivel, acompanha em silencio aos *Clabistas*.

Seguirão para o *quartel*.

Os *confidentes* com que se encontravão horrorisavão-se pelo despejo e cynismo com que os *mandões* violavão todos os direitos individuaes.

Algumas familias, consternadas, intercederão em favor da victima, mas sem resultado, porque a policia folgava de ostentar todo o seu poder!

Houve grande agitação na cidade. Muita gente nas ruas corria sobresaltada..... os gendarmes disparavão.....os negocios se fechavão. enquanto os espiões curiosos vão á cadeia indagar do occorrido.

Alfredo foi inclausurado n'um dos cubículos do estabelecimento.

Durante toda a noite, não cessarão as visitas.

Andre de Souza, meia hora depois partirá para Itamby a communicar o lamentavel successo á familia do typographo e convidal-a para vir á S.<sup>ma</sup> caso desejasse. Perto de 15 kilometros separão as duas localidades.

O movimento festivo crescera depois da prisão do Alfredo. Para mais humilharem o moço, passarão duas vezes pela frente da cadeia, assoviando vociferando e victoriando ao barão e aos mais sequazes do imperio.

Alfredo tiritava de raiva, de desprezo e de pena. Sofre as alternativas d'uma pallidez sublime na lucta do ideal gigante e do rubor d'essa sensibilidade toda juvenil e patriotica, que caracteriza as grandes almas.

Pouco conversa, comquanto os visitantes se exforcem por distrahir-o. Evidentemente elle pensa na tragedia em que está figurando.

O barão prosegue incauto no seu divertimento.... Elle gosta muito de estraladas, emquanto não lhe escalão os dominios.

A' meia noite, quando reinava algum silencio no novo gabinete do revolucionario, Sylvio entrou muito enthuziasmado.

—Decididamente vamos para a transição—disse elle pondo o chapéu sobre uma mesa. Venho de fazer uma excellentes colheita, Alfredo.

O typographo levantou-se.

—Nem avalias como está isso por ahi.... A ordem publica é uma desordem.... Os soldados se atropellão de todos os lados.... arrastão as espadas pelas calçadas.... o delegado desvairado entre o povo que ferra nas ruas.... tudo isto dá um aspecto sinistro á cidade.... Já se derão traz



conflictos. A patrulha está activissima e dizem que já temos policia secreta... No beco do Cintra...oh!... estou enthuziasmado

—Mas ao que é?—indaga Alfredo anciosamente.

—Eu estava no negocio de Calhandra .... Procurei o Anthero e não encontrando-o promptamente, fui eu mesmo buscar o Cognac e os charutos para nós...

—Cognac e charutos?

—Sim ...

—E o que eu digo: quanto mais desgraçados tanto mais viciados .

—Mas a providencia anda connosco, Alfredo... Oh... a tua prisão ! ... Esta cadeia !...

—Mas o que aconteceu no negocio de Calhandra ?—instou Alfredo.

—Pararão na esquina dois individuos de braços dados. Reconheci-os: erão o barão e o padre Lourenço.

—Estavão damnados...?

—Não: estavão tristes ... desesperados ... idiotas... Conversavão sobre a alta politica ... commentavão um telegramma da corte ...meu Deus ! estou louco de enthusiasmo ...! Logo hoje isto ...

E todos esperão a surpresa....

—O barão dizia ao padre Lourenço que não sabia o que devião fazer... que vacillava diante das couzas ...que estavão perdidos... que se ião aggravando os males sobre que tinhão fallado ha poucos dias... etc... Eu que ouvi estas palavras, pedi logo a attenção do Calhandra, e entendemos o padre perguntar ao barão:—*Mas to manifesto por quem é assignado?* O Barão respondeo:—*Pelas influencias liberac.* —Então, tornei a perguntar o padre; dizem que o partido liberal não é joguete do rei?



Isso mesmo, --- respondeo o barão—E qual é a attitude dos ministros ?—tornou ainda o padre. Ignoro, disse o barão: sem duvida não se poderão manter no poder, guerreados pelos proprios co-religionarios...

—Que pulha magnifica !—exclamou Alfredo fingindo não acreditar.

—Ora, a prova da veracidade é que elles conversavão baixo e muito resabiados...

—Os homens da *melqueira* a distribuirem manifesto contra o rei !... Era o que faltava ...

—O Vigario Lourenço estava mais desapontado que o barão.

Chega a familia de Sylvio.

—Mas como sahiste da casa de Calhandra ?—recomeçou Alfredo.

—Elles se retirarão logo...

—Estou seriamente preocupado... Que bonito si amanhã virmos esses homens a tomar a marombal... Devemos exultar... Oh... teremos que ver muito...

Está satisfeito...

—Não pensei de vir encontral-os tão alegres —disse D. Laura, irmã de Sylvio.

—Havemos de ser, minha senhora, as *salamandras* dos estufos, dos *queimadeiros*, que os barões levantarem neste solo...

—Assim até as mulheres ficarão revolucionarias...

—O ideal é de todos...

—Quem sabe si nós outras teremos de ir á praça também...

Que noite de visões! Que bellos, que daslumbreadores aquelles lances, aquelles arroubos de mulher patriótica, de mulher como imagina um ardente sonhador de futuros estupendos! Uma noite de calabouço, assim compensa bem uma vi-

da inteira de creanças...

A abstracção indefinível de um moço nas poeticeas peripecias de uma grande empresa; o constrangimento dos que visitão o carcere de um amigo; a effervescencia dos animos n'um momento de crise; o desespero dos grandes e os auspícios que vivificação aos corajosos lidadores de um dia novo: tudo isto e o romantico patriotismo de uma menina --contrastão com o que de mais grandioso e sublime possa phantasiar-se!

D. Augusta, mãe de Sylvio, está muito preocupada com os perigos a que se expõem os *confidentes*?

Eis que entra Lucio Calhandra, o negociante da esquina do Cintra.

Elle não tinha ainda fallado com Alfredo, depois do acontecimento.

—Meu amigo, você espere justiça... nós todos temos esperança...

Sentão-se; e após um curto intervallo:

—O Sr. de S. Gil, dizem, já dorme com os *crachats* debaixo do travesseiro --disse Calhandra muito serio... porem um serio artificial e faceto.

Provocou hilaridade geral.

—Olhem --disse carregando os sobr'olhos e mostrando o punho direito da camisa: -vingança!

—Como...? o povo quer vingança? --interrogou D. Laura. O povo nunca se vinga...

—Vinga-se, sim, minha senhora... e vinga-se de muitos modos... Por exemplo: o triumpho para a liberdade e para a justiça é uma vingança...

--Muito bem! --palmejou a moça. Eu provocava isso mesmo.

E os circunstantes olhão com orgulhoso entusiasmo o jovem negociante.

Calhandra é um destes moços que dão vida aos salões de familia. Inteligente, amante dos livres



dos jornaes; adheso ás ideas adiantadas, espi-  
rituoso e atilado, é o *perreuil* das reuniões... To-  
dos os moços estimão-no.

De repente, como despertando:

—Mas eu ainda não contei as minhas façanhas  
desta noite.

—E' verdade: diga-nos agora a sua parte -accudio  
gracejando D. Laura:

—Alfredo... tu és a victima desses *phariseos*...  
mas soffre, rapaz... soffre... espera... Christo alli  
vem enchendo o mundo...

O grottesco da mimica e da declamação profliga-  
va até o serio de D. Augusta:

—Eu creio muito -disse Alfredo satisfeito.

—Eu fallo mais franco... consente, meu amigo:  
invejo a tua sorte... Ao menos terás a gloria de  
ser um dia um dos libertados desta *Bastilha*... e  
a *Bastilha* é um *Capitolo*, é um *Pantheon*...

—Mas como? -perguntou o typographo.

—Então accaso esperarás que um barão ou um  
commendador te venha abrir as portas?

—Não...

—Seria ignominia... seria aceitar affronta como  
reparação de affronta...

—Mas até quando me deixarão aqui?

—*Fiat voluntas regis et regulis*... mas nunca a-  
ceitaremos a chave desta *casa*...

—E então?

—O povo ha de soltar-te e a chave nós dare-  
mos a um professor publico... para que aqui se  
venha ensinar os filhos dos barões a serem ho-  
mens...

Chega um proprio de Itamby communicando que  
a familia de Alfredo virá amanhã com André.

—Mas a sua historia da noite, senhor Calhan-  
dra? perguntou D. Laura...

Qual... eu estava cassoando... não fiz nada...



não sahi do negocio até as nove horas... Ouvia a barulhada ....o povo a correr ....os soldados... o delegado furibundo.... e quando me contarão que o Alfredo tinha sido preso.... eu....fiquei como um parvo na porta ....boquiaberto.... um *palerma* direito.... E dava para tanto .... quasi chorei... de pena desses bons *cousas* ... Hei de chama-los de *conegos*, de hoje em diante.

A' meia da madrugada, Sylvio foi acompanhar a casa a sua familia,

Os rapazes passarão a noite com Alfredo.

V

A partida.

No dia seguinte ao dos acontecimentos que acabamos de narrar, os apaniguados e adherentes do barão estavam muito satisfeitos. O desejo do velho coriphieu absolutista era inutilisar o typographo; e suppunha conseguir isso arrastando-o até o carcere.

Mas de outro lado o barão observava que sua filha cada vez mais se apaixonava pelo *trapalhão* sem nome e sem futuro. E isto é o que mais affligia o homem dos preconceitos: tanto que resolveo pôr em pratica mais um conselho: ausentar-se de S\*\*\* por algum tempo.

Julia, que soffrera um golpe lancinante ao ter noticias do succedido na noute do dia anterior, via-se agora de frente com a rigida prepotencia do pai.

Nas vespervas do dia da partida para a corte, foi a menina despedir-se de D. Laura, a sua mais in-

tima amiga.

É a primeira vez que sahe de casa, depois da sôna do jantar.

Em casa de Sylvio estimão muito a filha do barão. Todas as pessoas da familia cortejão-na, comrendendo-lhe um preito de condolencia.

Quantas lágrimas, quantos suspiros repassados de dor não consagrao esses momentos de saudade infunda, de prazer angustiado, esses momentos longos, em que Julia devaneia nas reminiscencias do viver de flores que passou com Laura.

Quantos soluços de amargura não lhe opprimem o peito ofegante ao lembrar-se de que, um dia mais, o deve deixar a terra de seu berço, o berço de seus amores !

Quantas palpações dolorosas não lhe embargão na garganta o nome de Alfredo !

Insensivelmente D. Laura a foi levando para o quintal, onde alem de um lindo jardim, viceja um magnifico vergel...

Que bello panorama offerecem estas paragens! E quantas recordações despertão a quem outr'ora fôhiahi tão feliz !

Arvores fructíferas de varias qualidades circumdão os taboleiros inflorados. Formando largos quadros e symetricamente, ricas e verdosas latadas de uvas e maracójas. As leivas do centro, cobertas de cravos e agucenas, são divididas por uma deslumbrante balaustrada de jasmims ... Um limpido ribeirão átravessa o fundo e deslisa mansamente pela grande varzea do rocio até confluir com o magestoso N°°.

Foi neste ribeirão que muitas e muitas vezes Julia divertio-se com a familia de Sylvio em aprazíveis e sempre saudosas regatas. Foi n'aquellas aguas crystalinas, que agora serpeão indolentes,



descendo-se em enzeiadas, que Julia e Laura, em sua infancia gentil e perfumosa, brincarão alegres e sob a guarda da innocencia, saudadas pelo concerto nautatino dos passaros !

Do lado opposto, distende-se um bosque espesso e verdejante. Algumas grandes arvores se destacão imponentes, com as copas recamadas de flores rubicundas... São os frondosos *imbrassús*, em cujos pináculos bramem os tucanos purpurinos... revoam inquietas as gralhas barallhentas...

Não ha espectáculo que possa igualar a magnificencia, o encanto pastoril desta região. O matto de si bello e admiravel: o verdor das frondes não desfarga o matiz das lindas e redolentes flores apestres. Nas horas de tédio, quando tudo parece descansar, o canto estridoroso da araponga reboia na vasta floresta e vai perder-se n'um campo infinito !

Tudo isto, ó grande, meu Deus !

Mas Julia incommoda-se neste paraíso.

Sente-se murchar diante das flores que vicejão...

O jardim é opulento; e contudo, não pode competir com o esplendor das mattas...

Mas nada é capaz de merecer de Julia um sorriso, um olhar lepidos...

Os seus sentidos vagueiã por muito longe.

Afinal parão á sombra de uma murteira, á margem do ribeirão. Teem de um lado um alto e venerando cypreste, a palmeira dos defuntos.

E' sem duvida o monumento secular do chefe da familia.

De outro lado está um virente milharal, intermeado de alguns cafezeiros.

D. Laura aspira distrahidamente o perfume de uma cravina. De momentos a momentos, ella esguarda tinidamente aquella arvore symbolica que se alteia dominante á esquerda.

Uma tradição domestica prohibe approximar-se, á certa hora, do tronco gigantesco. Conia-se que um dia pela tarde, o cypreste chorou e que as suas lagrimas queimavão.

Respeito por essa superstição.

Embaixo do enorme vegetal é quasi escuro e todo o ambiente é triste e medonho.

As duas meninas conversão intimamente sobre as aventuras de Alfredo.

Julia está muito abatida e inconsolavel. A consciencia de quanto soffre e de quanto tem de soffrer lacera-lhe cruelmente a alma.

—Você esteve ante-hontem com Alfredo?—perguntou ella.

—Estive: elle tem muitas saudades de você....

—Ah.....

Sentão-se embaixo da murteira.

O vento da tarde começa a encrestar o tope da floresta. As bananeiras que orlão o riozinho baloção descuidosas. São as flámmulas da natureza americana.

Os passarinhos adejão loucamente pelo laranjal.

Do sitio em que se achão, podem as duas amigas gozar da vista mais linda: além do valle— as rudes pompas da creação; áquem— a luxuria, o brillantismo do vergel.

Mas tudo isto lhes passa desaperecebido.

—Elle está muito triste, não?

—Sem duvida. E' bastante elle pensar que soffre talvez por um impossivel.

—Por um impossivel? Elle diz isso?

—Não: mas....eu creio....

—Porque?

—Ora, pois você ignora quanto odio lhe vota teu pai!....



—Ah meu pai... meu pai...

O pipillar de um gryllo obriga D. Laura a remover-se.

—E elle está tão resignado....

—Quem?

Alfredo. Diz que a perseguição, que exercem contra elle não o incommoda, visto que é por amor de você...

—Eu hei de tambem soffrer com elle até a morte—disse Julia enxugando com o lenço as perolas que se desmanchão por sua face de jambo.

D. Laura ficou muito commovida.

—Talvez vocês venção....

—Ainda que seja no tumulto....

E houve um momento de scismas... So fallão as folhagens no seu confuso farfalhar.

—São assim, minha prima, os homens desta terra... Si eu succumbir, levarei o amor de meu pai. mas hei de levar tambem a maldição dos carrascos... Os grandes, os poderosos, os endinheirados, o imperador — estão nos palacios; os pequenos, os escravos — que soffrão ... Laura, creia, sinto um calor no peito... uma sede de justiça... Alfredo é tão maltractado por esses monstros....

E desfaz-se em prantos.

—Tenha esperança. Elle te ama.

—Ah... como é grande a esperança!

Apoia a cabeça sobre o braço direito.

—Voces amando-se .... são felizes...

Julia não percebeu. Está embevecida na dor.

—Juro-te, prima, que um dia hei de ter a gloria de arrancar do peito de meu pai aquelle brazão que o infama...

D. Laura encarou perplexa a desditosa amiga.

— Eu vou para a corte... Vou, para obdecer meu pai e convencer-o de que não pertencerei a outro homem. E podem deixar para sempre Alfre-



do na cadeia...

—Você me faz lembrar uma coisa que tenho para dizer-te.

—O que é?

—Sabe o que disse o Sr. Calhandra no dia da prisão de Alfredo?

—O que foi?

—Disse que Alfredo não sahiria da cadeia sem que ella fosse arrombada pelo povo...

—E Alfredo o que disse?

—Concordou.

—Eu dou razão á elle: quer libertar-se...Eu tambem hei de ser livre quando viver com elle.

E por alguns minutos, ellas olhão-se com pena. Levantão-se.

—Na noite da prisão, havia muitos amigos lá?

—Muitos, durante toda a noite.

D. Laura cortou uns pecegos verdoengos.

—Vamos até a fonte?

Julia fez um gesto de desprazer.

—Antes vamos alli ao pé do cypreste...

A amiga não respondeo.

—Oh... si eu pudesse apanhar um raminho...— disse Julia fitando expressivamente a arvore dos sepulchros.

D. Laura virou-se para o lado da casa.

Um terror mystico se apoderou das duas moças.

Convidão-se e voltão.

Ao passarem pelo jardim, Julia tomou uma *perpetua* e pol-a no cabello com ar de irrisão.

—la-me esquecendo—accudio detendo a prima pelo braço—; preciso que voce mande entregar á Alfredo as cartas que eu te mandar da corte...

—Sim; mando por Olympio.

—E envia-me tambem as d'elle...

—Não tenha cuidado.

Ao cahir da noite, Julia despede-se chorosa da familia de Sylvio.

A 10 de Setembro retirava-se para a corte o barão de S. Gil.

Ao ver-se fóra da cidade, Julia não poudo esconder as lagrimas que lhe borbotoarão nos olhos.

Que tyrannia !

\*

Na manhã do dia em que o barão ausentara-se de S\*\*\* reinava grande alegria na prisão de Alfredo.

Sobre uma pequena meza estava o seguinte telegramma da corte:

« Ao Club do povo.—Coragem ! Situação complicada. Os revolucionarios não descansem!—O centro republicano »

\*

Meia hora depois, Alfredo ficava só na prisão, enquanto os seus comparsas, cujo numero crescia de dia para dia, tractavão no sobradinho dos interesses da causa revolucionaria.

Logo depois do telegramma Alfredo recebeu a cartinha que Julia deixara:

« Alfredo—Sei quanto voce soffre. Não imagina como tenho vivido desde que soube de tua prisão. Voce porem deve ter tanta esperança como eu.

« Parto com a minha familia para a corte; e isto hoje, de certo. Estive em casa de Sylvio e conversei com Laura a teu respeito. Ella, como toda a familia, estima-te muito. Si tiver de escrever-me, o que te peço com instancia, dê ou mande a carta á ella para remetter-me. Pedi a ella, a nossa tão chara e fiel amiga, que nos fizesse isso. Não esqueça de mandar-me a alliança. Tua —J.»

Mais abaixo, em letra quasi inintelligivel, estava:

«Acabo de suspirar por voce. Partimos d'aqui á meia hora. Não posso mais. Adeus.»

O moço repetio muitas vezes a leitura desta carta.

Mas Julia ja'não estava na cidade. E elle lá se fica no lobrego ergastulo, quebrantado pelo pezo da vida.



## O que é isto ?

Quinze de Setembro.

As cousas se apurão

E' difficilimo esboçar o quadro que apresenta a vida publica do paiz. Fornece paginas para imitar uns lances da historia de França.

E' preciso que sejamos breve, tão breve como requer a fragorosa rapidez dos avalanches do povo, que açoitadas pelas tormentas do seculo, se precipitão e redundão e rebramem nos abysmos da politica.

A situação de todas as classes é triste, tristissima.

Agora, ja menos importa a regeneração essencialmente social. O descabro invade a condição economica do povo !

A miseria embosca os pequenos. !

Descurado não só o interesse moral, mas também o interesse material do paiz; nullificados os elementos, os *unicos* elementos da agricultura, a *unica industria nacional*, pela progressiva depuração da escravatura, vão cessando igualmente os poucos recursos de vida para o povo e a consequencia natural é a enorme *greve* que se levanta medonha das entranhas da nação !

Ahi estão elles !

Fidalgos, padres, grandes, sabios da politica — ahi estão elles !

D. Pedro — ahi estão os famintos !

É 15 de Setembro.

Os *confidentes* se occupão no *Club do povo* com uma longa correspondencia para o *Centro republicano* da corte.

Bein se apercebem elles do rumor que lhes incendia os tympanos.

A cidade de S\*\* parece accordar de um longo somno. Em todas as reuniões se discute sobre o futuro do paiz, ameaçado pelos erros do imperio.

O povo sente horivelmente as desgraças que o acabrunhão. Em muitas esquinas mesmo é facil encontrar grupos entusiasmados pela esperanza de uma nova era que deve pôr termo aos abusos.

E esta febre layra em todo o Brazil.

Os *grandes* inquietão-se e com olhares de loão ameação a audacia dos innovadores. Mas a revolução ganha terreno, apesar de todas as myxtificações e mau grado da gente de galão.

O delegado de policia, acompanhado do tenente-coronel Leonido Torres, havia chegado ao *Club*. Forão recebidos muito delicadamente, interrompendo-se os moços para prestarem a mais significativa attenção aos adversarios que, é preciso di-



zer, não crião já muito na victoria do passado, desta vez. Um tanto acanhados, sentarão-se merecendo as finezas dos *revolucionarios*, que timbrarão de se mostrar cada qual mais cortez...

O tenente-coronel entretanto tem alguma familiaridade com os moços e é tio de Sylvio. E' um homem vulgar e bonachão. Aprecia o bom espirito da rapaziada e saboreia gostosas gargalhadas com as moças, que o debicão a grande.

O delegado, pelo contrario, é destes tolos infatuados, que sempre cahem no ridiculo. Já quer ter tambem o seu proselytismo. Suppõe tornar-se bom e sympathico pela pedanteria e pela affectação.

Gosta de ser delegado de policia porque torna-se um reisinho. Nos motins, nos batuques, nas ruas, nos theatros, elle occupa o logar de honra e franze a testa, encurva graciosamente os braços, impertiga-se, refestella-se a todos com ar de protecção e sabe parodiar com habilidade a phrase de Luiz XIV: —*eu sou a policia*—!... E' uma notabilidade.

Não é raro ver-se-o no meio de dous ou trez parudos capitães ou commendadores, a crocitar como um corvo e a dizer graçolas, com *inexcedivel* galanteria.

O que, porem, fal-o mais interessante e digno de respeito (a antiphrase é um pouco dura), é a posição elegante que elle assume no camarote e o accento e mimica desembaraçada com que applaude as actrizes bonitas.

Mas diante dos garotos, que não dormem, o Sr. Manoel da Silva está desprestigiado. Até já inventarão o dictério: *Ora o pituitoso delegado*....

O homem estrebuxa com isto, mas é preciso fingir que não percebe as chufas da gentilha.

Reparem bem.

S. S. é cunhado do barão, não esqueção.

Depois de um curto colloquio de recepção, houve



um silêncio brusco que muito incommodou aos moços.

O delegado sente-se completamente vendido: e é muito natural, pois acha-se entre adversarios distinctos, intransigentes, comquanto nobres e leaes: adversarios a quem ha poucos dias offendera na pessoa de Alfredo de Sá.

Ccoitado quer ser jovial, mas a sua jovialidade é chata e sem effeito.

Andre tira do bolso a cigarreira e com muita civilidade offerece cigarres a todos.

Finalmente o Sr. Silva desentalou:

—Pois eu lhes vou dizer o que me trouxe aqui.

—Oh senhor....estamos promptos para ouvi-lo com prazer---respondeo Ricardo Dias.

—Tendo julgado prudente pôr fim a brigas este-reis, que de nada servem ao nosso logar, eu os venho convidar para irmos buscar o Sr. Alfredo, visto que recusa attender ao meu pedido....

O homem pensa assim conquistara sympathia e gratidão dos moços

E' muita vaidade. Mas tudo isso elle faz por ignorancia e sandice: as suas intenções *parecem ser boas....*

Os *confidentes* ficão perplexos.

—Buscar Alfredo? D'onde? Para onde? —perguntou Andre.

O cunhado do barão empallideceu.

—Não posso crer que se neguem a reconciliar por bem estes odios pequeninos que se vão desenvolvendo entre pessoas do logar—disse elle já muito desenhado.

Isto vem provar que os magnates se convencem da energia e hardimento dos *revolucionarios*.

Notemos que o barão está plenamente satisfeito com a prisão do typographo, visto que, so ella, bastou para adiantar os projectos do grande nobre.

Porisso, o sr. Silva julgou dispensavel consultar o seu cunhado sobre o procedimento que ia ter com os moços.

O tal sr. Silva, que nos accessos de sua febril vaidade, sonha com a gloria e com o applauso dos posterios, tem muito bons desejos de agradar o barão sem desagradar o moderno partido da mocidade.

Quer, como explica com muito espirito a linguagem popular—*jogar com pau de dois bicos*—....

Mas os *clubistas* é que o não accitão.

—Ainda não pudemos comprehendel-o, senhor... redarguiu Sylvio gravemente.

O delegado ficou surpreso.

—Pois o Sr. Alfredo de Sá não foi ha poucos dias preso á minha ordem?

—E....

—E os senhores não se achão magoados? Naturalmente....

—Não, senhor!....pelo contrario!—replicão os moços nobremente.

—Oh!—exclama com azedume o Sr. Silva, verdadeiro como um inglez.

—Aqui o nosso amigo Calhandra até disse hontem que invejava a sorte de Alfredo....

—Quanto enthusiasmo eu não teria n'aquelle ergastulo!—confirmou Calhandra zombeteiramente.

O homem cerrou os sobr'olhos.

—Então recusão a soltura do seu amigo?

—De lá só o povo o poderá tirar: não será V. S. nem qualquer barão quem possa dar liberdade a Alfredo—disse Calhandra com despreendimento.

—Bem, senhores; julgo desnecessaria qualquer altercação menos cavalheirosa: eu vim apenas com muito respeito propor-lhes uma reconciliação condigna. Não a aceitão? Ficará o sr. Alfredo na cadeia até quando lhes aprouver: e para isso me dispense de repellir um insulto em casa alheia—



sentenciou o delegado pausadamente.

Os moços irritão-se e veem que a occasião é propria para um desafogo pessoal.

Com o maior atrevimento todos aggre-dem com palavras energicas o sequaz do barão.

—O sr. é que nos veio insultar, porque a sua proposta é absurdamente atrevida—gritou Ricardo Dias.

O delegado levantou-se iracundo e o tenente-coronel interveio no pleito procurando apaziguar a exaltação que se augmentava.

—Tenho terminado a minha missão—disse aquelle surdamente. Peço-lhes que me poupem o desgosto de continuar ....

—Sim; e outra vez veja que somos filhos do povo, heim! —brada Calhandra— filhos do povo!... que tem a *ferocidade* da innocencia e da honra!....

—Oh! —soltou o delegado meio ironicamente.

—Sim, sim, amanhã....—acrescentou Calhandra.

—Hão de permittir que me retire; não os posso ouvir assim.

—Não temos flores no peito — continuou Calhandra.

—Oh! estas invectivas e remoques é que eu não admitto ....

Uma prolongada explosão de gargalhadas escapelou até os miolos o bom delegado de policia.

So Sylvio conservou-se em silencio, de pé, immovel.

—Guarde o *eu* la para o palácio, heim! —retorquiu Calhandra.

O incidente tornava-se mais serio quando o Sr. Silva toma o expediente de retirar-se, vociferando:

—Eu queria vel-os fallar assim n'aquelle dia....

Então as cachinadas estrondão nas costas da policia.



Sylvio, de braços cruzados, no alto da escada, sacudindo a cabeça com toda expressão de desprezo:

—Ah meu Deus! porque não me deste o garga-lhar! Porque o rir só foi dado á Rabellais e á Voltaire!

Durante toda esta scena de estridente galhofaria, uma figura indefinivel era o tenente-coronel.

Elle não é d'esses homens exaltados, d'esses políticos jograes e indecentes que sobrepoem á tudo o mais inconsciente partidarismo...E' *conservador* simplesmente para...não sabe para que, nem porque...E' *conservador* como um *liberal*...A sua philosophia consiste em viver..viver de qualquer modo.

Ninguém o incommode—é quanto lhe basta. Elle é velho e precisa descansar. Mas os rapazes acabão de deixal-o atordado.

—Vocês são revolucionarios, rapazes...são terríveis....

—Ora, meu tio; v. m. supportaria. já não digo estes homens, mas estas cousas?—pergantou-lhe Sylvio.

—Eu até já ando meio idiota...com este rumor sinistro que lavra em todo o paiz...As gazetas a dizerem, umas—que o throno periga...outras que o imperador quer se perder...outras---que vem a reforma, que vem a regeneração ou a morte...que o incendio devorador se approxima...meu Deus!... tanta grita, tanto barulho, tanto alarido!..

—São os resultados do *machiavellismo*\* imperial.. meu tio...

—*Resurrexit Jesus*, tenente coronel---disse Calhandra.

—E' verdade...A' vinda de Christo "precedeu igual inquietação dos espiritos...

—Pois nós esperamos tambem o advento do nosso Christo. O que seriamos nos, meu tio, si estivessemos sempre debaixo da ridicula arrogan-

cia destes homons ?

—O que seria a sociedade, si não fossem os rapazes, tenente--coronel?--perguntou Calhandra.

—Sim: si a loucura e desprendimento dos rapazes não affrontassem a prepotencia e vaidade dos velhos ? Meu tio, estamos no seculo da revolução. A justiça ha de vir, a despeito de todos os ferros, a despeito de todas as infamias... porque a justiça, o grande e bello ideal dos povos modernos, é o attributo supremo da revolução christã !... Rousseau dizia:—*vamos para o seculo da revolução*. Voltaire escrevia á Chancelin:—*estamos proximos da sociedade revolucionaria*. Esses prophetas da humanidade pensavão assim em 1760. E tinham razão. Tinham razão, porque a luz erguia o homem e a ordem dos reis não queria luz...

—Nem liberdade--acrescenta Calhandra.

—Sim, mas a liberdade é a luz. E hoje os povos que viverem da revolução hão de vencer.

—Vamos para o triumpho do carpinteiro--intercallou Calhandra.

—Enquanto andarmos com Christo andaremos bem--disse o tenente-coronel.

---Pois v. m. deve saber que a revolução é obra de Christo. E' bastante que os padres, os reis, os poderosos, os despotas, os grandes finalmente, sejam inimigos da revolução, para que nós, os pequenos do povo, nos convençamos de que é ella a nossa unica protectora. Na hora critica das provanças é que vemos o quanto a revolução é util..

—Mas os revolucionarios são sempre perseguidos por todos!...--obtemperou o tenente-coronel.

—Perdão, meu tio--acudiu Sylvio: por todos--não: pelos grandes, que, em nome da paz e da tranquillidade dos povos, praticão todas exacções e tyrannias. Christo tambem foi perseguido pelos potentes, mas os pobres e os humildes, os fracos--re-



oherão-no bem, e amarão-no. Os phariseus chegarão ate a leval-o para a cruz: teve a sorte que hão de ter todos os apóstolos de ideas grândiosas. Elle vinha derribar a injustica, o crime, a tyrannia e o paganismo, vinha plantar o direito e a liberdade, a igualdade e a fraternidade, vinha regenerar a sociedade humana. Os reis, os poderosos não querião e não podem querer isso: impozerão-lhe a morte afflictiva da cruz. Isso acontece aos revolucionarios, porque não é possível servir ao mesmo tempo ao rei e ao povo, isto é, os que servem ao rei tem de odiar o povo e os que servem ao povo tem de ser trucidados... Mas, meu tio, Christo transformou a cruz n'um symbolo de redempção, e os revolucionarios de hoje hão de glorificar a forza. Veja v. m. este seculo, como é grande; e nos temos esperanza que elle não ha de espirar sem ser maior. Todos nos havemos de erguer, meu tio, aos brados da consciencia universal, e da rua, de baixo dos crimes, sahirá victoriosa e sorridente uma imagem: a imagem de Christo. Então os reis, os fidalgos verão que são homens e nada mais.

—Com effeito! que tanto odio aos reis!—disse o tenente-coronel.

—Meu tio: *diante do trabalho de nascer cessa toda vida humana!* E' este o principio adorado dos reis. Creem na divindade e insultão-na. Mas socegue, meu tio: nós não pregamos o regicidio. So queremos justiça...

—Mas a monarchia é compatível com a justiça...—observou o tenente-coronel.

—Então queremos ver....

—E vocês não aceitão a monarchia liberal?

—Si ella nos der justiça... Mas somos muito pouco inclinados a crer que um poder hereditario, perpetuo e irresponsavel possa oferecer garantias de justiça.



É valente demais esta asserção.

Ah!...que si o povo pensa um dia na verdade tremenda que ali fica!...

—Mas a Inglaterra?—interrogou o tenente-coronel.

—A Inglaterra, meu tio, poderia ter feito mais: tem tido elementôz para isso. O progresso, a grandeza e poder da Inglaterra firmão-se em primeiro logar na superioridade da raça. Assim v.m. veja os anglo-americanos, que vivem sob um melhor regimen. Compare a Inglaterra com os Estados Unidos e convencer-se-á de quanto a instituição politica influe, protege e fertilisa a actividade e aptidão dos povos. A Inglaterra nada deve ao seu regimen politico, mas ao seu regimen economico e a outras condições especiaes que não auxilião outras muitas nações. Topographicamente é o paiz mais favorecido e feliz da Europa, por sua posição insular. Dos seus baluartes, ella arvorou grandes esquadras e percorreo todo o mundo em busca de riquezas. E é com essas riquezas que a Inglaterra se tem erguido. Possui minas e poder em quasi todos os pontos do globo. Na America, teem os inglezes a Jamaica, o Canadá etc., paizes riquissimos; na Europa —Malta e hoje Creta etc; na Asia, a grande India, com thezouros fabulosos; na Oceania, quasi todas as ilhas, inclusive a aurifera Australia; na Africa, o Cabo da Boa Esperança etc.. Eis ali onde estão a grandeza e poder da Inglaterra: em quasi todo o mundo. Quanto ás instituições politicas são melhores que as nossas, mesmo porque lá ha melhores homens; ha Broughams e Cannings, Peels e Palmerstons. Lá o chefe de Estado não emitte opinião; o systema representativo está muito apurado. Mas apezar de tudo isso ha muita couza por fazer. Não supponha v.m.

que o povo inglez é tão feliz como se diz; não. A Inglaterra é uma familia de *grandes* bem-aventurados, mas lá soffrem tambem muitos *pequenos*, os bastardos, os esurios da sociedade. E v. m. deve ter lido as noticias que os jornaes nos dão sobre a questão agraria que se agita na Irlanda, Do que lá se passa, vê-se que a Inglaterra dos lords é bem differente e antagonica da Inglaterra liberal que os fanaticos de Constant acclamão. E que certo, meu tio, que os Parnells, os Harris, os Dillons e Sullivans não se revoltão sem razão. Si as po testades da aristocracia, querem que continuem toda sorte de extorssões contra os pobres, os Montmorreys hão de pagar a fellonia com o sacrificio do socego e da vida. Não ha coragem como a coragem da esperança.

Houve um momento de reflexão sobre essas palavras de Sylvio.

—E para os interesses da humanidade — continuou elle — a Inglaterra tem sido uma nação simplesmente proterva. Ella leva a guerra por toda parte, só com o fim de conquistar, em nome da *entente cordiale*. Apresentando-se hypocritamente como mediadora ou protectora da paz entre as nações, ella vai á Berlim partilhar Chypre, como recompensa de seu empenho pela Porta; vai estender dominio nos confins da Africa, e invade o Affghanistan com ciúme do ascendente da Russia. Oh meu tio, teriamos muito que dizer sobre a Inglaterra. Nos momentos em que o seu grande poder se devia fazer sentir pela liberdade e pela justiça, ella recolhe-se ao seu mysterio eterno e fica surda até ás palavras de seus maiores homens. Escute: nos primeiros annos deste seculo, a *sancta alliança* resolvio em Verona manter o despotismo no continente europeu, e as armas de d'Angoulême ião alem das fronteiras, ibericas extermi-



naro partido constitucional da Hespanha.

—Sim —disse Calhandra dolorosamente: —por-  
que não te apresentaste então, oh soberba Albion,  
com tuas armas invencíveis?

—Não fallemos mais, meu tio, sobre a opulên-  
cia da Inglaterra. Ella tem o culto do ouro e do  
poder para subjugar o conceito do mundo... E  
nós, meu tio e nós?...

Calarão-se por alguns instantes.

—Viva a Inglaterra, viva a Belgica, viva a Ita-  
lia, que tem a fortuna de possuir bons homens...  
É como é triste e pungente pensar no Brazil, onde  
há só um homem de juizo e de caracter! Ah...  
si pudéssemos ser uma Belgica ao menos. Lá o po-  
vo não faz mais porque não quer: cá—nem o po-  
vo pode querer....

—Você é muito descrente...—disse o Sr. Torres.

—E' o que me vale ainda —ter a liberdade de  
crer ou não crer...Mas não é como v. m. pensa:  
eu creio n'uma cousa...

—Na republica?

—Não senhor: no futuro, que ha de trazer a pa-  
tria adorada de Tiradentes, que é a patria dos mo-  
cos...

—Mas, agora fallando com franqueza: vocês pa-  
rece que são *incontentareis*...Pelo menos —são *im-  
paciétes*...

—Mas meu tio! —paciencia — para o opprobrio  
quem pode ter?

—Ora ....você não me quer comprehender ...

—disse o tenente-coronel um pouco amolado.

Sylvio comedio-se.

—V. m. chama-nos de *impaciétes*: mas nos te-  
mos esperado tanto, meu tio...?

—Eu não sei o que vocês esperão ...

—Esperamos um Brazil moderno...E porque a  
monarchia não nol-o dá? Si nos, o povo, vales-



semos alguma coisa na monarchia, já teríamos ganho...

Pois não se adiantem muito que o dia ha de chegar ...

---Sim? Ha de chegar como? Depois que embalsarmos as nossas armas? Pois não é muito prudente pensar assim: esse proposito deixaria mal o imperador. Nas vespersas da revolução franceza, Molouet dizia à Necker, ministro de Luiz XVI: *« Não esperéis que os estados geraes peçam ou mandem; apressai-vos a offerecer quanto os seus espiritos podem desejar razoavelmente. Não empreheñdais defender o que a experiencia e a razão publica demonstrão abusivo e sedição. Proponde o que é justo e util; mas si o rei hesitar, si o clero e a nobreza resistirem, tudo está perdido ! »* Palavras sabias e propheticas, que o Sr. D. Pedro e os estadistas do Brazil devião ter sempre diante... porque o povo ja tem pedido demais !...

---Mas finalmente --- o que é que tanto o povo pede ?...

---O povo não pede muito, meu tio: o que elle faz é pedir muitas veses,

---Quem sabe si o povo não quer a monarchia ?

---Pelo que se vê, a monarchia é que não quer o povo ...

---Mas então digão o que elle quer ?

---Faça favor de ver, meu tio ---disse Sylvio apresentando ao Sr. Torres uma brochura contendo a Constituição politica do imperio.

—O tenente-coronel surprendeo-se.

—O povo quer derribar a Constituição ?

Não, senhor: quer obliterar alguns borrões que a desluzem.

O velho titubeou.

—O povo so quer que a Constituição se amolde na índole de nosso americanismo e que se compa-

bilise com as aspirações de uma nação moderna.

—Mas o que falta na Constituição ?

—Falta muita coisa e tem muita coisa demais.

Fação as reformas que o povo reclama, como indispensáveis para o nosso engrandecimento, para a nossa salvação até e tudo irá muito bem: o Sr. D. Pedro que se empenhe pelo remodelamento dos caratheres politicos . . . e este Brazil será um grande imperio, para gloria de D. Pedro e de todos os mais brazileiros- Mas enquanto o Sr. D. Pedro quizer incarnar em si o povo e toda vitalidade da nação, roubando-nos até o direito de ter criterio...tudo irá mal, e caminharemos para o ultimo desastre.... V. m. tem na mão a carta constitucional que nos outorgou o primeiro Imperador: leia, meu tio, leia, que ha de ter momentos em que o rubor lhe subirá ás faces...Não.... tenlia a bondade ....

E Sylvio tira do bolso um jornal.

—Aqui está um artigo de Salvador Maia sobre direito publico constitucional.... Leia isto, que é a verdade pura, e trema de horror...

O tenente-coronel tomou o jornal e pediu á Calhandra que lesse o artigo recommendado.

Calhandra levantou-se e começou a ler:

« A LEI ORGÂNICA

« Si ha muitas nações que supportem uma instituição politica como a que nos rege, não sabermos comprehendêr que progressos trouxe o presente século á phylosophia social ..

« Na verdade, da mais perfunctoria analyse que façamos sobre a nossa *Lei Prima* resalta descarnada a escandalosa vaidade de nosso anachronismo constitucional.

« Ora, concordemos que nos primeiros tempos de nossa autonomia politica houvesse muito es-  
crupulo em acceder de prompto as ideas liberaes



que já se agitavam no mundo. Mas não podemos comprehender que a Constituição brasileira haja atravessado irreformavel, intacta um longo periodo de mais de meio seculo.

«Não aceitamos o protesto do *Acto Adicional*, porque esse enxerto não passou de uma burla ridicula e vergonhosa. Prova simplesmente que desde os primeiros annos do imperio, uma das parcialidades politicas militantes tem-se conservado n'uma posição falsa e mentirosa e tem trahido a opinião publica com progaras mas pomposos, impraticaveis enquanto viver o actual imperador, ou enquanto não tivermos bons cidadãos.

«Como presente do Sr. D. Pedro I, é verdade que a nossa Lei Organica não deixa a desejar. E' só como um culto á memoria desse principe que se deve considerar o fanatismo boçal de alguns dos nossos homens pela Constituição, pela *arca sancta* das liberdades publicas!

«Mas eu repudio todos esses fofos palavões do alto e quero fallar como falla-se cá nas praças e nas ruas.

«Estou certo que enquanto eu me esbofar nos martyrios da vida publica, para manter-me no meu posto de honra, a sinistra e horrorosa legalidade deitará boas gargalhadas.

«Que quer a bem-aventurança imperial? — *J'ai quelque chose là*. E si os pequenos *Chéniers* de hoje tivessem de fallar do alto da guilhotina..... seriam ouvidos. Não resta duvida em que a revolução é sempre mais sincera e leal que o despotismo.

«Os poderes sagrados pela Constituição são quatro—o moderador, o executivo, o legislativo e o judicial.



« Até neste ponto foi capcioso o legislador constituinte. Apresentou uma divisão fictícia de poderes políticos, como garantia dos direitos dos cidadãos. E essa liberdade hypocrisa não passa de uma solenne mystificação, porque o unico poder de facto é o moderador.

« O poder judicial é nullificado pelas remoções, pelos accessos, pelo embargo das sentenças: e pela amnistia. A justiça oppoe a Constituição a *clémencia imperial*.

« Não temos pois *poder judicial*, que é justamente o que deveria ser *mais livre, mais independente e mais forte*.

« Porque os nossos estadistas não estudão a organização da magistratura nos Estados Unidos?»

— Está ahí já uma necessidade da maior importância, mentiono a reorganização da magistratura — disse Sálvio interrompendo o leitor.

« O *poder legislativo*, que deveria ser o poder supremo, é completamente nullo. »

— Ouça, tenente-coronel! — exclama Calhandra intermittendo a leitura.

« Em primeiro lugar está a *dissolução* como um espantallo em frente dos legisladores. E neste ponto não ha duas nações que imitem o Brazil.

« Hoje, a camara dos deputados é a corporação politica mais desprestigiada que funciona entre nós. Asseguro os *patriarchas* do imperio que o refalsamento do *systema eleitoral* é que dá lugar á isso. E nós diremos que é a *omnipotencia*, a *supremacia dissolvente* da coroa na governação pública. E veremos quem ha de acertar. Assim tenhamos logo um melhor regimen eleitoral, para vermos inaugurar-se uma epoca de barulhada em família.

« Alem da *dissolução*, essa arma poderosissima, sem a qual Bismark não seria Bismark, tem a

coroa o seu *veto*, uma das batutas doiradas do *maestro* imperial.

« O *veto* é a concretisação da sabedoria nacional.

« Ora, aceitar em um homem, mortal e defectivel como os outros, o direito privativo de acertar sempre, é renegar o discernimento, o senso da especie...

« Uma das maravilhas de nossas instituições politicas é também o *Conselho de Estado*, esse insulto eterno á dignidade publica deste paiz.

« Com esta *camara ardente* de todas as aspirações liberas e democraticas, a coroa disfarça-se mais um pouco na invalidação de todas as tentativas de liberdade, e na mystificação e rebaixamento do *poder legislativo*.

« Não temos pois *poder legislativo*. E si tivéssemos homens amigos do povo, não nos queixariamos....

« A historia nos pinta vivamente exemplos de civismo e hombridade com que alguns parlamentos tem resistido as imposições caprichosas do poder real, e em epochas de menos luz. A revolução ingleza de 1645, reduzindo em Naseby os desgarramentos e facilidades de Carlos I: a de 1789 em França, embalgando a ineptia subversiva dos ministros de Luiz XVI — prova eloquentemente que a sociedade de hoje, admittindo ainda as velhas usanças das antigas cortes, não sabe imitar a audacia dos espiritos liberaes de outr'ora.

« Logo, nós temos a infelicidade, não só de mourejar contra o *veto* invencivel e irresponsavel, como também de não contar homens que prefirão o bem estar do povo ao fasto e opulencia do rei, á eternidade do throno. »

—Creio que é bastante —disse Calhandra: segue a analyse de outros artigos da Constituição



mas por isto so, o tenente-coronel pode fazer um juizo seguro do que o povo deve querer.

—Entao sem duvida o povo não quer a monarchia....

—Isso não, meu tio; não quer os absurdos da monarchia. Já lhe disse que não somos inimigos do rei: somos apenas amigos e muito amigos da liberdade. E havemos de accedil-a, embora tenhamos de ir arrancar-a das ruinas do throno. Si o throno nol-a pode dar, que nos dê; si não, estão rompidos todos os laços entre o throno e o povo. Por sermos um povo verdadeiramente amante da liberdade, não fazemos questão de forma de governo, com tanto que a forma não implique a negação da liberdade. Mas a monarchia do Brazil, meu tio, quero ser franco como v. m. o foi, anda afastada do povo, não quer consorciar-se com elle nos interesses e nos destinos, porque D. Pedro II so visa o estabelecimento perpetuo de sua dynastia no throno do Brazil. E não acho muito tino no grande estadista —querendo firmar o futuro de sua familia na preterição da causa popular.

—Mas eu não vejo que a monarchia se afaste do povo.

—Affasta-se, porque a monarchia condemna ao ostracismo os caracteres altivos. Ella so quer a subserviencia—avançou Calhandra.

—V. m. ha de ficar crendo ainda, meu tio, que a monarchia tem sido ingrata com a democracia e que o povo so tem motivos para odiar a intolera-vel Constituição que nos impoz o Sr. D. Pedro, I.

—A mocidade o que quer é a republica; mas vós não acreditão que bastavão, para melhorarmos, que se realisassem as reformas principaes de nosso Pacto Fundamental ?

—Pois tanto acreditamos que desejamos ardentemente isso; mas D. Pedro II não quer, porque



pena que irá assim comprometter os interesses de seus filhos e netos. Nos aceitaremos a monarchia desde que ella não nos avilte. Eu digo-lhe francamente que amanhã gritarei ufano: —*viva o rei!*— si o rei se fizer brasileiro. Esta linguagem não é de um inimigo do throuo, mas é de um amigo da patria.

—Eu acceito —disse Calhandra — a monarchia desde que ella, como diz Sylvio, não nos envergonhe, por que estou bem certo de que a monarchia é uma transição....

—Mas vocês preferem a republica á monarchia actual?

—Si ella continuar irreformavel, sob a *finura* de D. Pedro, preferimos a republica .... —respondeo Sylvio.

—Eis ahi: eu não me posso convencer de que a republica venha ser mais util, porque o paiz, o povo ainda não está preparado para ella....

—Oh! eu vou responder-lhe.

—Porque o povo não tem a necessario instrucção .... —terminou o tenente-coronel.

—Faça favor de ouvir, meu tio: Essa gente que não tem instrucção influe actualmente nos negocios publicos? Si esses homens de que v. m. se teme, nada influem actualmente no governo, meu tio, como v. m. presume que inflairão perniciosamente quando tivermos a republica? Tenha a bondade de responder ....

O Sr. Torres vio-se agora atacado de frente.

—Precisamos ser um pouco profundos, meu tio. Esse argumento que v. m. apresentou —da falta de capacidade do povo — é dos *tartufos*. A opinião que hoje toma algum interesse pela marcha politica do paiz, está apta para um regimen mais perfeito e apurado, pode desempenhar deveres mais arduos e delicados e gozar de direitos mais

importantes. Querem esperar que nos eduquemos todos? Mas querem que nos eduquemos na escola monarchica? E o nosso prejuizo. A educação do povo se faz como a educação do individuo. Querem então, na pratica do crime, educar-nos para a virtude? Absurdo! Como é que esperando sempre, esperando simplesmente um regimen de plena liberdade, nos querem educar na escola da servidão passiva, dos preconceitos, das antigualhas indecentes, da mollesza? Absurdo! Querão que ninguém todos os brasileiros outros tantos *Fouriers*, *Lamartines*, *Cavour*, *Thiers*? Absurdo! Estamos, sim, senhor meu tio, no caso de um melhor governo: nem se concebe que o povo deixe de aceitar os favores de uma condição social mais livre e honrosa.

—E bom pensar assim; mas como vivem essas republicas hespanholas, nossas vizinhas?

—Meu tio, essas republicas não fazem prova contra a forma republicana. Si v. m. falla das revoluções constantes que abalam a vida d'essas nações, ou fallarei tambem da Hespanha, que apesar de possuir um throno, tem-se estragado em repetidas commoções politicas. Haverá povo incendiario como o hespanhol? Compreheende-se d'estarte que o mal das nossas vizinhas não provem dos principios de seu governo, mas da indole revolucionaria do povo. E o que pensa v. m. sobre algumas republicas da America do Sul? Estão ellas se organisando pouco a pouco, sob a influencia activa do espirito popular. Si v. m. viajar por essas nações, verá que muitas d'ellas estão mais adiantadas do que o Brazil. E' verdade que no Brazil a paz é eterna; dorme-se e dorme-se sempre no mais imperturbavel socego —ninguém se lembra de progresso enquanto ha paz e descanso: mas nas republicas vizinhas —pelo contrario—ninguém admite que a



Ordem se isole do progresso. Aqui — paz, somno e atrazo: alli — revolução, vida e progresso. Nos, os brasileiros — *amarellos, rachíticos, aparcalhados*, pela preguiça, pelo horror que temos aos trabalhos que robustecem o corpo e o espirito: elles — os *republicanos, os revolucionarios — fortes, esbeltos, activos*, pela repugnancia que têm ao rachitismo, à asthenia, à *amarelidão*.

— Agora, sim, senhor: estou remogando...

— Eu quizera, meu tio, mostrar ao Imperador as nossas matias gigantescaes, as nossas cunpinas, as nossas pompas, ourivesas e depois apontar-lhe o nosso céu, o nosso sol, as nossas tardes tão lindas e tão tristes — lambouendas da poesia do trabalho e da vida — e agradecer-lhe: « Não note v. magestade que todo isto tem no ar vestido de ruína? » Entretanto o Brazil é um paiz tão novo, que podia já ser tão grande!

O velho parecia converter-se ás palavras do sobrinho.

— Mas nos ainda temos esperanza — disse Callandra. Oh! esperanza! ea te saúdo! Viva a esperanza!

Os outros moços acompanhão o enthusiasmo.

— Vocês são terríveis .... — disse o tenente-coronel levantando-se.

— Porque pensamos, meu tio?

— Isso não; até acho digão de louvor.

— Então louva a attitude que assumimos diante de toda essa desgraça que parece querer perpetuar-se em nosso paiz? — perguntou Callandra.

— Vocês têm juizo e leem, devem saber qual é o dever do bom cidadão.

— Felizmente — continuou aquelle — o tenente-coronel não segue a rotina de certas notabilidades de aldeia. Eu conheço algumas *fortulhas* que sacudindo as grandissimas orelhas, suppoem-se uns Li-



*cargos, por fazerem o papel de figurões da roça. Impertigão-se e expdem sentenças.... Eu sou coronel, eu sou commendador, eu tenho dinheiro.... E grandes homens ....*

O que vale é que eu não me troco por um fardo de mil contos, nem por um cabide de fardas....

Este Calhandra é o diabo. Provoou riso e ainda em cima agradou o tenente-coronel.... que é bom homem.

—Não — disse o tenente-coronel — vocês me conhecem, eu não tive estudos....

—Ora, ... —acudiu Calhandra: é um homem sem illustração, é verdade; mas também sem preconceitos e sem impostura, e nós sempre soubemos respeitá-lo devidamente!

—Olhem —disse o velho Torres um pouco lisongeado: ( eu estou entre rapazes conhecidos e amigos —posso ter franqueza).... invejo a sorte de vocês, que nascerão neste tempo de luzes. Creião que às vezes tenho repugnancia á mim mesmo. Ao pé de vocês é que eu vejo o que sou ....

—Ora esta !,...

—De que me serve este posto ?...

—Vejam que o tenente-coronel está ficando republicano ....heim ! — aventurou Calhandra.

—Pois vocês creem que eu sou contra a liberdade e o progresso ? Creem que eu me irei sacrificar pelo rei? Não de me dar razão: como sabem, eu não conheço nada de politica, nem sei mesmo o que seja uma organização social — não posso saber qual o governo que mais convem ao povo.... O que digo é que vamos mal e que precisamos endireitar este Brazil. Trabalhem vocês que são moços e que sabem alguma cousa: eu concordarei com tudo que se inspire no bem geral....

—Sim, senhor tenente-coronel: v. s. conta

com um humilde entusiasta de seu modo de pensar---disse o Sr. Ignacio da Veiga apertando respeitosamente a mão do Sr. L. Torres.

---Talvez ainda o tenente-coronel venha a ser um dos nossos chefes---disse Calhandra.

---Nunca poderei ser chefe, nem aspiro essa posição. Si trabalhão pelo povo, teem no velho Torres um soldado decidido e leal.

---Bravos! ---exclamão os moços.

Ricardo Dias mandou vir cerveja.

Esta scena representava um conagraamento fraternal entre a mocidade e a velhice.

Era natural a satisfação de todos os moços á vista da adhesão que manifestava o tenente-coronel ás nobres ideas, não fascinadoras chimeras ou utopias de crianças, mas crenças que se começavão a ennervar em todos os corações....

---Então voces querem revolução ....---recomeçou o tenente-coronel.

---Que remedio, senhor Torres? E' a *ginge beer* da rapaziada ---soltou Calhandra arrancando gargalhadas dos circumstantes.

---Creia, meu tio, que é o ultimo recurso do povo. Quando o povo é despresado, excluido despoiticamente dos beneficios sociaes ---é so a revolução que pode reivindicar tudo. V. m. ha de ouvir dizer que somos *loucos*; mas esta pecha tem sido atirada á muitos. Jesus Christo, o grande revolucionario, como foi tractado? Voltaire, Luthero, Gallilen e outros sabios? Os revolucionarios francezes de 89?

---Quanto a estes, parece ser justo o epitheto: forão barbaros.

---Forão barbaros, sim, senhor; mas de outro modo não triumpharião. Os reis de França, a nobreza, o clero, também tinhão sido barbaros... Era preciso um crime para vingar outro crime... Só



o terror poderia vencer. Assim a revolução de 89 foi horrorosa, mas foi esplendida. Foi um quadro magnifico representando a luz da nova sociedade que alvorecia e a nuvem caliginosa do feudalismo que tombava. Em cima - a apothese fulgurante do Christo : embaixo - as trevas do passado se condensando com o sangue que espadanava do coração da França, para tombar no abysmo das eras...

Isto despertou phrenesis de rejuvenescencia no tenente-coronel.

Como é doce sonhar assim !

---Os povos modernos---continuu Sylvio---teem de viver da revolução. Veja v. m. o que tem adiantado a França. Queda um novo mais patriotico que o francez ? Que rasgos de heroismo não encontramos no pavoroso incendio social do seculo passado ? Em 1830, em 1848, que estupendos exemplos offerecerão os francezes ao mundo ? Em 1871 quando a abnegação, o amor pela patria chegou a ser tocante ? ! Ouça v. m. a França estava presa de Guilherme. Esbandalhada, gemia a grande nação aos pés da Prussia. O Campo de Marte e algumas ruas proximas estavam occupadas por barricadas prussianas. O ministro descausava já. Os Napoleões tinham findado. Paris jejuava e Versalhes está coberto de luto. De todos os lados --- choros, imprecções, sarcasmos, aviltamento e des-honra ! Eis que de repente entra no recinto da Assembleia nacional, reunida para tractar da paz, um velho, carregado de papéis e de cãs ! A Prussia, ou antes Bismark, impoz condições de paz que humilhavam os vencidos... Então o velho começou a chorar diante de tanta vergonha para a França ! E a França extremeceu, a França corou e abraçou-se ao velho que a devia salvar. E o velho, com lagrimas, salvou a França, perdida com sangue ! Este velho era Thiers...



Os ouvintes levantão-se arrebatados.

---E' assim que a França tem aprendido ---com as lagrimas dos Thiers. É ao passo que do desastre da França surgiu o imperio allemão---o feudo dos carrascos: do desastre de Napoleão nasceu a França de hoje !...

---E a *urbs arbi* maravilha o mundo ! França ! ---olha para nós que somos teus fillos !...--- gritou Calhandra.

Este enthusiasmo de crianças é o espirito das nações.

O tenente-coronel não se cansa de admirar o sobrinho. É capaz até de dar um ---viva a república---

Mas não é assim que os homens devem querer os homens.

D. Pedro e seus amigos porem são os únicos culpados de governarem homens sem consciencia...

Chega a cerveja.

---Trabalhem pelo povo, meus amigos ---disse o tenente-coronel depois de emborcar um copo *ao refrigerante líquido* ...

Neste momento batem á porta.

Um telegramma da corte.

« Ao Club do povo ---Leta entre Camara, senado e rei. Grandes complicações. Preparem-se. Avisaremos. ---O centro. »

Indescriptivel surpresa causou este despacho. Até o tenente coronel ficou subitamente possuido de indizivel emoção.

Incontinentemente, Sylvio dirigio-se á prisão de Alfredo. O Sr. Leonido Torres acompanhou-o.

André, que durante toda a discussão, escrevia sobre uma mesa n'um canto da sala, continuou com Ricardo os trabalhos urgentes de que estavam incumbidos. Ignacio da Veiga foi para o seu negocio.

## VII

### Vinho e lagrimas

A medida que os *confidentes* recrudecem na propaganda revolucionaria, os *senhores* tambem activão a perseguição contra os innovadores. As autoridades, os magnates, com todo ardor exhortão o povo, ameação e castigão.

Estamos em fins de Setembro.

Percebe-se que cada vez mais se ergue o espirito publico.

O barão, pela manhã regressára da corte, deixando la a familia e trasendo consigo um contingente de *fuzileiros*. Isto vem naturalmente alarmar os animos, já muito prevenidos.

Cresceo o sobresalto geral.

Os *janisarios* dispõem-se fanaticamente a arrosar todos os movimentos populares, e a mocidade desenfrea-se e decide-se francamente a affrontar a desabrida reacção. O mais santo heroismo pelo amor de uma patria livre e grande anima os op-

primidos e o soberbo e grandioso ideal dos pobres e humildes irá breve escrever brillantissima epopea nos fastos da historia nacional.

A' hora em que o barão de S. Gil entrava na cidade, acompanhado da malta de *assassinos legaes*, passava-se na rua do *Campo* uma scena eminentemente tragica e commovedora.

Antonio Guimaraes, moço distincto e revolucionario convencido, havia sido despedido de escriptorio commercial do barão. E este facto tinha entristecido a familia do guarda-livros e fazia explodir as crenças do moço do povo.

O major H. Guimarães, pai do revolucionario, lamentava em termos energicos a perda das boas graças do *nobre coripheu*, devida ás imprudencias e levandades de Antonio.

O guarda-livros, longe de condescender com o pai, atacava com respeitosa confiança as ideas de submissão que este lhe queria impor. Foi lamentavel a consequencia d'isso. Nada ha mais sagrado para o homem do que a crença. Querer suffocal-a é um plano tomerario.

Antonio Guimarães conversava com seu pai, quando chegou João da Cunha, a quem o velho não tractou com muita cortezia.

—Em summa, tu estás na rua: e agora o que fazes? Vais trabalhar pelo povo? —interrogou o major, continuando bruscamente o dialogo.

—Sim, senhor: vou trabalhar pelo povo....

—Eu sinto estas cousas, meu amigo, — disse modestamente J. da Cunha: sempre achamos justo que preferisses os teus interesses pessoais.

O velho ficou immovel.

—Mas, meu pai, o que v. m. presume que é essa gente? O que liga v. m. a esses homenes? Elles considerão a v. m.? Suppõe v. m. mere-



vez muito para elles? Nada disso. Elles so exigem de v. m. sacrificios...

— Não podes... O que queres dizer... —

[illegible]

— ¡Pero! ¿cómo, entonces, si el mundo es como  
 las cosas que se ven? ¿cómo, entonces, la hydropisia,  
 a pyelocoma y a cataratas, o cualquier uno de todos...  
 ¿Por qué Hobbes?

—COUNTESS... AS...

—Pois foi um homem de muito juízo e muito útil aos pobres...

—Mas eu acho desnecessario viver assim...

—Gosto de ver a tua arrogância...

—Amatã, meu pai amatã. . .

—Mas Antonio, demos que o povo sofre, como tu dizes: que precisamos de muita coisa:—quem és tu para fazeres benefícios ao povo?

—Quer ser eu? Um homem, meu pai um homem que quer pensar ou morrer! . . .

O velo recosta-se sobre o beiroril da janella, evidentemente impressionado e contrahido.

—Então cre v. m. que devemos tornar na esperança de que os *gracidos* se lembrarão de nós? Onde v. m. viu que os cortejões fizessem revolução? Em que tempo elles se desligarão do despotismo?

—Então és tu que has de servir ao povo?

—Sou eu, mentral, e são todos os *pequenos* como eu. Os *grandes*? Elles espermio tudo do throno: posiglio, honnarias e propinas... O rei? Elle só precisa da subserviencia dos *grandes*... Elle só sabe que existe a nobresa opulenta e feliz... O

que esperamos pois? Quem deve adrogar os nossos direitos? Somos nós mesmos, os *humildes*, meu pai, e por isso havemos de lutar. . .

—Tu te has de arrepender. . . espera. . .

—V. m. ainda me ha de ouvir gritar —viva o martyrio dos pequenos.— Elle não pode tardar. . . E nesse martyrio o que ha de menos terroroso é sem duvida a fome. . . Mas a sede de vingança, meu pai! . . . a sede de justiça! . . . Perdão! . . . mas nós soffremos tanto! . . . somos tão aviltados! . . .

O rapaz está compicadamente allucmado.

O major irritou-se com isto, e sahio bruscamente para o interior da casa.

—Olha, João da Cunha, quanto sou infeliz. . . Em que contingencias me acho eu! . . . Mesque dizes: em primeiro lugar a consciencia e o coração, não é assim? Para essa sociedade —so louco eu estúpido. . . Um parvo é o homem mais feliz entre estes homens. . . Mas. . . que venha o desprezo d'essa corja, que vale bem o dever de ser louco. . . Não concordas? . . .

E fez uma curta pausa.

—Não. . . Eu ja estou {resolvido: vou despedir-me desta gente.

—Como? —accudio immediatamente J. da Cunha. O filho do major não respondeu.

Certo movimento extraordinario notava-se nas ruas. As janellas estavam florecidas de senhoras, avidas de alguma cousa nova. Os *molleques* fazião algazarra e muita gente corria de um para outro lado.

—Oh! um grupo de soldados! —exclamou o alfaiate João da Cunha apontando para uma columna encimada que se avistava de longe, por cima das casas.

—E' a gente do barão, sem duvida.

Realmente era o barão de S. Gil que chegava com

os reforços da guarnição.

—O povo a pagar seus próprios assassinos !...

—Carrascos ! Tu ás vezes quero me tornar indifferente diante de todas as vergonhas, mas ... Faço esforço por conciliar as misérias deste mundo com as minhas desgraças, mas é impossivel !... Repugno !... repugno os carrascos !... Repu... ah... como é fraca a palavra...

João da Cunha, um pouco distraído, contempla a fila de *carabineiros* que escorega pelo morro de *Araçaz* ....

E Antonio Guimarães falla sempre.

—Meu Christo—exclama levantando as mãos—meu Christo, vê como applaudem o crime.... Vê como está perdida a tua lei....

.....

Vira-se para João da Cunha:

---Oh meu amigo....

---Que bonito....que bonito....que bonito....---diz o alfaiate ironicamente.

---O que ?

Os soldados passam pela rua.

---Ah.... elles teem razão....elles teem razão....

---Deveras,...

Com olhares fulminantes acompanhão a respeitavel phalange.... e preoccupão-se com o estridar d'aquelles ferros, suspensos ostentadamente por negros talabartes....

---Mas....meu amigo, sabes qual deveria ser a minha vingança ?

---Sim,...

---Morrer de fome !...Morrer com fome n'um incendio de ideas !...

O alfaiate quiz sorrir.

---Espera um pouco ---disse o guarda-livros.

E retirou-se para um compartimento contiguo.



enquanto J. Cunha treme de repugnancia e de horror á vista da comedia ....

O major punha em consternação toda a familia, com queixumes pueris e previsões phantasticas. O mais que elle temia era que o barão ficasse estremecido pelo procedimento irreflectido de Antonio Guimarães, que preferira o *Club* á casa commercial do illustre adail.

Ouvio-se o som agudo do clarim no quartel.

—Ah!... —murmurou o guarda-livros lá no interior quasi escuro do aposento em que entrara.

—Aquillo me enche....

O sino grande da matriz dá meio-dia.

---O jantar ao barão ó amanhã?...

---E' ---respondeo J. da Cunha.

---Está bem.

O alfaiate vio que o amigo escrevia á lapis sobre os joelhos.

---Aquelle desgraçado clarim tem assim mesmo o poder de electrizar-me --disse o guarda-livros apparecendo com um pequeno bilhete. Mas é tarde... Eis aqui, meu amigo... chama minha familia...

« Meus amigos ---Suicido-me... »

---Ora, não cassoes com loucuras...

João da Cunha não quer acreditar na tragedia.

---Chama minha familia ---instou o moço atirando-se sobre uma cama e extreboxando-se horripelmente.

---O que tens? O que é isso? --- gritou Cunha desesperado.

---Chama minha familia... quero despedir-me... envenenei-me...

E' difficilimo descrever esta situação.

---Sr. major! Sr. major! ... Accudão! ...

Foi tremendo o effeito desta voz. Toda a familia affluio incontinente ao logar do *supplicio*.

O moço já agonisava. Os seus olhos, saltados, fusilão para todos os lados. Todos precipitão-se sobre elle. gritando tresvariadamente. As irmanzinhas abração-no, os pais, e os amigos consternados. . .

Um *criado* correu a *veneziana* da janella.

Então o moço ergueo a parte superior do corpo.

---O que é isto ? Porque me tirão a luz ?

E todos indagão ouriosos:

---O que tem ? Onde estava elle ? O que aconteceu ?

Mas ninguem respondeu.

Que desastre.

---Onde está meu pai ?

O velho approxima-se do leito. O muribundo segura-o.

---Creia que eu morro por não poder pensar . . . Peco-lhe que diga á todos *esses homens* que têm pena do Brazil. . . Esta patria não devia envergonhar seus filhos nem matar os briosos. . .

E as lagrimas e os prantos lhe afogão a palavra. . .

O major ficou idiota.

E os *clubistas* ?

Nem todos teem o direito de saber assistir aos ultimos momentos de um heroe. . .

---Minhas irmanzinhas. . . não chorem. . . Meus amigos. . . eu vou ser feliz. . . Não chorem. . . Tractem so de uma cousa: da revolução. . . E tinão me a sepultura de sangue. . .

E ergueo-se.

Passou a ser terrivel

Beijou as irmanzinhas, abraçou á todos e silenciou.

Durante alguns minutos parecia dormir socegradamente.

Depois moveo-se como espreguçando-se e mur



murando algumas palavras confusas. . .

Começou a entrar muita gente na sala.

O moço soffre uma febre ardente e dolorosa: e os medicos não teem mais esperanza de salvá-o.

De repente, o moribundo extendeo os braços e extorcendo-se e contrahindo-se todo, balbuciou:

— Covardes !

E deixou perceber estas ultimas palavras:

—E gema a justiça, enquanto os barões mandão.

Era cadaver.

No dia seguinte, ás 4 horas da tarde, os *confidentes* levavão um de seus mais distinctos amigos para o cemiterio.

Foi uma scena tocantissima.

O ideal dos revolucionarios soluçava.

Todos trajando preto, descobertos, com os cabellos desgrenhados, abatidos, conduzião ao ultimo jazigo o co-religionario fiel e desditoso.

Grande concurso de homens do povo succedia o feretro.

No alto da matriz havia muita gente. Um vento forte açoitava os *jarins* e a tarde tem um ar de tempestade. As nuvens, em grossos paredões, parecem despencar-se e abrir as cataratas do ceu.

Um alarido cavernoso e plangente, formando um concerto de lucto e de saudade ---fazia tremer de commoção o intimo dos corações. . .

O ataude ia coberto de crepe e carregado por quatro dos *confidentes*, que para satisfação de uma grande divida revesavão-se de distancia em distancia, até chegar a vez de todos.

Ao approximar-se o prestito do templo, os sinos, desferindo o seu som lugubre—confundião o soluçar amargurado das multidões.

A orchestra entra em scena com a sua triste elo-



quencia. E as turbas confundem-se na nave da igreja!

Depois... a voz do sacerdote começa a assombrar os vivos!

Meia hora mais e entrava o prestito no cemitério.

Antonio Guimarães havia pedido que suas irmanzinhas fossem acompanhar o seu cadaver até a sepultura: e era triste contemplar trez innocentes meninas, enluctadas, a beijarem e banharem de lagrimas a face livida do irmão que adoravam, e por quem erão adoradas!...

Entretanto n'um palacio da rua do Bispo corria vinho por conta da saude do barão de S. Gil e fazia-o-se brindes de honra ao imperador!

O mundo é isto...

A crença nestes tempos é loucura.

Na lapide da sepultura, o Club do povo mandou gravar o seguinte epitaphio:

—Antonio Guimarães—

Quando o povo viver—que saiba honrar a tua memoria—CLUB DO POVO.

## VIII

### Impossível!

A lucta se torna cada vez mais renhida.

O terrorismo se ostenta violento.

Os reaccionarios, munidos do *direito* das bayonetas e espingardas que o povo paga, praticão todos os abusos em nome da legalidade e da ordem... E a audacia dos clubistas passa a ser loucura.

—Ninguem recuará! Todos morreremos aspirando a justiça. . .

Tal é o motto que á frente traz a propaganda revolucionaria.

Um dia quando o negociante Ignacio da Veiga entrou em casa, recebeu um recado do vigario Lourenço, seu compadre e amigo velho.

Devemos notar que o *jesuita* Lourenço é um cynico e desprazivel relapso. Nunca teve crenças politicas: accode sempre que lhe acenão com bons proventos e honrarias.

Enfim—em politica é um infame; —no officio, é um devasso, estúpido e ignorante; —na especie, é

uma monstruosidade . . .

Os padres, quando não são terríveis como Torquemada, são frívolos, papalvos como as crianças. . . E ainda — é uma injustiça, um destampatório até que os filhos do papa não cheguem, como as crianças, a ser homens de Estado. . .

Mas esperemos o dia da verdadeira crença e da sciencia universal. . . Deixemos esses *mouros* na guerra ingloriosa contra a civilisação e a liberdade.

*El Cid* os vencerá. . .

Mas o padre Lourenço é demais tyranno com os pequenos. . . Quando a mulher do Sr. Veiga lhe transmettio o bilhete do *reverendo*, o negociante não deixou de presumir alguma cousa.

— Ha muito que aqui mandou o vigário ?

— Ha cerca de 5 minutos; mas disse o portador que você fosse logo. . .

— Bem — murmurou o velho *confidente* sacudindo ligeiramente a cabeça.

E sahio.

Chegou á casa do vigário.

A *fera* esbravejava.

O negociante entrou com a sua natural gravidade; e quando, comprimentando o seu compadre, lhe fazia as devidas inqüzições de bem-estar etc. dispondo-se a obdecer-lhe as ordens, este o interrompe grosseiramente:

— Eu dispenso estes exordios outr'ora bem cabidos. . . Tenho apenas de dizer-lhes duas palavras: *quem com ferro fere com ferro é ferido* — ordene-lhe que retire-se *hoje mesmo* de minha casa e que prepare-se para ir pagar o que me deve no juizo de paz. . .

O *revolucionario* ficou estupefacto e não disse uma palavra.



Tremia so. . .

O padre continuou:

—Creio que não deve extranhar-me. . . O senhor collocou-se na posição em que se acha. Julgou mais acertada e vantajosa e. . . *lucratica* a sua adhesão aos *meninos insensatos*, não é? . . . ha de servir-se com elles...

O homem do povo media o padre da aristocracia,

—Si isto o vai arruinar, o vai desgraçar; si tem pena de sua familia, si não quer ver os seus filhos com fome, tem remedio: —*mude de rumo*—. Si não, terá occasião de ver que é sempre perigoso offender e desrespeitar pessoas consideradas e que o podem proteger. . . que já o tem protegido! . . .

—Miseravel! —disse com força o negociante retirando-se, enquanto o carrasco fica a regegar e o esgrinhar tresvairadamente.

Era um brado de dignidade e de heroismo!

Era a grandeza do *pequeno* affrontando a *pequenez do grande*!

Aquelle-miseravel! —era uma sentença fulminante contra a covardia do carrasco. . .

Que epocha!

E' preciso que o *pequeno* faça lei.

Aquelle conceito tremendo do revolucionario vergastava quanto tem a roupeta de hediondo e de horripilante.

A prepotencia arrancava o pão da boca dos humildes. . . e os humildes com nojo e com fome exclamavão: —miseravel!

Que corja!

Os filhinhos famintos choravão ao redor do pai esfrangalhado, e o pai que não tem pão, que geme e que soluça, levanta-se e abaixa-se para escarrar á face do opprobrio que o agride!

E olha o céu, e beija a esposa.

Que época !

Que corja !

Mas que rasgos tragicos e sublimes de civica expansão !

O padre esbravejava . . . e o heroe sorria calmo como Christo, fazendo brotar-lhe dos labios aquella voz soberana e estoica, que escancarava as fúrnas da sacristia e que derriçava a malvadez e o catturismo. . .

E a hypocrisia, diante d'aquella pujança inventivel do crente, espernegava deslumburada. . .

Ignacio da Veiga, cheio de altiva indignação, dirigio-se ao *Club do povo*. Certo de quanto seriam capazes os *esbirros* do rei, tractou de ver um aposento para a familia e... de livrar-se das garras da policia.

Encontrou-se na rua com Luiz Tavares, á quem contou o que acabava de passar em casa do vigario e o proposito de retirar-se no mesmo dia, com a familia, da casa que occupava, a qual, estando hypothecada ao pantafagudo jesuita, era por este reclamada immediatamente.

O negociante, sempre prudente e precavido das circumstancias anormaes em que se veem os *ricos* e os *pobres*, não se poderia acastellar na lei, porque a lei só existia agora para os crimes.

Tavares instou com o amigo para que transportasse a familia para sua casa, que era sufficientemente vasta. Veiga ficou irresoluto, mas pediu-lhe que o esperasse até as 6 horas da tarde.

Erao 5 e meia.

Tavares, junto da familia é que sente todos os horrores da situação.

Elle relatou á sua mulher o que vinha de saber.



—Mas esses homens se animarão a deixar o pobre velho sem ao menos um tecto para os filhinhos? —perguntou Laurinda penalizada.

—Ora... elles podem tudo e hão de fazer mais do que isso.

—Mas que padre sem coração, meu Deus !...

—E você não sabe ainda que a tal divida por que elle quer *enforçar* o Veiga foi que resgatou a honra do defuncto Villares, pai d'esse infame jesuita ...

—Como ?

—Pois Villares corria o risco de ir para a cadeia por ter perdido uma *lettra* de uma casa commercial do Rio Grande, onde estava empregado: veio se empenhar com o *amigo* Veiga e este, para salvar o velho, foi pedir dois contos de reis ao proprio filho do infeliz, o qual engrandecido nos negreiros da batina, nem offerecia hospedagem ao pai.

Mas elle não sorbe que fez beneficio ao pai ?

—Soube mais tarde...

—Mas que infame !...

—E ainda, mesmo depois de ter sabido, teve a coragem de exigir a *hypotheca* da casa, d'onde hoje expulsa o Veiga...

—Mas elle pode expulsar assim, *sem mais nem menos* ?

—Pois você pensa que 'nós temos lei ? Pensa que os pequenos tem lei ?

—Com effeito !... Que padre tyranno !... Que carasco !...

—E tudo so porque o Veiga é *confidente* do Club...

—Santo Deus... em que tempo nós estamos ... O que ha de ser dos filhinhos e das mulhierees desses coitados que estão na cadeia... Quanto não terão soffrido ! ... E esses homens ricos, na abastança, nem se lembrão de tanta gente que tem fome ...



—E' muito dura esta lei da existência a ...

A noute vinha cahindo.

Os filhinhos de Tavares attentavão muito para a conversação dos pais.

Naquella casa mora o Evangelho. A esposa de Tavares é uma verdadeira mulher do seculo...

Ella sabe educar. E é so n'isso que consiste a sublimidade da mulher ... E é porisso que a mulher é a imagem do futuro ...

—Eu creio muito, Luiz, que o verdadeiro homem é o *pobre*... O *pobre* tem pena de todos os que seffrem ... o *pobre* tem o sentimento da caridade ... e sabe ter a mais paciente resignação para com o proprio algoz ... Desde o momento em que adquirir dinheiro e poder, o homem deixa de ser um conjuncto de harmonias puras e sublimes, que fazem a gloria de Deus...

Erão quasi 7 horas e Ignacio da Veiga não apparecia como promettera.

Luiz deitou-se em uma rede de balançar. Perto d'alli está Laurinda, sentada em uma cadeira, tendo ao redor de si trez lindas crianças: Rozinha, Silvano e Alvaro.

—... Si o padre Lourenço não gostasse ou não tivesse poder e dinheiro, agora, em vez de ser um infame perseguidor dos pequenos, seria o amigo da pobreza—tornou Laurinda, manifestando quanto estava impressionada.

As scenas da familia incantão. O lar tem alguma similhaça com o ceu.

Luiz chamou os trez anjinhos. Cada qual queria beijal-o maior numero de vezes.

Como é feliz aquelle mortal ...

Tem ao lado uma esposa terna e casta, que lhe cõa os bastos cabellos com os dedos... Como o lar é venturoso e grande quando tem uma sancta !...

E será possível que haja uma esposa que não seja sancta?... E' preciso não crer...

E aquelles trez meninos... aquelles trez filhos que os pais ensinão na virtude, no amor e no trabalho...

E' a paz do lar... E a felicidade da familia.

E por fora?

Perturbações, injustiças, vinganças, crimes!

E porque Luiz ha de deixar aquelles doces effluvios da paz conjugal? Porque ha de abandonar o sanctuario, onde o Christo se asyloou?

Mas si a policia bate á porta, riscando a lei? Si a tyrannia e a fome veem trazer a desolação e a ruína? Si a virtude se vê sem valor e sem protecção... si o amor, sem liberdade e sem honra? Si o trabalho antepara á vista das bayonetas?

Oh patria! Es tu, a mãe de todas as familias... que mereces tudo de Luiz...

E a patria geme... E quando a patria geme a familia tambem geme e soluça... embora nos transportes do amor e da ventura...

E o soluçar da familia que soffre pela patria... é... sobrehumano... é devino... é estupendo como as lagrimas da filha que chora pela mãe...

Luiz Tavares — esposo e pai tão feliz...

Mas é cidadão...

Que desgraça.

Ha não sei que de triste e de mystorioso no semblante de Luiz.

Quem pede explicação?

Quem não decifra o sombrio, o indeciso d'aquella face?

E' simplesmente o cidadão da patria de *catusos* no seio da familia de christãos!...

Aquillo, aquelle lance é um eclipse, é um choque tremendo — familia e patria —.



A paz domestica e o opprobrio nacional se consultão.

Que direis, amor ?

—Talvez ignores, Laurinda, que a nossa situação se torna cada vez mais critica ... —disse Tavares apoiando a cabeça cansada e aturdida sobre a mão esquerda.

—Coragem e esperança. meu amigo—disse Laurinda.

—Muito breve, um terá que vencer: o direito ou a força; o povo ou o rei.

—E você desanima ?

—Não ... mas os nossos filhinhos ...?

—Hão de vencer connosco...

—Sim ?

—A morte, eu penso, Luiz, é a victoria mais gloriosa dos que luctão pela justiça...

Alvaro fez um movimento de impaciencia.

Luiz comprehendendo a vivacidade curiosa da criança. E porque matar tão cedo o vigor d'aquelle espirito ? Não: aquella flor não deve estiolar logo pela manhã. Ella é rica de fragrancias.

Luiz procurou satisfazer a avidez, a philosophia d'aquelle menino, que se inquietava ao ouvir a conversação dos pais.

—Ouvirão ?

—O que, papai ?

—Que todos teem obrigação de trabalhar?... Que todos teem uma pátria a servir ?...

—Mas nos somos tão pequenos ainda ...

—Que tem isso ? Devem se acostumar desde já nos deveres do cidadão ...

—Rozinha tambem ?

—Sim .

A criancinha sorrio.

Que eloquencia, que sublimidade divinal vái na innocencia d'aquelle sorriso...



— Bem diz Victor Hugo — que não ha grandeza que iguale a pequenez da criança —.

— Mas quaes são os deveres do cidadão, papai ?

— Ser útil á patria.

— O que é a patria ?

— É a reunião de todos os cidadãos.

— E o que é cidadão ?

— É um *pedaço* da patria. É cada homem... Quando vocês crescerem mais hão de saber isso melhor.

— Mas todo homem é soldado do rei ?

— Não, nunca: todo homem é amigo e defensor de todos os homens ou da patria. O rei é o maior inimigo dos cidadãos. O rei, os grandes, os marquezes, os duques, os generaes, os barões, os ricos, são todos nossos inimigos. O papa, os padres, os bispos tambem.

— Os padres são nossos inimigos ? — perguntou Rozinha.

— São os peiores, minha filha.

— Mas porque dizem que os padres são de Deus e que todos devemos aprender o *Padre Nosso* e uma porção de rezas ?

— Os nossos inimigos é que dizem isso. Os padres querem que todos os homens sejam escravos d'elles.

— Mas, papai, o *Lelico* do capitão Affonso diz que o pai d'elle quer que elle saiba todas as orações da *cartilha* e o *cathecismo*....

— É porque o capitão Affonso é rico e quer ensinar os pequenos a obdecer os grandes... Um homem de bem so deve saber e praticar a boa moral. Leiaão aquelle *Evangelho* que eu dei á vocês e sigão a vida de Jesus Christo: Respeitem os homens, fação todo bem possivel, sejam delicados com todos e caridosos para com os pobres e infelizes, sirvão a sociedade, enfim — tenham sempre em

Primeiro lugar a RELIGIÃO DO DEVER e galardão os melhores premios. Todos os homens são iguaes quanto aos direitos e vantagens que a sociedade garante: deve ser tão respeitada a individualidade e a vida do *sábio*, do *virtuoso*, do *grande*, como do *ignorante*, do *malvado* e do *infimo* cidadão. A sociedade em tal caso, para premiar ou para castigar tem a estima e o desprezo ... O *bom* gozará da consideração de todos; o *mau* viverá corrido do odio geral. E' a unica distincção que tem os homens.

—Mas si os reis são tambem nossos inimigos porque é que elles ainda existem?

—Porque ha os nobres e os padres, que o povo ainda tolera e que são tambem nossos inimigos.

—E porque ainda existem os nobres e os padres?

—Porque elles tem dado com a ignorancia. A sociedade de hoje é que quer acabar com elles; mas d'antes os padres erão adorados e fazião os pobres obdecer aos ricos e todos obdecer e servir aos reis.

—Os padres tambem obrigão os povos a servir os reis?

—E' so do que elles cuidão. Dizem aos pobres tolos e ignorantes que obdeção os grandes, os ricos e os reis, porque, si não, os pobres tem de ir para o inferno.

—E os que não querem ser escravos dos grandes, dos pobres e dos reis, vão para o inferno?

—Qual inferno!... E' cousa dos padres para poderem fazer medo aos bobos e assim dominar o mundo.

—Mas, papai, que mais os taes padres! — disse Rozinha compassivamente.

—Vocês ainda não sabem nada, não virão ainda quem são elles... Eu vou contar alguns crimes d'es-



ses barbaros para voces verem bem quanto elles são maus...

A criada trouxe o café. Os pequenitos estavam preocupados com as palavras do pai, a quem escutavão attentamente, e não quizerão o café.

—Veja so, papai, o meu mestre dizia que o padre é santo ... por isso que v. m. me tirou da eschola, não foi ?

Um parenthesis : o que ahi fica deixa ver bem o que é a instrucção publica entre nos... E' uma desgraça: os meninos, os futuros cidadãos do paiz teem de trocar uma educação viciada e ruim pelo dever de ser catholico... E isto do homem tão cedo hypothecar a sua credulidade, penhorar a sua consciencia ... *Proh pudor* !

Está fechado o parenthesis.

—Os padres e os reis—continuou Luiz a fallar—nunca tiveram coração, meus filhos. Quando os reis, antes deste seculo, querião, mandavão matar qualquer homem bom. Hoje mesmo muitos reis inforcão os escravos a vontade... O papa, quando queria muito dinheiro, mandava arrasar pelos seus exercitos as cidades ricas e roubar tudo quanto era ouro. Matavão homens, mulheres, velhos e crianças, queimavão as casas e trazião riquezas para o Vaticano.

—O que é o Vaticano ?

—E' o palacio dos papas em Roma. Possue mais de 4:000 salas; tem uma guarda immensa, medicos, officiaes de honra, famulos numerosos, emfim, é o maior e mais luxuoso palacio do mundo...

—Mas o papa é igual a Jesus Christo, papai ?

—Não, meus filhos: Jesus Christo nunca teve palacios pomposos, nem jardins, nem criados, nem exercitos para matar. Jesus Christo era amigo dos pequenos e humildes; triumphou pela caridade e pela sabedoria e os papas quorem vencer



perseguido e matando. Para que vocês conheçam bem os padres, basta que eu narre um poneto da historia. Houve um tempo em que Roma, governada pelos padres, só tractava de festas immoraes. O crime e a dissolução erão protegidos pelo papa. Alguns sabios e homens de virtude se revoltarão contra a corrupção dos padres e intentarão restabelecer a lei de Christo, vendida pelos papas. O papa de então o que faz? Manda milhares de frades á vender indulgencias e bullas e pedir esmolas...

—Para que?

—Para arranjar exercitos, áfim de matar aquellos sabios que se oppunhão ás devassidões da corte do papa e de todo o clero. Vendo-se riquissimos e cercados de soldados; os padres começaram a destruir a quimar.

—Queimavão as crianças tambem, papai?

—Queimavão. Não escapava ninguem: só em uma noite, em França, o rei e os padres matarão mais de 60.000 pessoas...

—Meu Deus !...

—Uma outra occasião, em Napoles, forão uns secleratos mandados do rei e dos padres para matarem todos os que não quizessem inquisição. Um soldado perguntando qual era o signal para se conheceros que devião ser mortos, o chefe dos bandidos respondeu: *« matai, matai sempre e Deus distinguirá os bons »* E as ruas de Napoles ficarão alagadas de sangue. Teem sido muito tyrannos estes reis e estes padres ... Si tivessesmos coragem para ler tudo que elles teem feito, ficariamos transidos de horror !...

—E o que os padres fizeram áquella menina?

—perguntou Laurinda.

—O que foi, mamãe ?—respondeu Rozinha imediatamente.

—Essa é a mais triste de todas as historias que os padres teem feito escrever ...

---Conte, papai, conte, sim?---pedio Alvaro.

---Uma dia uns frades encontrarão n'um lugar ermo uma linda menina: convidarão-na a ir para o convento com elles e ella não quiz. Os frades então tomarão um lenço e taparão a boca da coitadinha para ella não gritar e levarão-na para o convento. Chegando ao convento prenderão a mocinha no quarto, sem que ninguém soubesse...

---Mas o pai d'ella porque não foi buscá-la?

—Não sabia e si soubesse, não iria temendo os castigos dos padres. O melhor consolo dos pais era chorarem até a morte aos pés de J. Christo, visto que não havia justiça no mundo. Vejam vocês quanto não soffreria essa pobre moça...

—E depois o que os padres fizeram d'ella?—interrogou Rozinha.

—D'ahi á 11 mezes, ella teve uma criança; e os padres não querendo mais saber da moça porque ella estava já muito feia e magra, e não querendo tambem deixar que ella, nem o filho apparecessem, resolverão enterrar os dois vivos...

—Oh! santa virgem!...

—Fizerão uma cova debaixo de um altar e para lá levarão as duas victimas. Na occasião em que os padres puzerão a moça no buraco, ella tinha a criancinha nos braços e gritava: —«salvai ao menos a vossa innocente filhinha, pelo amor de Deus!» —e os padres á nada attendião...

—E a criancinha tambem foi para a cova?

—Foi junto com a moça.

! —Que infelizes! Quanto não gritaria a pobrezinha!...

—Gritou pouco, porque os padres temendo que os gritos fossem ouvidos, racharão o peito da moça com uma tranca de ferro, matando-a instantaneamente.



neamente e a criancinha morreo logo tambem afogada no sangue da mai ...

—Virgem santissima !...

—Oh Deus !...

—Que craeis estes padras !...

Eos trez filhos-discipulos dos pais- mestres choravão como si estivessem assistindo ao sacrificio...

De repente ouvem choro no corredor e vagidos de criança. Luiz muito assustado e Laurinda vão ver quem é e o que acontece, e eacontrão uma senhora com um menino nos braços e rodeada de crianças. E' a mulher do negociante I. da Veiga. Ella precipita-se sobre Laurinda e a abraça entre exclamações de dor.

Ignacio da Veiga havia sido preso. O official de justiça tinha, de proposito, ao apresentar o *mandado de desdejo*, à moda dos mandoes, procurado alterar com o negociante, o que foi sufficiente pretexto para prisão.

Imperão os ricos e os felizes !

E elles não perdem o costume de tornarem-se ridiculos pela prepotencia !

Si esses *vandalos* da honra comprehendessem quanto vai nas lagrimas de uma mulher ...no soluçar de uma criança ....

Luiz dirige-se á cadeia.

Mas a surpresa assaltou-o: os presos felicitão-se! Brindes, acclamações, vivas, *urrahs* !

Não será a saturnal da desgraça ?

—Senhor Tavares...minha mulher, meus filhinhos ?

—Não se incommode: estão em nossa casa...

—Então: á saude de nossas sanctas e heroicas esposas ! —brada o negociante.

—... e á de nossos innocentes filhinhos !...

E transando os braços fraternalmente, virão um calix de vinho...



A causa do immenso regosijo era o seguinte telegramma:

«Ao Club do povo — Grande balburdia. Agitação popular. Camaras dissolvidas. Deputados maioria, muitos senadores á frente do povo. Orou Salvador Maia. S. Christovão militarmente guardado. Esperem...—O Centro.»

Quem for brasileiro ha de sentir que os cabellos se lhe errição...

As cousas se approximão de um tragico desfecho. Nem se pode fazer uma idea perfeita do estado da opinião publica em todo o Brazil. O povo que, annos atraz, dormia na indifferença politica, agora atira-se afanoso e cheio de vivo interesse no campo das discussões utcis.

Um dia emfim a nação deixou de resomnar incauta !

Bemdito esse dia...

Era demais tambem o sacrificio.

Tudo annunciava que estava a vir a epoca em que os *revolucionarios* brasileiros, que se energisavão no martyrio, se acolherião sob o manto laureado de immortaes conquistas.

A animadversão popular contra os excessos do absolutismo monarchico tomava rapido incremento, e com essa animadversão desenvolvia-se tambem a reacção desabrida, que, digamos em boa hora, concorria para o desenlace fatal do drama glorioso.

Chegou um dia em que o imperador não poudé ultrapassar os umbraes de seu palacio !

O que é ser imprudente !

O que é ser caprichoso !

O povo não se quiz inclinar, e está ahí para resurgir o *dies ira*. Aquella sentença tremenda que futilou no 7 de Setembro, atravez dos lampada-

rios dos salões -- ia ser cumprida a risca ... O *Phares* que o povo escrevera nas portas da cadeia, ia prevalecer agora...

O povo não podia mais tolerar: soffria e disse que soffria ...

O que?

Vergonhas !

Já os filhos choravão por seus pais, as esposas pedião os maridos e uma sociedade inteira pedia justiça e justiça !

E a musa patriotica do futuro perguntou tambem:

« O que fazes tu, Brazil ? »

Elle sentou-se, descansou a cabeça nos braços cruzados, pensou, pensou muito, chorou e levantou-se.

Vai responder.

E as luctas desandão.

Agora é tarde para os felizes.

Agora —o resto à sorte !—não —o resto á Deus !—

O *Capitolio* ou a *Rocha Tarpeia* ...Um passo, um passo so; mas um passo gigantesco...

Foi hontem ainda:

—Senhor ! commiseração ...Grandes ! tende pena do povo...

Hoje—não basta pão !

Hoje—mais, muito mais do que *panum et circenses* !

Hoje—é o legendario e glorioso---viva a nação !—que resôa de norte a sul !

E amanhã ?

E' bastante que todos respirem em liberdade ou que não respirem mais...

Entre todo o rumor e agitação das praças, en-



tre a immensa balburdia que entretém o espirito publico, distingue-se um canto elegiaco... E' um canto de virgem ... que acompanha do remanso da familia o rapido desencadear das tormentas sociaes...

E' Julia, que, no coração do Brazil, entrecorta o fúnebre gemer do piano com a voz gasta e rouquenha do infeliz...

Como a *surdina* é amavel com a desgraça ...

Contar apenas 15 annos: achar a existencia minada de uma molestia terrivel, incuravel e—insular-se da sociedade que refere em turbilhões, n'uma sala, so e pedindo á um instrumento sons de sepulchro, harmonias do ermo e da meia noite —é realmente ter o privilegio do triumpho !

E Julia canta por poesia e por amor ... Como é poetico ser tísica...

*« Fidalgos, padres, reis, tremei da idea nova,*

*« Que vos reduz á isto—infamia e... »*

Parou subito. Começou a chorar.

O bulicio da corte augmentou. *Estendeo-se ...*  
Mas agora não ha vinho.

Haverá sangue ?

Oh homens do poder, para que sois tyrannos !?

E o seculo fallou:

—D. Pedro II de Alcantara...avisai-vos e convertei-vos...

Esta voz grave e soberana echoou nos confins da America.

E D. Pedro envergou a farda, mandou o rebato e bradou:

---*Vae victis !*

Impossivel !



## IX

### AMOR e LUZ

Alguns dias depois de ter chegado á corte, Julia recebeu de Alfredo a seguinte carta :

« JULIA.— Estou hoje mais socegado e vou te escrever. Recebi tua cartinha de despedida. Creio que você não volte mais, pelo menos tão cedo á S\*\*\*. Resignação.

« Você de certo suppõe que eu soffro muito, além de quanto me doe a tua ausencia e a tua molestia; mas eu te felicitaria pela minha prisão, si não fosse ella seguida de nosso apartamento. Mas tenho tido saudades de v. e de tanta cousa...

« Eu devo romantisar um pouco as minhas noites de luar, as minhas noites de tristeza sublime...

« A's vezes os nossos companheiros, que não descansão um momento, vão ao Club e eu fico

só entre estas quatro paredes. Então, é que eu vivo, Julia... E como *doe* viver... Você ha de crer que muito poucos homens sabem viver...

« Algumas noites, tarde, quando estou lendo algum livro ou jornal e quando a lua vem praticar as paredes ou a minha estante de livros—ouço certa assonancia ao longe, terna, maviosa, inexprimível como um câro de anjos....

« Levanto-me, suspiro, extasio-me pela lua, que vai tão placida, tão serena e resplandescnte.... As casas somem-se na terração tenue da meia noite...os meus comparsas resfolgão nas esteiras de perv... e eu suspiro sempre...

« A harmonia se approxima... sobe-me um entusiasmo, um phrenesi de gloria... lembra-me tanta coisa... que saudade... oh saudade... E' uma serenata como aquellas que nós apreciavamos chorando...cheios de mil anseios e futurasções... Desejaria ter cem mil ouvidos para abarcar aquelles sons... si elles me dizem tanto...

« Depois...a serenata passa...e eu fico diante da lua...so, indeciso...deslumbrado...

« Qual... Este mundo é incomprehensível. Diante de de tudo isto, nos temos a nossa senha de desgraçados: HAVEMOS DE SER UM AINDA QUE SEJA NO TUMULO.... Adens. Vai a *alliança*.— Teu ALFREDO. »

• A leitura d'esta carta enthusiasinou a menina.

Ella era quasi um cadaver: resuscitou!

E não esmorece na lucta com o barão e com a tísica, que a vai prostrando inexoravel e desapiadadamente.

Estuda o ama.

As festas, os bailes, os theatros, os passeios não a illudem...enquanto ella pode soluçar no piano...



O barão invipera-se contra a teimosia da filha. Convencido de que ella de modo algum quer divertirse e que na vida sedentaria as molestias do peito desenvolvem-se com mais rapidez, elle procura reunir constantemente em casa os rapazes elegantes da corte. Jantares, *soirées*....mas nada d'isso vale um momento de prazer para Julia. Ella prefere o suicidio...

Quando uma e cre—a mulher é mais que o homem. E não serião as *sterlinas* do barão, nem o *espírito engarrafado* dos *petimetres* que poderiam fazer palpar um coração de heroína na materialidade das pompas aristocraticas...

Para tudo isso ella tem a austeridade de uma delicadeza subtilissima, que não se confunde com as amabilidades chatas e affectações estudadas das moças tolas, nem com o melindre hypocrita ou meliflencia lodosa das Fornarinas...

O barão vai se convencendo de que os seus planos se desarranjam... Já lhe fallão os recursos para dissuadir a menina... e o orgulhoso nobre tem raiva e desespero...

Mas Julia... que quer entregar a sua grinalda de noiva á um artista ou leval-a para o tumulo....

Uma tarde, Julia estava muito triste, sentada n'uma cadeira de braço, sustendo com a mão esquerda a cabeça debruçada sobre o *collo*: lia a critica de um livro de Mickiewicz — o *Livro dos peregrinos polacos*—. De repente, n'um longo suspiro, ergueu os olhos amortecidos para o ceu e fechando vagarosamente o livro exclamou: —oh Polonia!... Polonia!...

A creada, uma parda idosa, que tem todos os cuidados com a pobre menina, a contempla por entre os resquícios de uma porta e não pode reter as lagrimas, ao ver o anjo d'outrora feito



mumia... como um monumento de amor no meio das grandezas!

— *Sinhasinha...* — que é isso? Porque não havemos de ir agora ao jardim? A tarde está tão linda, tão fresca...

— Ah... Luiza... — disse ella levando o lenço aos olhos — eu tenho tanta pena das grandes desgraçadas...

Alludía á Polonia. Mas Luiza não podia comprehendê-la... e ficou immovel.

Porque não apresentou-se ali n'essa hora um Miguel Angelo?

No outro dia Julia accordou sorrindo... e foi para a escrevaninha.

A tarde ella lia as tiras que havia escripto as quaes continhão o seguinte:

« AMOR E LUZ »

1

Como está cheio de horrores este mundo... e como tudo é ridiculo entre os homens...

Eu quizera estar um instante nos *intermundios* para contemplar o universo. Quizera olhar para a terra e rir...

Havia de ver muita cousa bonita... por exemplo: um velho, de barbas brancas e espessas, um velho que não ri, cheio de poder, de vontade, de orgulho — a apparecer ás crianças ataviado de fitas e... mal composto...

2

O homem, desde que nasce, quer a realdeza. Porisso a sabedoria humana resolveu que o ho-

mem fosse o *rei da criação*...para contentar a todos.

E' a manifestação scientifica do orgulho humano.

Depois...o *rei da criação* quiz ser o *rei das reis da criação*...

E quem pode entender esta criação ?

## 3

Eu vou dar um conselho aos homens.

E' incontestavel que o mal da humanidade está no direito de ter e no desejo da justiça... Assim prescindia-se de duas cousas : da propriedade e da justiça... e o mundo irá para o seu estado natural, que é o mais feliz...

E eu quero ir, fora d'aqui, apreciar a experiencia da minha doutrina...

## 4

Mas isto não é para uma mulher tão fraca como eu, nem para uma humanidade tão amiga de tudo quanto é direito...

Porisso, creio que a unica felicidade possivel n'este mundo está no amor e na luz... O amor é soffrer: a luz é saber soffrer.

Mas estes homens--que infelizes!-- nunca souberão o que é soffrer, o que é ser desgraçada.

Pois quem não soffre vive, meu Deus ?

## 5

Entendem que hão de matar Alfredo na cadeia. Entendem que me hão de assassinar longe d'elle. Que idiotas... Pois nós vivemos em toda parte, porque em toda parte temos a desgraça...



A vida sem lucta, sem martyrio... é um degra-  
do.

E porque tremer diante da hediondez de uma  
nação? A esta patria adultera dos velhos rabidos  
substituirá amanhã a patria virgem dos moços  
sorridentes...

## 6

Os homens tornão-se risiveis.

A cidade está em galas.

E' noute de festejos.

Acintes charros.

Um feliz do imperio faz annos e casa uma fi-  
lha.

Como está deslumbrante o salão... Que bulicio  
alli vai...

Rompem-se as sedas e as luvas de pellica.

Mas procurem o Christo n'aquelle recinto...

—Onde está o Christo?

O vertiginoso voltijar das moças loucas me es-  
panta.

Não entro... não entremos, minhas senhoras...  
Alli ha homens poderosos... que podem fazer des-  
cer o baile até os Mabilles... e então lá só po-  
derão ficar as Pompadours...

Si eu pudesse entrar n'aquella casa seria ape-  
nas para ajoelhar-me debaixo d'aquelles cande-  
labros...

## 7

Estrondea alem outra festa.

E' festa do imperialismo.

Quanto ouro! Quanta vaidade! Quanta magnifi-  
cencia... e quanta miseria!

Avista-se um carro que relampagueia no a-  
rcial.



Formão-se alas. Chega o carro. Estrugem os foguetes... pollulão os *bouquets*.... reboão os canhões... retumbão os hymnos....

A confusão é geral.

Saltão um velho e uma velha. São os deuses do imperio.

Todos descobrem-se!

Tudo enlouquece... E as brasileiras parvas beijão a mão da italiana feliz....

Mas para que estes animaes immundos sujão a purpura com os labios?

Ha tanto tempo que Jesus foi-se.»

Terminou a leitura perseguida de tosse terrivel.

Foi ao piano tocar a *Dallila*...

N'esse dia o barão recebeu cartas de S\*\*\* prevenindo-o de que era urgentissimo que voltasse outra vez, porque os reforços da praça só tinham posto em maior agitação o espirito publico.

Na corte reina uma desordem tremenda e o movimento que começa a manifestar-se nas provincias prende muito a attenção do governo.

Vê-se pois o perseguidor implacavel dos revolucionarios do *Club* obrigado a transportar-se de novo á S\*\*\*, que é um dos pontos de maior importancia politica e que precisa de um Barbaccina ou de um Gesler.

A baroneza, sempre carinhosa com a filha, conseguiu que o barão resolvesse não deixar mais a familia na corte.

Redobravão de S. Christovão recommendações sobre providencias energicas aliunde que o espirito reformista fosse suffocado em toda parte. E o barão, apesar da molestia que atrophiava a pobre filha, não estava disposto a se isolar da grande lucta.

A 2 de Novembro, quando os sinos dos campanarios badalavam em nome de todos os defunctos, chegava à S<sup>ma</sup> a família do barão.

Os carcerees regorgitão e os processos tecem-se. A patrullha secreta não descansa um momento e as prisões se multiplicão de dia para dia.

Assim que teve alguma repouso, o barão reuniu todos os seus amigos e comparsas e expoz-lhes a necessidade de assumirem uma attitude decisiva em frente das cousas, assegurando que podião contar com o apoio pleno e omnimodo do governo central.

No dia 3 de Novembro Julia já tinha o prazer de conversar com a sua prima D. Laura.

Deixemol-as na effusão íntima da sua amizade.

## AMOR e revolta!

A' 2 de Novembro, à noite, Alfredo escrevia no seu gabinete quando entrou um sympathico menino, com tal desembaraço que attrahio as attencões do *confidente*, a quem entregou esta cartinha:

« Alfredo--- Acabo de ler a tua carta. Estou possuida de grande enthusiasmo. Voce luta por dois ideaes irmãos: tem-me v. a teu lado. O annel tenho occupado de noite somente, evitando assim que meu pai veja e desconfie. Aceite toda a tua  
---Julia »

« P. S. ---Sei agora mesmo que voltaremos amanhã para essa. Accordei ! ---J »

O moço ficou pallido e pensativo por momentos. Em profunda preocupação dobrava automaticamente a cartinha, quando o menino Olympio perguntou-lhe:

---Então, Sr. Alfredo, já sabe que o barão chegou com a familia ? E dizem que vem preparado



para acabar com o *Club do povo* .

—Quem fallou isso ?

—Alguns sujeitos lá n'um uegoelo da rua *Direita*.

—Qual ... o barão é bom homem...

—O barão ?

—Elle merece tanta compaixão como os que sofrem...

—Oh... quando uma fera mereça compaixão, o que posso eu merecer ?

—Voce é menino ainda, é rapaz de espirito possante: deixe que os acontecimentos, o tempo te hão de provar que o barão merece compaixão...

—Isso nunca hei de crer, sr. Alfredo. E' verdade que eu sou menino, mas é verdade tambem que eu sei ver... Estes *grãdos* sempre me inspirarão horror pelo mal que fazem ao povo. E não fallemos no *carrasco* que se chama *barão* de S. Gil... Para esse tyranno —um lampeão de esquina e com orotulo:— *enforcado por ser feroz*...

—Voce está muito exaltado,.. tem estudado muito....

—Desde que nasci, porque nasci na escola ... O passado e o presente não são a escola de amanhã ?

—Bonito, rapaz... Você parece estar já habilitado a fallar ás massas...

O menino distrahiu-se com a vozeria dos presos no compartimento vizinho.

—Mas... oh Sr. Alfredo ... quando é que arrebenta a coisa, hein ?

—O que ?

—Ora... o Sr. não confia n'um amigo dedicado e fiel ...

Alfredo achou interessante a actividade de Olympio.

—Mas quem é você ?

—Sim? Não me conhece? Pois melhor que o Sr. proprio eu descrevo a sua vida *tim-tim por tim-tim...*

E esta... Alfredo ficou maravilhado...

O rapaz, com sua attenção multiplice, domina tudo. De momento a momento silencia, applica os ouvidos: — *« como está soldado do povo... »*

—Então não me conhece, não, Sr. Alfredo? Pois saiba que eu sou um dos *exculcas* do *Club*, sou irmão de Sylvio. Venho trazer-lhe algumas communicações...

—Oh!... exclamou Alfredo.

E abraçou o jovem revolucionario.

—Que tens a communicar-me?

—Alguma coisa. Talvez ainda não saiba que estamos preparados para o combate...

—Quando?

—Esperamos amanhã o alarmado *Centre*.

—Amanhã?! Onde está Sylvio?

—No *Club*...

—E o que tem feito os nossos companheiros?

—Tudo que é preciso.

Alfredo levantou-se.

—Que noticias ha de fora?

—Na corte a consternação é geral. As cadeias estão cheias. Trinta e oito pessoas tem sido assassinadas pela policia. Os bispos tem lançado excommunição sobre todos os que tomarem parte no movimento revolucionario. Ha muitos batalhões que se alliarão á cauza popular, recusando-se terminantemente a obdecer aos commandantes. As casas de negocio fechão-se ás 6 horas da tarde e muitas não se abrem nem durante o dia. Em todas as ruas se veem batalhões de infantaria. Dizem que o imperador, primeiro fallou em retirar-se para a Europa, mas que depois irritado pela attitude do povo, infensa ao throno, resolveo combater, e acha-



se entrincheirado no palacio de S. Christovão. Vá pois que nos estamos approxinando do cataclysmo..

Alfredo sempre silencioso e apprehensivo.

—A rapaziada do *Club do povo* não dorme— continuou Olympio. Todas as difficuldades tem-se rompido galliardamente.

—E ainda ha segredo em tudo ?

—Por ora ...

—Quem sabe si o barão traz o plano de desarmar-nos...

—Qual... Eu não creio, porque o *Centro* quasi nos assegura que devemos romper amanhã e assim, embora os *tartufos* saibão hoje, não tem tempo para nada ...

—Assim seja ...que não falhe a hora.

Emquanto Olympio passeia, correndo ligeiramente os olhos pelas paredes, Alfredo compulsa um masso de papeis.

—E' verdade, Sr. Alfredo .... eu estou incumbido de ouvir a sua opinião e conselho sobre o plano que devemos obdecer no levantamento...

—Eu do desejo que não haja sangue...

—De certo, ninguém quererá que se derrame o sangue do povo ...

—Nem de ninguém...

—Mas os nossos algozes ? Devem ficar impunes ?

—O maior castigo para os algozes do povo é deixarem de ser algozes...

—Sim... mas o barão que o prendeo nesta salata ?

—O barão... que fique sendo um homem para a nossa sociedade ... Não basta ?

—Mas elle não merecerá uma... vergalhadazinha... das minhas que são inoffensivas...?

—Qual... Estou certo que nenhum de vocês pensa isso ...



Olympio sorriu.

—Mas qual é o plano da sublevação?

—Creio que ainda estudão.

—Com quantas pessoas contamos?

—Com muitas. So na chacara do Sr. Cathandra tem-se reunido para mais de 600.

—E a force do barão?

—Elle tem aquartelados 55 soldados ... Mas nos ainda contamos com duas ou mais artilherias modernas, retrocargas, que devem chegar esta noite, da capital.

—Como tem sido activos os nossos amigos!... E que escrupulo...

—Tem havido muito escrupulo porque quasi toda a nação é revolucionaria. A propria estação telegraphica da corte acompanha o movimento e porisso está sob a guarda do povo. E assim que chegar o brado, annunciando o ataque na corte — tudo se fará com o maior successo.

O mocinho toma o chapéu.

—Agora vou prevenir o tenente-coronel.

—Está firme ainda?

E' o mais entusiasmado.

—Bem: e eu vou avisar o nosso Veiga. A familia d'este vai sem novidade?

—Sem a menor novidade... Não note que os seus amigos poucas vezes venhão cá, porque o trabalho é demais...

—Ora... Sentiria que não se dedicassem a nossa causa... E eu cá não tenho tantos companheiros? Neste puncto os homens serão compassivos comigo ...

E Alfredo torna a abraçar o menino.

Então, antes de ir ao quarto do negociante Veiga o nosso artista releu a carta que acabava de receber de Julia e ficou pensativo por alguns minutos.

Depois de hesitar muito, escreveu esta resposta:

« *Julia* — Consente que eu beije as tuas mãos.  
Amanhã talvez arrebentará a revolução. E depois....  
E' mister assim todo o cuidado e muito segredo. —  
Teu — *Alfredo* »

O que irá n'aquellas reticencias ?

E como Alfredo não quer deixal-a extranha ao  
grande acontecimento !

Sem duvida ambos jurarão: — *amor e revolta !*

---

## A revolução

Estamos finalmente 4 de Novembro.

A cidade apresenta um aspecto estranho. Pela manhã, as multidões que remoinhão nas ruas, estendem as mãos para o nascente, estriado de nuvens purpurinas. O ar é diaphano e fresco.

Mas o que faz esse povo nas ruas?

—Quer sentir as auras da manhã, quer respirar..... quer começar a vida....

Os moços do Club havião recebido um telegramma annunciando que o imperador chamava às armas a guarda nacional.

As gazetas no geral rompem abertamente contra o imperio e fulminão a temeraria tenacidade do imperador.

Os caipiras amotinão-se e abandonão as surribaldas.

Pelos quintaes, no topo das jaboticabeiras, avistão-se bandeiras tricolores.

A cidade toda parece um immenso palco, onde



a população representa um só papel.

O dia passou de um modo extraordinario.

E' noite.

Alfredo, em mangas de camisa, escreve na sua mesa. A algasarra que vai nas praças interrompe-o de quando em quando.

Ignacio da Veiga, deitado n'um sofá, lê a historia da revolução de 89. Mais alguns companheiros de prisão leem jornaes ou conversão isoladamente. Parece que n'aquelle recinto transpira um segredo cauteloso.

Eis que inesperadamente veem entrar Sylvio, suarante e agitadissimo.

Todos levantão-se e accodem para o lado d'elle.

---Acaba de chegar o alarma da corte! ---exclama o moço com uma voz surda...

Seguiu-se um rumor abafado no quarto de Alfredo.

---Devemos começar pela madrugada..., a gente está em ordem... e dadas todas providencias necessarias...d'aqui á pouco estarão aqui todos os clu-bistas... andão distribuindo armas...

--Armas? ! ---perguntou o typographo.

---Sim. Voce parece que se admirou?...

---Não ... ---respondeo Alfredo suspirando.

Por acaso Sylvio lança um golpe de vista n'umas tiras escriptas que estão sobre a mesa.

---O que é isto?

---Pode ver.

---E Sylvio leu'o seguinte artigo:

#### « Ao povo »

« Hoje, quando a nação se acha em circumstancias excepcionaes, cresce da importancia a necessidade de obdecer exorupulosamente aos conselhos de ordem e prudencia, sem cuja pratica perigarão

imminentemente os calculos de nossa reorganisação politica e social.

« Que tenham livre expansão e completo desabafo as aspirações entusiasticas d'esse civismo juvenil e vigoroso da opinião illustrada, sem o qual não se formará um espirito publico forte, activo e criterioso, nos moldes da sociologia moderna e na intima convicção dos reais interesses e dos destinos do povo; mas que no momento supremo da transição não nos falte tambem a coragem patriótica da moderação e do bom-senso para evitar a dissolução dos laços sociaes e o degradingamento das molas do Estado.

« Eu devo ser muito franco. E porque não hei de dizer o que penso aos meus concidadãos ?

« Si não fora pelo dever de obdecer a lei absoluta da necessidade, eu não interviria nas balburdias que imprescindivelmente caracterisam a transformação das instituições de um povo. Mas sinceramente proponho a minha acquiescencia, a acquiescencia bastante aos pronunciamentos da opinião, porque estou no dever de adherir á uma mudança de conzas que tenda a melhorar a sorte do paiz.

« E é occasião de arvorar-se aquelle programma, hybridosim, mas racional e patriotico ... aquellas palavras, cuja antilogia ja foi em tempo these para muitas conferencias e dissertações: *opportunismo e revolução*.

« Sim; o paiz tem necessidade de *opportunismo* e de *revolução*.

« Depois que a revolução destruir ---que venha o *opportunismo* reedificar. Que não esmoreça e ... que não desvair o espirito publico. Depois do radicalismo de Rochefort e de Vallés---que venha o *opportunismo* de Gambetta.

« Assim pois, logo que a revolução erguer os seus



manifestações nas praças, levantará um novo estandarte :

« Cidadão, povo: todo poder tende a engrandecer ! »

ALFREDO DE SÁ.

Novembro de 18 \*\* . »

---Mas para que isto ?--- perguntou Sylvio ao terminar a leitura.

---Para publicar depois que triumpharmos.

---Parece que voce vai perdendo o animo...

---Então con-temna estas minhas ideas ?

---Nem mostre isso a ninguem, porque te irá tornar suspeito... E' cedo para pregar a ordem... Isso traria o arrefecimento das nossas forças...

---Mas en pretendo publicar depois que vencer-mos...

---Guarde isso por ora, meu amigo... Não percamos um momento... Urge levar ao fim a cruz... A cruz hoje é destruir... Reedificaremos amanhã...

Os mais assistentes vão levar o alarma aos outros presos.

---Venha cá, Alfredo...tenho que contar-te em segredo uma coisa... Mas não te incomodes...

A prevenção já fez tremer o moco.

---Julia está em casa de minha familia... e... não quer voltar para a casa do barão sem vir aqui... Ella soube que a revolução se effectuará esta noite e quer por força vir pedir á voce que não se vá expor á morte.

---Oh meu Deus !.. além de tudo... tudo...

---Tem instado com Laura e com todos para que a venhão trazer...

---Mas Sylvio... corre a fazer com que vá para casa do pai...

---Vou passar por casa agora ... Acho bom que voce mande dizer que não sahirá á rua...



—Incumbia-se voce de assegurar isso á ella... Oh senhor... porque ao menos hoje não hei de ser livre...

—Coragem... não é nada, meu amigo... sangue frio... coração ao largo... não ha mais um minuto para pensar...

Vão ao compartimento maior, onde se achão reclusos mais de 60 homens do povo...

N'um comprimento geral e solenne são saudados á entrada os dois moços...

Ahi conversão por mais de um quarto de hora, congratulando-se communmente pelo esperado despacho.

—Bem: eu ainda vou trabalhar...— disse Sylvio retirando-se.

—De toda forma leve essa menina para a casa do pai...

—Agora não te incomodes... o que tiver de haver é inevitavel... O Olympio ainda não veio cá ?

—Veio hontem... e sedusio-me o menino...

—E' um prodigio de actividade... O pavilhão está bem armado ... mas devera ser mais alto ...

Referia-se a um simulacro de trincheira que tinha sido levantado no fundo do salão.

—Eu devo voltar já... mesmo para ensaiarmos a eleição do governo provisorio.

—Sim ?

—De certo ... O triumpho é nosso infallivelmente... E o nosso unico fim é estabelecer e manter com segurança a nova politica...

—O meu artigo, tenham paciencia, ha de ser publicado...

—E ja elaboraste a proclamação... ? Aposto que ainda não...

—Ja...

—Admiro...mas você deixe esse conservatismo da ultima hora...

Eis que são sorprendidos por muitas senhoras. São as famílias do typographo, de Sylvio, de Ingacio da Veiga e de Luiz Tavares, acompanhadas por este.

—Está ahí Julia...—exclamou Sylvio á meia voz. Alfredo extremecceu e soltou uma interjectiva inarticulada.

E a alegria confundiu-se com a commoção.

A saudade dolorosa e doce descansou um pouco, mas o martyrio se renova...

Depois de todos, vem de braços com D. Laura uma menina pallida e arquejante. Traja e habitual baton roxo, symbolo do amor, da innocencia e da desgraça. A sua physionomia triste e melancholica indica provações terriveis. Desnaturalmente magra, com os olhos sumidos e inertes, parece um cadaver que se levanta da campa.

—Que desgraçada...—diz Alfredo á Sylvio.

Todos assentão-se guardando um silencio de convento.

E' impossivel pintar o que esta noite tem de imponente, de sublime e deslumbrador.

Durante todo o tempo da visita o thema das conversações familiares foi a conspiração que devia começar ás 3 da madrugada.

Sylvio tinha-se retirado.

Julia encara obstinadamente o typographo....e mostra soffreguidão de dizer-lhe alguma coisa.

A mãe de Alfredo não cessa de chorar....Tambem a infeliz senhora ve-se n'aquellas andanças.... ella, fraca, tibã, idosa....

Enquanto as mais pessoas conversão de um lado, á parte entreteem-se D. Laura, Julia e Alfredo.

—Então a jovem revolucionaria está com toda coragem?

Estupendo!



Um sorriso luminoso pairou nos lábios da moça.  
Ella não respondeu.

—Julia nunca esteve sem coragem. Eu creio até *que elle é alma da revolução...* E o que ha que o amor não faça? O amor é superior a tudo...

—So não é superior a desgraça....—retrucou Julia com embaraco....

—E devia ser ---disse tambem' Alfredo.

—Então decidão ---tornou D. Laura.

Julia acanhou-se.

Depois de algum tempo de silencio, Alfredo perguntou:

---Tem passado melhor depois que voltou...já sei.

---Hoje estou peor...mais incommodada, inquieta.

—E sabe por que é? Você tá licença, Julia?

—Pois não...

—E porque disserão que o sr. vai sahir esta madrugada com o povo ...

—Sim? E' por isso?

A confusão da menina confirmou.

—Qual! Não creio que a senhora que está destinada a ser uma das heroínas da revolução, venha a fraquejar nos ultimos momentos ....

—Fracquejar? Si bem pudesse lutar tambem...: nada pediria...

—Já vê que não vai só, sr. Alfredo—observou D. Laura.

—Mas o que quer então?

—Que ... voce não saia...

—Então quer que me esconda? Os meus amigos trabalharão por mim e na hora suprema eu devo abandonal-os? ... E abandonal-os porque? Por amor da vida? Mais amor sempre tive á liberdade e não me tenho resignado aqui?....

Julia resentiu-se dessas palavras muito despreocupadas e muito stólicas....muito desamorosas mesmo....



Alfredo percebeu e adoeceu-as :

—Mas não pense que vamos morrer, não ; hade ver que nem teremos que resistir aos soldados..... elles são muito poucos....

—Eu tenho dito a ella isso mesmo... mas qual... nada pode convencer-a.

—Ora tenham a bondade... disse Alfredo como lembrando-se de uma resolução feliz, e dando os braços ás duas jovens.

Sumirão no salão, onde estão os demais presos. Virão muitas crianças e mulheres que visitão os pais e os maridos. Tem tudo aquillo um aspecto calamitoso... Chegando em frente do magnifico pavilhão, armado de barricadas, arcos, flôres e tendo no centro uma bandeira symbolisando a republica, pergunta Alfredo :

—Então... aquella bandeira não deve cobrir estes homens, estas mulheres e estas crianças, que carecem de liberdade, de pão e de vestidos?

A moça sentio uns arripios de enthusiasmo.

—Amanhã—continuou o typographo— estaremos nós, os populares, saudando este estandarte.

E nada mais disserão.

Voltão.

São 9 horas.

Quando estavam para ir-se embora, rebenta uma immensa gritaria nas portas da cadeia e as familias começam a clamar por soccorro. Os populares invadem o salão de Alfredo, as crianças correm chorando, as mulheres para todos os lados, sem comprehenderem a balburdia que assalta a cadeia.. Ouvem-se alguns tiros de revolver... a mãe e a irmã de Sylvio sahem trepadeiras para a rua... as outras familias seguem-nas...já será o final do spectaculo?

Na rua sabe-se que em frente da cadeia acaba de ser morto um *caipira*...

E' o terror....

Luiz Tavares ponde ter a coragem de levar as famílias ás suas casas.

Nessa occasião ainda forão presas 5 pessoas.

---

E' meia noite.

Está tudo calmo. Os sôldados relaxão a guarda.

Começão a chegar os preparativos para o festim revolucionario.

Vem alguém avisar que o barão trouxe o plano de enviar para a capital os individuos implicados na revolução.

Agora é tarde.

Está se approximando o momento do rebate.

Toda a gente está bem instruída nos planos da resistencia. Os velhos, os moços e até as crianças estão possuidos de um enthusiasmo indescriptivel. O velho Malaga parece um bravo no campo da honra.

—E' hoje, mentres!—grita elle.

Enaquella voz rouca e profunda, mas dogmatica, electriza os corações juvenis.

Repentinamente apparece Calhandra.

---Todo o povo reunido....não deveis demorar.... E' preciso prevenir a hora do rebate....Estou suffocado....quasi não se pode transitar nas ruas....Matarão dois homens na *Concordia*....A conspiração foi denunciada ao barão.... e a gendarmeria teco-se por todos os lados....vem grandes reforços para cá....e a lucta é inevitavel....

Tal denuncia não tinha havido. Por cartas, os imperialistas souberão que a corte está em poder dos revolucionarios.

De todas as partes cheção telegrammas dechamando que a revolução obtem um triumpho completo.

O barão está prestes a desanimar...porém diz



que é bastante digno para morrer pelo throno.

Calhandra oppõe-se a que se ponha por ora um pé fora do portal, advertindo que a policia assassina a torto e a direito.

---E como se dará o signal ao povo? ---pergunta elle impaciente.

---Isso está providenciado....

---Mas a torre estará sem guarda?

---Saberemos.....o povo não vem já?

---Vem...mas ha muita gente ainda. Que horas são?

---Duas e meia---respondeo Alfredo.

Calhandra está possesso...de força e de prudencia. Passeia machinalmente pelo meio dos amigos...conversa com um e com outro...visita o pavilhão...manda accender mais luzes...trabalha em fim....

---Meus amigos....cia! ás armas! Preparai-vos que é tempo....

E uns affivelão os talins...outros embalão as espingardas....ensaião manobras....golpes....avançadas. As mulheres tomão as crianças....chorão....pedem....desesperão...riem....

De subito ouvem-se trez badaladas no sino grande da matriz.

E' o rebate.

Não podia vir mais a tempo.

---Escutem l....parece a musica....

Bao silencio seguirão-se os gritos de:

---E' o povo! E' o povo!

Foi um alvoroço geral.

Alguns soldados que patrulhavam, apitão e sahem á disparada para o quartel.

O barão e todos os imperialistas estavam fortificados no seu *Stat* com 32 soldados.

O *ex-governador* da cidade parecia querer manter a defensiva até a morte, mas appareceu-lhe um sujeito annunciando:



---Ai !....Fujão!....Todo o largo da *nova cadeia* está coberto de barricadas e soldados....E' impossivel chegar lá....tem muitas artilherias...e sr. barão que se esconda.. Accudão!...Fujão!...ai !....

As mulheres e crianças gritavão, das janellas.... Entrás corrião afflietas pelas ruas....

O barão e toda a sua *troupa* somem-se....

Ouve-se de novo retinir o bronze da torre,

A cidade toda na maior consternação chega às 5 horas da manhã.

A enorme multidão que está no pateo não cessa de bradar:

---Morrão os tyrannos! Morrão os nossos car-rascos !

A cadeia é arrombada aos gritos de :

---Viva o Christo ! Viva a republica !

Um grande monte de barricas e carroças se ex-tende no meio do largo.

E' Alfredo que tem de orar.

Ao subir na formidavel trincheira recebe os *urrahs* freneticos das turbas.

O moço, cheio de *emoção*, começou:

« Concidadãos !

« O imperialismo e a fidalguia nos tinham reduzi-do a um estado penoso....nos haviam roubado todos os direitos e todas as franquias... toda a liberdade e todo o bem estar....toda a paz e todo o futuro....

« Soffremos dores terriveis e pedimos...E' ninguem nos ouviu !....

« O desespero extremo nos fez luctadores...Não quizerão que conquistassemos subindo....---con-quistamos descendo....descendo á praça publica...a levantar a bandeira que os grandes haviam roto no póler....

« E' assim que o Brazil todo hoje se ergue so-berano e augusto para proclamar a força do povo em face das nações do mundo... E' e' assim que

n'esta terra virgem da America, em todos os campanarios...estallão os grilhões do despotismo !..

« E nós já estávamos cansados !.. Já havíamos gemido amargamente.. e porisso vimos pedir justiça ! »

Echoou um sussurre prolongado..

« E o povo quando pede justiça e quando triumphá— só obdece a um dictamê : a honra !

« Fica pois sagrada a revolução nos sentimentos da paz, da justiça, da fraternidade e da honra...

« Viva a honra do povo ! »

E uma descarga estrondosa de applausos seguiu-se....

Alfredo desceu nos braços da multidão que o acclamava estrepitosamente.

Enquanto uma banda de musica, aboletada ao pé das barricadas, executa varios hymnos patrióticos, uma commissão do povo vai caminho do -- Stát--- afim de obter a declaração formal da rendição das tropas imperialistas e a submissão destas ao novo governo.

Meia hora depois voltava a commissão, e a grande phalange de populares, tendo à sua frente a orchestra, fazia o percurso das ruas ao som da *Marselheza* e de vivas ao povo ! ao *Brazil ! a república !* etc..

Sylvio, Alfredo, o negociante Veiga e outros fição na antiga cadeia, destinada a ser o *Paço municipal*.

Elles tractão de dispor os preparativos para o banquete reformista, e de organisar um *conselho administrativo*, para a cidade.

No momento em que previão e estudavão as consequencias do acontecimento, veem entrar Olympio, muito vermelho, sem chapeo e esfrangalhado...

— Oh !... , então... ?



—D'onde vens...?

—Mas que é do povo? —perguntou o menino.

—Anda na rua com a musica.

Olympio quer sair no encalço da multidão.

—Mas onde vais...? Vem cá...—gritou-lhe Sylvio. Onde voce esteve?

—Ora esta!... Então não ouviu o sino?

—Foi voce que tocou?

—Bem caro me custou... Estive lá preso desde a Ave Maria... E agora não teria ainda sahido si os Castros não passão por lá... Foi preciso arrombarem a porta da torre à machadadas...

—Mas como voce acertou com a hora? —perguntou Alfredo.

—Levei o relógio da mana Laura...

—Viva o nosso bravo!

E o menino vai a sair...mas encontra na porta um rapaz ...que dá-lhe um bilhete ... dizendo em seguida: «accudão ... que matão o barão! ... »

—Oh Sr. Alfredo! Sylvio! Accudão!

Os dois moços accodem á porta.

—Está aqui um bilhete. .. é de D. Julia... ao Sr. Alfredo ... para ir... querem matar o pai d'ella...

O portador nem pode fallar. Ouvem-se gritos pelas ruas ... detonações confusas ... muita gente a correr acoadadamente ...

Dirigem-se Alfredo, Sylvio e Olympio, á toda pressa para a *rua do bispo*.

Lá chegando, virão o povo que se precipitava sedento e furioso sobre a casa do barão. Todos em altas vozes pedião: *a cabeça do carrasco!*

Nesta occasião Julia sahe á janella em prantos clamorosos, com os cabellos desgrenhados... a pedir que salvem o seu pai. So ella tem a coragem de apparecer. Enem o sancto cadaver de uma virgem ponde applicar as iras do povo, o furor insotreado e medonho contra o barão.



Alfredo incontinente ergueo a voz diante da multidão :

«Povo ! --gritou elle.

E os grupos proromperão em *vivãs a Alfredo e morte ao barão !*

«Quereis que eu diga uma palavra mais ?

E seguiu-se um profundo silencio .

«O que quer o povo ? Porque se levanta o povo ? Qual é o dever e a missão dos revolucionarios ? Matar ? Matai-me a mim (disse elle abrindo o collete) e deixae intacta a vida de um homem que hoje fizemos cidadão !..

O povo conservou o silencio .

«Concidadãos ! O barão de S. Gil ficou nas trincheiras do *largo*.... —que viva o cidadão Josefino de Andrade !..

«Não viemos plantar a justiça ? Como queremos matar ?

Sabe d'entre o povo :—mataram-n os tambem !»

«Os tyrannos, os barbaros ste ha pouco podiao matar, mas o povo contenta-se com suspender-lhes a mão assassina !..»

—Mas o velho Malaga que alli está ? —perguntao da multidão .

«O velho Malaga viverá com a historia da nossa liberdade ! Choremos em cima do corpo exangue d'esse heroe, d'esse sancto heroe .... e por elle, pela gloria que conquistou, pela honra que soube sustentar —perdão aos vencidos ! Perdão aos vencidos para que vejam a justiça que fundamos....

---Muito bem ! Bravos ! ---ouve-se.

«Cantemos pois a *Marselleza*, e ao som d'esse hymno augusto percorramos as ruas, espalhando a justiça, a liberdade, a paz, a vida ! »

Calorosas acclamações cobrem a voz de Alfredo. Estava salvo o barão.

A orchestra continuou a tocar e a massa do povo depois de passeiar por todas as ruas, estacionou no *Páço municipal*.

Resta contar a historia que deu lugar ao incidente, que o barão ia pagando com a vida.

Ao avistar a porção de povo o *ex-capitão* deu ordem aos seus servos armados que não se rendessem e recolheu-se com a sua gente, com os seus amigos, para um sótão dos fundos.

O povo, ao enfrentar o ---Stat--- intimou a *velha guarda* a submeter-se e teve em resposta uma descarga de mosquetaria. Travou-se a lucta, depois da qual o povo investio contra a *fortaleza* onde se acastellara o barão.

Da lucta resultarao cinco mortos; dois do povo, inclusive o velho Malaga, que teve a intrepidez de ir na frente e de avançar primeiro, e trez soldados.

Seguiu-se o festejo, onde se fizeram muitos brindes.

Amanhecia. O sol vinha doirando as nuvens —compondo um quadro de indescriptivel magnificencia.... E os moços olhavam para o horisonte e exclamavam : «O futuro é lindo assim !»

No dia seguinte —lucto, para fazer estremecerem de saudade os corações que haviam estremecido de jubilo e de heroismo.

As cousas na cõrte tomavão um character de effectividade.

Já se havia estabelecido um governo central provisório e era necessario consagrar definitivamente os feitos da revolução.

No dia 5 de Novembro, o povo reunido no velho *Campo da aclamação* mandou pedir ao imperador que, a bem da patria, se dignasse de acceitar a Constituição que a *Assemblea dos Mil* devia decretar.

D. Pedro respondeo arrogantemente — *que o imperador nunca obdece; ou manda ou não manda, mas que jamais ficará á merce da praça publica...*

O povo significou que sentia...

E a 10 de Novembro o imperador desaparecia na Guanabara... Despedia-se talvez para sempre desta terra, *em que tão feliz fora ...* E grande multidão, e muitos daquelles que haviam concorrido pa-



ra a destituição do venerando monarcha... tornou no caes dizer-lhe o ultimo adeos... O povo ... tinha saudade... porque o imperador era um bom velho, *que se tinha o defeito de ser um excellente pai de familia...*

Então o paiz parecia ficar indeciso, tremendo diante do que havia feito...

Mas agora —avante ...

O plebiscito resolvera que fosse o mais breve possivel convocada a *Constituente*.

E estamos na epoca dos grandes perigos...

De alguns pontos do paiz chegam noticias tristes. A tormenta havia feito estragos incalculaveis e todas as vontades patrioticas erão convocadas para essa obra immensa de reconstrucção social.

Os padres, aproveitando se da emergencia, trocavam o singulo sacerdotal pelo talabarte do guerreiro e punhao-se á frente dos fanaticos, praticando actos de verdadeiro canibalismo contra os revolucionarios.

Apezar porem de todas as tricas e machinações do jesuitismo, em todas as provincias já está erecto o governo provisorio, e tracta-se de punir os excessos, de acalmar os animos, de conter finalmente a revolução.

A imprensa toda fraternisa no empenho common de estabelecer a paz e a concordia dos povos, e de fundar solidamente o novo regimen.

Desgraçadamente antolha-se aos homens da reforma um elemento de perturbação e de guerra: o *partido do throno* que se levanta,

Agora já é pois dos amigos do throno que parte a insurreicção, a discórdia...

Admiravel scenographia esta, tão variada e ins-

Alguns agentes diplomaticos demittem-se e o governo expede enviados extraordinarios para todas as nações, afim de obter o reconhecimento e approvação da nova politica nacional.

A *Assemblea dos Mil* deve reunir-se á 30 do Novembro.

Desde o dia 25 começão a affluir para o Rio os mandatarios das provincias.

Da cidade de S\*\*\* vai muita gente assistir aos festejos.

Havia sido eleito chefe da policia municipal o alfaiate João da Cunha.

Muitos dos revolucionarios devião partir para S. Sebastião á 29.

O barão, no dia seguinte ao das barricadas, se retirara para uma chacara, á 8 kilometros da freguezia. Lá passara mais de 20 dias no mais triste e recolhimento, sendo apenas visitado por um ou outro amigo, que lhe restava.

Como é duro cahir assim!

O que não soffrerá o moral d'esse homem, ainda hontem rodeado de adules e hoje isolado da vida social?

E como estará essa menina, levada com seu velho pai aos empurrões da revolução, que ella tem applaudido?

E' preciso que o mundo se cale diante dos grandes infortunios...

No dia 28, á noite, quando Alfredo se preparava para partir á madrugada, para o Rio, percebeu que havião chegado á porta dois cavalleiros.

Apeão-se e batem palmas.

E' o barão de S. Gil e ... o outro individuo não quiz entrar...

O typographo não ponde disfarçar a surpresa que



e confunde, e o barão, abatido, humilhado, miserando, comprimenta-o em silencio e lhe agradece as finezas da recepção.

—Ha de me dar licença para algumas palavras— disse o velho aristocrata.

—Oh ...V. Ex. tem toda a minha respeitosa attenção...

—Já deve presumir talvez qual o motivo que me traz á sua casa ...

—Vou ter a honra de saber agora, si o Sr. barão se dignar...

—Até hoje —continhou com difficuldade o infeliz nobre —tenho sido injusto com o senhor...

—Com o criado de V. Ex. , Sr. barão ?

—Sim: como ha de concordar—todos teem seus preconceitos, em maior ou menor porção...

Alfredo comprehende que lhe corre o dever de ser um pouco surdo, para não parecer descortez ao seu antigo perseguidor.

—Sei que o Sr. quiz muito desposar a minha filha ...

—Sim, senhor ... —respondeo Alfredo fazendo-se rubro.

—E ha de ter conhecido que eu me oppuz formalmente...

—Sim, senhor...

—Pois quero ter toda a franqueza: um mogo da corte m'a havia pedido e eu folgaria muito que ella casasse com esse rapaz... Porem ella protestou diversas vezes que só casaria com o senhor ... Ella o ama e ...creio que é correspondida...

—Com effusão e extremecimento...

—Bem: eu venho offerecer-lhe a mão de Julia... O mogo reflectio um momento e com muito embargo respondeo:

—Agradeço reconhecidamente, Sr. barão, a honra que me faz e V. Ex. ha de permittir que com



igual franqueza á que V. Ex. teve commigo, eu diga que recuso respeitosa e a mão de sua digna filha ...

—Recusa?! —pergunta o barão, pallido e perplexo.

—Sim, senhor...

—Recusa casar com minha filha?

—Sr. barão... V. Ex. faz a injustiça de suppor que um artista honrado se vende ao povo por amor da filha de...

—Oh ... não continue!...

—Perdão, senhor ... Estou innocente. O meu entusiasmo de criança...

—O Sr. sabe que Julia vai morrer por sua causa?...

—E V. Ex. talvez ignore que escapou por causa de sua filha ...?

—Com quem fallo Sr.?!

—Não é com um assassino ...Tenha a bondade de reconhecer, Sr. barão —disse Alfredo tirando do bolso e apresentando o bilhetinho, em que Julia, no dia da sublevação do povo, mandou pedir que fosse salvar o barão.

—Sim..., eu... eu lhe devo a vida ...

—Não, senhor...deve-a á sua filha.

—Eu devo-a ao senhor, estou bem certo ... E porque não lhe deverei tambem a vida de minha filha?

Alfredo titubeou.

—Mas ...Sr. barão...quantas vezes a morte é oportuna? V. Ex. não duvida ter como genro ... um homem...que acaba de sahir da cadeia?

—Oh! ... como é insupportavel esta minha posição de pai e de proscripto! -exclamou com um gesto de repulsão.

—E como é terrivel, Sr. barão, esta minha posição de noivo e de cidadão!

Batem á porta da sala.

É o homem que não quizera entrar. O barão manda que espere.

—De noivo diz o Sr. ?

—Isso compete á filha de V. Ex...

O velho toma o chapéu.

—Senhor... senhor barão... queira ser indulgente commigo... não tenho intenção de offendel-o...

—Basta ... o opprobrio é para mim.

—Ah !... para quem ama não deve haver... ignominias... e so quem tem orgulho... deve sentir ?... Sr. barão ...deixe dizer tudo ... Eu não seria capaz de fazer-me soldado do povo para alcançar o que a minha condição de artista não merecia...

—Oh !...

—Estive na praça. Sr. barão —disse com força — e amanhã quando V. Ex. procurar-me achar-me-á na officina ....

—E o Sr. não avalia quanto um pai idolatra uma filha...

—Eu amo-a simplesmente... e ella deve ser minha noiva ... escusava que V. Ex. m'a quizesse vender na praça publica...

—Sr. !... repita !...

—Socorrete, Sr. barão: sou o noivo de sua filha...

—E como quer desfeitear-me com uma recusa aviltante ?

—É porque V. Ex. me veio offerecer sua filha depois que a matou !... É porque ...

—Oh ! .. não conclua...

O barão bespede-se.

—Veja bem que eu levo o encargo de apresentar a morte á minha filha ... E a sua honra está empenhada commigo. Sr. Alfredo de Sá.

—Perdão: com a filha de V. Ex ..

E os dois cavalleiros sahem á galope.

São 10 horas da noute.

Julia, ao saber do que se passara entre se o pai e Alfredo, perdeu os sentidos. Depois d'isso, quem

chegasse à casa do barão de S. Gil, veria no leito de dôr uma menina caqaverica e horriovel !

Estava na hypercrise da tísica.

Alfredo mandou dizer á ella, por intermedio de D. Laura, que —*á hora do noivado não saltará.*

---



### XIII

#### O noivado

Durante 5 dias, a população fluminense festejou a chegada dos patriotas das diversas provincias.

Em todos os semblantes brilhavão as esperanças de um futuro mais feliz.

Os edificios publicos, as casas de commercio estavam ricamente enbandeiradas. As ruas, cheias de palmeiras e arcos triumphaes: nos largos, esplendidos coretos e pavilhões.

Os theatros poem-se em gala, as escolas, as igrejas etc..

Os estudantes dos varios cursos, a mocidade em geral devida-se em batalhões patrioticos, hasteando um numero infinito de bandeirinhas auri-verdes.

Grande quantidade de bandas de musica estacionão em varios pontos.

Emfim ---por toda parte festa e signal de vida.

---  
A' 30 de Novembro, no meio de uma pompa nunca vista foi solemnemente aberta a *Assemblea dos Mil*, ao som da *Marselhesa*, executada por vinte e cinco orquestas e as acclamações enthusias-ticas de uma nação inteira.

Inauguradas as sessões da constituinte, os deputados sahião do recinto aos gritos unisonos de —viva o Brasil! —viva o povo! —viva a republica! —e dirigião-se para o enorme e magnifico pavilhão do *Campo da acclamação*, onde devia celebrar-se o grande *Banquete da Nação*.

A' noute a cidade tornou-se deslumbrante. Os theatros regorgitavão e no meio de demonstrações ruidosas os oradores abrilhantavão a tribuna popular, com os diapasões da eloquencia democratica.

No dia seguinte a *Assemblea dos Mil* começou a elaborar a nova Constituição, que foi solemnemente jurada a 10 de Janeiro do anno seguinte.

Foi proclamado o systema—republicano-federativo.

Os poderes constitucionaes são apenas trez. O poder executivo, exercido por um presidente eleito por dois annos pelo Congresso. O poder legislativo, delegado ao Congresso, isto é, ás duas Camaras, dos deputados e dos senadores. Os deputados são eleitos por trez annos e os senadores, por seis; havendo ainda metade do numero de senadores inamoviveis, por eleição do Congresso, sob a condição de ter sido o senador eleito duas vezes pelo suffragio popular. Os decretos legislativos que forem votados por dois terços dos membros do Congresso são leis do paiz, independente da sancção presidencial. A sancção não é attribuição privativa do presidente, mas da maioria absoluta dos membros

do conselho executivo. O presidente da república não é mais do que um executor das leis, e não pode ser reeleito, sem que, de uma a outra eleição, medeie o espaço de oito annos.

O poder judicial é independente. A nomeação dos magistrados é da competência dos congressos provinciaes, que têm a sua organização particular e independente. Os presidentes de provincia são eleitos pelo povo.

As Camaras municipaes compete todo o serviço da economia interna dos municipios, bem como o serviço policial e da instrução publica. As autoridades policieas são nomeadas pelas Camaras municipaes, sob a approvação dos presidentes de provincia, os quaes são sempre subordinados ás assembleas provinciaes.

Os deputados provinciaes são eleitos por municipios, por dois annos.

Cada provincia terá um tribunal de segunda instancia. Os membros deste tribunal serão eleitos pelo suffragio popular, pelo prazo de 4 annos.

Todo cidadão que o requerer á Camara municipal, ou, não sendo attendido, á Assembléa provincial, será eleitor, quer seja nato, naturalisado, ingenuo ou liberto. O Estado não tem religião e os clérigos não podem ter a menor ingerencia em assumptos de competência civil.

Todo o estrangeiro que estabelecer-se no paiz, depois de trez annos, será brasileiro, gozando de todos os direitos de cidadão.

Fica abolida a escravatura.

Fica estabelecida a secularisação dos cemiterios e o casamento civil facultativo.

Cada municipio terá uma ou mais escolas publicas para cada sexo, e outras tantas aulas de officios para o sexo masculino. O ensino de officios é obrigatorio á todos.

E outras reformas importantes f orão consignadas no novoCodigo Fundamental.



Um regosijo unanime commemorava o estabelecimento do regimen livre.

Toda a America se unio para saudar o Brazil, e quasi todas as nações da Europa manifestarão o seu alegre assentimento á nova ordem de cousas.

Promulgada a Constituição republicana, começarão as eleições nas provincias afim de poder o paiz entrar na marcha regular da politica estabelecida.

Mas...

Quando as populações do Rio de Janeiro ardião ainda em festas e divertimentos publicos, Alfredo é chamado á S.<sup>ta</sup> para assistir aos ultimos momentos de sua mãe !

Que sorte cruel a do homem que tem patria e que tem familia !

Depois de tantas peripecias de uma propaganda audaciosa e valente, o moço poudo ser testemunha de um espectaculo imponente, como desfecho dos sacrificios, das lides diuturnas...mas agora se vê no transe supremo da vida...

Chega o momento da ultima proxanção!

O barão ja voltára da chacara. Julia está muito mal e a todos os instantes chama por Alfredo. Lá estão muitas amigas da moça, contemplando o dissolver medonho d'aquella creatura victima da vaidade...

Um as solução...outras olhão o vago d'aquelle semblante ainda alegre e sereno... conversão baixinho... perguntão-lhe o que sente... despedem se... comprimentão-na... fingem um sorriso ...

Mas o marmor é insensivel, é mudo, é frio...

A baroneza e o barão não tem tempo...para chorar... e para ter saudade...

Alfredo entrou como louco no quarto da mãe moribunda, e a abraçou entre lágrimas...

A casa estava cheia de famílias que cercavam o leito da enferma. Ninguém pôde resistir impassível a pena lacerante de testemunhar as desgraças do pobre moço.

São onze horas.

Os médicos assegurão que a molestia é gravíssima.

A maior parte das pessoas retirão-se para a sala, guardando um silencio fúnebre... Outras vão para o interior da casa procurando consolar os filhos da respeitavel matrona.

D'ahi á meia hora, estrondeão os —ais! e os acudão! — e todos correm para o quarto... Approximase a hora da transição...

Alfredo e suas irmãs precipitão-se sobre o leito... os medicos auscultão as ultimas palpações do coração que paralyza... as crianças assustão-se e gritão... entra mais alguém... correm... batem-se... é uma situação bem carregada de prantos e de lucto...

Eis que por entre as pessoas do quarto insere-se ex-abrupto uma rapariga... e... tocando levemente no hombro de Alfredo dá-lhe um bilhete.

« Julia está a expirar. Chama com instancia pelo Sr.. Venha. — *Viriato* »

Viriato é um tio de Julia.

— Vá... vá... vá... já vou... .. vá... ..vá se embora... — diz á portadora do bilhete.

E tresvairado, abandona os momentos finais de quem lhe deo o ser e dispara em direcção da sala.

Procura a sua mala de viagem... remexe-a... apalpa os bolsos... despeja a mala... e toma um pequeno embrulho... Salta á toda a pressa... Algumas pessoas seguem-no...

Da rua voltou ainda e gritou á porta:



—Doutor !... doutor !... salve-a ! ...salve minha mãe, doutor !...

E foi-se para a casa do barão. Lá chegando, viu este de pé, no corredor, a soluçar... Indicou ao moço, com um simples movimento de cabeça, a porta do quarto em que Julia agonisa.

Ao ver Alfredo, a virgem moribunda fulminou-o com um olhar... Elle cahio em ancias de dor aos pés da infeliz... Tomou-lhe as mãos frias... quiz defendel-a da tísica voraz...mas tremeo e sentio fogo no peito...

Encostada sobre uma parede está Joanna, aquella mesma que levou o aviso da entrevista ao moço... A baroneza sustem a cabeça de Julia...

A camara mortuaria tem um ar escuro e suffocante ... A baroneza pede que se affastem um pouco mais da cama ... O barão ainda não fallou hoje á filha...

O sol entra pelas janellas da sala e augmenta o calor... Cerrão as janellas e toda a casa está em trevas. No quarto ardem duas lamparinas, que dão pouca luz...

Julia está immovel ... Alfredo chora...

De repente ...os olhos da menina se vão fechando... o rosto se contrahе ...as mãos convulsionão... está expirando !...

Alfredo desentlea um pequeno vidro ...

—Julia ! Julia !

Não palpita mais.

Liba o liquido esverdeado que o vaso centem...

—Joanna ... está morrendo !...

A criada toma o vidro... e o moço debruça-se sobre o... cadaver ...

Todos acodem entre gritos pungentes...

Mas já é tarde !

Vem um menino dizer que D. Ignacia acaba de expirar ...



A baroneza, Joanna e as amigas de Julia estão inclinadas sobre os dois cadáveres. .

O barão que contempla o quadro, de longe, com as mãos na cabeça, exclama :

—E a honra é isto !....

No dia seguinte, quando em todos os campanários do Brazil tremulavão ovantes os estandartes tricolores da república, trez tumbas ião para o cemiterio....

Erão trez anjõs que fazião juntos a romaria da eternidade !

FINE



26109



